

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO

THAYNNÁ MIRANDA CHAVES

**A HETEROGENEIDADE DA ESCRITA ARGUMENTATIVA EM
PRODUÇÕES ACADÊMICAS**

Uberaba - MG

2020

THAYNNÁ MIRANDA CHAVES

**A HETEROGENEIDADE DA ESCRITA ARGUMENTATIVA EM
PRODUÇÕES ACADÊMICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Fundamentos Educacionais e formação de professores.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marinalva Vieira Barbosa

Uberaba - MG

2020

**Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do
Triângulo Mineiro**

C438h Chaves, Thaynná Miranda
A heterogeneidade da escrita argumentativa em produções
acadêmicas / Thaynná Miranda Chaves. -- 2020.
146 f. : graf., tab.

Dissertação (Mestrado em Educação). -- Universidade Federal
do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2020
Orientadora: Profa. Dra. Marinalva Vieira Barbosa

1. Escrita. 2. Oralidade. 3. Linguística. 4. Produção de textos
I. Barbosa, Marinalva Vieira. II. Universidade Federal do Triângulo
Mineiro. III. Título.

CDU 81'42

Dedico este trabalho a Deus, por ter sido minha maior força!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por não deixar que os momentos ruins se tornassem rotina em minha vida.

Aos meus pais, Onofre e Sandra Mara, pela admiração, carinho e amor. Obrigada por sempre me entenderem, me dar colo, enxugar minhas lágrimas e dizer “Tudo vai dar certo, minha filha!”. Meu eterno respeito por serem pais que honram esse desafio enviado por Deus, já que nos amam e nos protegem acima de tudo e de todos. É por vocês e para vocês!

À minha irmã, Thuanny, pela amizade fiel e acalento nas horas difíceis. Nunca me esquecerei de nossas conversas na madrugada, por vídeo ou áudio, seus conselhos e também seu olhar triste a me ver preocupada. Irmã que luta, defende e busca sempre conseguir o meu sorriso. Nosso carinho é mútuo e admirado por todos. Você é o maior presente de minha vida!

Ao meu sobrinho/afilhado, Afonso, que, desde março de 2019, mudou os meus dias. Mesmo no ventre de sua mãe, trouxe-me uma força inexplicável. Fez-me perceber que os desafios da vida podem ser vencidos com leveza. Isso, pois, a cada ultrassom, mexidinha na barriga, roupinha comprada, organização do quatinho, trouxe cor e luz à minha vida. Com sua chegada tudo fluiu melhor. É o amor da dindinha e maior riqueza desse mundo!

Ao meu esposo, Vanderley Júnior, por ser meu sustentáculo. Obrigada por entender meus momentos ausentes, de impaciência e nervosismos e nunca desistir de mim. Por perceber quando eu só preciso de um abraço. Por não deixar que eu desistisse, porque sabia que eu chegaria ao fim. Seu amor e companheirismo fazem da minha vida mais feliz!

Aos meus familiares pelas energias positivas e preocupações. Às amigas Angélica, Bárbara, Mariana, Naiara e Fernanda por trazerem palavras amigas, as quais sempre me ajudaram a distrair e acreditar em um futuro promissor.

À professora Dra. Marinalva pela paciência, orientação e grandes aprendizagens. Obrigada por esclarecer as dúvidas e ensinar-me o caminho.

Aos professores Adriana e Acir, pela leitura minuciosa e atenção ao trabalho. Excelente banca avaliadora.

À todos os professores do PPGE e colegas da turma VII, pelas reflexões e novos olhares sobre a educação e seu problemas.

À CAPES pelo incentivo financeiro que auxiliou no foco e dedicação aos meus estudos.

Enfim, a todos que torceram por essa conquista e vibram por minha felicidade!

RESUMO

O presente trabalho analisa, com base na concepção dialógica de sujeito e linguagem (Bakhtin/Volochinov, 1929), no conceito de heterogeneidade da escrita (CORRÊA, 2004), no conceito de atividade linguística (GERALDI, 1997) e na compreensão das dificuldades e estratégias de organização dos textos (CHAUÍ, 2008 e MORAES, 2003), produções escritas de graduandos de um curso de licenciatura da UFTM, e averigua se a relação entre oralidade e escrita se mantém como elemento constitutivo da escrita na universidade. Trata-se de uma pesquisa que discute as práticas de escrita desenvolvidas por sujeitos que estão em formação acadêmica e, por isso, assumimos a premissa de que a escrita e a leitura são constitutivas desse sujeito e do conhecimento inerente à sua formação. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa e indiciária sendo fundamentada em Esteban (2010), Minayo (1994) e Ginzburg (1999). O *corpus* é composto por textos produzidos por graduandos de um curso de licenciatura da área de ciências humanas da UFTM, elaborados para conclusão da disciplina “Leitura e Produção de Textos”. Após, analisamos os discursos realizados nas produções escritas utilizando os critérios de análises propostos por Corrêa (2004) para verificar a relação entre oralidade e escrita. Por fim, com os resultados desta pesquisa, esperamos contribuir para a construção de um novo olhar para os modos de constituição da escrita na universidade.

Fonte financiadora do Estudo: Capes.

Palavras-chave: Heterogeneidade; Escrita; Oralidade; Produção de Conhecimento.

RESUMEN

El presente trabajo analiza, basado en la concepción dialógica del sujeto y el lenguaje (Bakhtin / Volochinov, 1929), el concepto de heterogeneidad de la escritura (CORRÊA, 2004) y el concepto de actividad lingüística (GERALDI, 1997), y comprender las dificultades y estrategias para organizar textos (CHAUÍ, 2008 y MORAES, 2003), producciones escritas de estudiantes de licenciatura en ciencias humanas de la UFTM, y averigua si la relación entre la oralidad y la escritura sigue siendo un elemento constitutivo de la escritura en la universidad. Es una investigación que discute las prácticas de escritura desarrolladas por sujetos que están en formación académica y, por lo tanto, asumimos la premisa de que la escritura y la lectura son constitutivas de este tema y el conocimiento inherente a su formación. La investigación se caracteriza por ser cualitativa y por evidencia basada en Esteban (2010), Minayo (1994) y Ginzburg (1999). El corpus está compuesto por textos producidos por estudiantes universitarios de un curso de licenciatura en el área de ciencias humanas de la UFTM, preparados para la conclusión de la disciplina "Lectura y producción de textos". Posteriormente, analizamos los discursos realizados en las producciones escritas utilizando los criterios de análisis propuestos por Corrêa (2004) para verificar la relación entre la oralidad y la escritura. Finalmente, con los resultados de esta investigación, esperamos contribuir a la construcción de una nueva mirada a las formas de constitución de la escritura en la universidad.

Fuente de financiación del estudio: Capes.

Palabras llave: heterogeneidad; Escritura; Oralidad; Producción de conocimiento.

LISTA DE SIGLAS

AD – Análise do Discurso

DA – Dissertação Argumentativa

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

GEPADLE - Grupo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso Leitura e Escrita.

LPT – Leitura e Produção de Textos

MC – Metodologia Científica

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

TLC - Termo Livre de Consentimento

UFTM - Universidade Federal do Triângulo Mineiro

LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS

Quadro 1: Fala <i>versus</i> escrita.....	26
Quadro 2: Dicotomias estritas.....	28
Gráfico 1: Temas abordados nas dissertações – <i>Corpus</i>	35
Quadro 3: Discursos da escrita e do aprendizado da escrita.....	45
Quadro 4: Escrita e sua materialização.....	46
Quadro 5: Porcentagem de ocorrências das regularidades linguísticas próprias de cada eixos.....	97

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCRITA	15
1.1. Escrita na Universidade.....	15
1.2. Disciplinas Metodologia Científica e Leitura e Produção de Textos.....	19
1.3. A tarefa da produção textual: Dissertação Argumentativa e suas normas – escola e universidade.....	21
1.4. Escrita e oralidade no ambiente escolar.....	24
1.5. Visão dicotômica.....	26
CAPÍTULO II – METODOLOGIA E COLETA DE DADOS.....	29
2.1. Concepções de Pesquisa Qualitativa.....	29
2.2. Paradigma Indiciário: metodologia da pesquisa.....	30
2.3. Contexto da Produção dos Dados.....	33
2.4. Proposta da Produção dos Dados.....	34
CAPÍTULO III - CONCEPÇÕES TEÓRICAS.....	38
3.1. Concepções de Sujeito, Discurso e Linguagem.....	39
3.2. Concepções de Escrita e Conhecimento.....	42
3.3. Heterogeneidade Constitutiva da Escrita.....	47
3.4. Escrita Argumentativa – Tipo textual.....	54
CAPÍTULO IV– DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	56
4.1. Regularidades linguísticas: Os três eixos propostos por Corrêa (2004).....	56
4.2. Análise do 1º Eixo: Escrevente que assume a escrita como uma possibilidade de representação integral do oral/falado (circulação pela suposta gênese da escrita).....	57
4.2.1. Pelo tipo de mixagem entre o oral/falado e o letrado/escrito que o escrevente propõe.....	58
4.2.2. Pelo modo como o próprio escrevente se representa em sua escrita... 73	
4.2.3. Pelos recursos argumentativos que marcam a representação do escrevente sobre a gênese da escrita.....	78
4.3. Análise do 2º Eixo: Escrevente que assume a escrita como código institucionalizado.....	80
4.3.1. Marcas sintáticas - quanto à construção do sintagma nominal.....	80
4.3.2. Marcas sintáticas - Estruturação intrincada da frase.....	83
4.3.3. Marcas ortográficas - Procedimentos e convenções ortográficas tomados ao pé da letra.....	86
4.4. Análise do 3º Eixo: Escrevente e a dialogia com o já falado/escrito.....	88
4.4.1. Presença de outro enunciador no texto do escrevente.....	89
4.4.2. As referências a um registro discursivo.....	93
4.4.3. Remissões ao próprio texto.....	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
REFERÊNCIAS.....	102
ANEXOS.....	105

INTRODUÇÃO

Uma só voz nada termina, nada resolve.
Duas vozes são o mínimo de vida.
(BAKHTIN, 1992, p. 154).

Esta pesquisa analisa a heterogeneidade da escrita em produções acadêmicas de graduandos de um curso de licenciatura da área de ciências humanas da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). A pesquisa tem como objetivo geral verificar, por meio de uma análise discursiva, a heterogeneidade da escrita dos graduandos do curso pesquisado e de que maneira a relação entre a oralidade e a escrita aparece como elemento constitutivo dos processos de aprendizagem da escrita na universidade.

A motivação para pesquisar este tema surgiu após o término da graduação em Letras - português/espanhol mediante o desejo de permanecer pesquisando na mesma linha desenvolvida no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Neste, pesquisei sobre os desvios de ortografia em textos de alunos de uma escola pública de Uberaba - MG, que cursavam o primeiro ano do ensino médio. Com os resultados, foi possível perceber que a oralidade estava muito presente na escrita e era a grande causadora do que os professores comumente chamam de “erros”. Por isso, veio o interesse em analisar se essa característica permanece no momento de aprendizagem da escrita acadêmica.

Esta pesquisa sobre a escrita integra um projeto maior, intitulado “Leitura e escrita no Brasil, Honduras, Angola e Chile: formação na universidade contemporânea e (re)produção de conhecimento¹”. O grupo de pesquisadores deste projeto é composto por estudiosos de onze instituições de ensino superior brasileiras (USP, UFMA, UFRN, UFBA, UFPA, UEFS, UFSB, IFRO, UFTM, UNIUBE, FATEC) e três instituições internacionais (Universidad de La

¹ Este projeto tem como objetivo analisar a leitura e a escrita acadêmica de alunos de diferentes áreas, inseridos em contextos culturais diversos, com vistas a verificar traços definidores dessas produções e problematizar a universidade contemporânea, tanto como espaço de formação de sujeito produtor de conhecimento, quanto, conseqüentemente, como espaço de produção de conhecimento. A questão que define o eixo da investigação é: A leitura e a escrita ensinadas na universidade contemporânea se configuram como um recurso constitutivo de conhecimento em diferentes áreas e, conseqüentemente, formativas dos sujeitos que as produzem? Com base nessa questão, pretende-se problematizar a leitura e a escrita enquanto produção resultante de uma formação oferecida pela universidade e enquanto práticas que dão materialidade à produção de conhecimento e à atuação profissional dos formados por esta instituição (BARBOSA, 2018, p. 04) – CAAE:65863517.4.0000.5154.

Serena/Chile; Instituto Superior de Ciências da Educação do Cuanza Sul, ISCED CS da Universidade KatyavalaBwila, UKB/Angola e Universidad Pedagógica Nacional Francisco Morazán/Honduras). O objetivo principal deste projeto maior é investigar a constituição da escrita e o papel que exerce na constituição do sujeito e da produção de conhecimento.

Após a definição do problema e dos objetivos desta pesquisa, que tem relação com os objetivos e responde a questões postas nesse projeto maior, buscamos responder ao seguinte questionamento: A relação entre oralidade e escrita é constitutiva das produções escritas dos graduandos?

Mediante essa pergunta, o pressuposto assumido é o de que as dificuldades relacionadas à aprendizagem da escrita enfrentadas na universidade, ou seja, a forma com que graduandos se relacionam com a língua e com os conhecimentos adquiridos no início de sua formação são problemas que perpassam as diferentes etapas de escolarização. Assim, problematizamos a relação entre a oralidade e a escrita enquanto percurso necessário e constitutivo da formação inicial na universidade.

Compreender esse processo é relevante porque a escrita ensinada nas universidades contemporâneas é um recurso utilizado para desenvolvimento do conhecimento em diversas áreas; afinal, é por meio da linguagem que os sujeitos interagem, ou seja, é por meio dela que se constituem. Dessa maneira, considerando a escrita como constitutiva dos sujeitos, discutimos como está sendo desenvolvida por indivíduos que se encontram na universidade, passando pelo processo de formação acadêmica.

O *corpus* desta pesquisa é composto por 31 (trinta e um) textos dissertativos argumentativos (DA). Tais textos foram elaborados para a conclusão da disciplina “Leitura e produção de textos” de um curso de licenciatura da área de ciências humanas da UFTM. Neles são analisados os três eixos propostos por Corrêa (2004), obra que nos baseamos para os nossos estudos. Os eixos abordados nos capítulos III e IV são: O escrevente² que assume a escrita como uma possibilidade de representação integral do oral/falado (circulação pela suposta gênese da escrita); o escrevente que

² Corrêa denomina os sujeitos de seu *corpus*(vestibulandos) como *escreventes*; em nosso trabalho utilizamos graduandos.

assume a escrita como código institucionalizado e o escrevente e a dialogia com o já falado/escrito.

A metodologia e a fundamentação teórica foram definidas a partir de estudos desenvolvidos nas disciplinas cursadas no primeiro ano do mestrado e nas leituras realizadas no Grupo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso Leitura e Escrita – Gepadle³. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa sendo fundamentada em Esteban (2010) e Minayo (1994). A metodologia é baseada na concepção de paradigma indiciário tal como proposta por Ginzburg (1999) que tem como estratégia estudar a particularidade individual de seu objeto. Por se tratar de buscar por vestígios e pistas linguísticas, utilizamos esta metodologia para analisar o texto dos graduandos e nas particularidades as marcas que demonstram a heterogeneidade na escrita.

Para alcançar os objetivos propostos, a base teórica foi composta pelas concepções dialógicas de sujeito, discurso e linguagem de Bakhtin/Volochinov (1929), no conceito de heterogeneidade da escrita desenvolvido por Corrêa (2004) e no conceito de atividade linguística como é dada por Geraldi (1997).

O trabalho é estruturado em quatro capítulos, conforme apresentado a seguir.

O capítulo I, intitulado “Contextualização da Escrita”, reflete sobre a escrita na universidade e seus principais problemas. Além disso, aborda o drama da produção textual enfrentado pelos graduandos. Também, descrevemos as disciplinas “Metodologia Científica” e “Leitura e Produção de Textos”, pois são disciplinas que visam ensinar como escrever na universidade e lidar com os variados tipos textuais propostos durante as graduações. Por fim, tratamos da relação entre escrita e oralidade e a visão dicotômica existente, principalmente, iniciada no âmbito escolar.

³ O Grupo de estudos e Pesquisas em Análise do Discurso, Leitura e Escrita, coordenado pela Profa. Marinalva Vieira Barbosa, está cadastrado no CNPQ: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8627014156087782. Focaliza a produção de conhecimento e se fundamenta nas teorias do discurso para estudar a importância da leitura e da escrita para a educação universitária, bem como para a escola básica. Dentre as preocupações que o norteiam, estão as questões relacionadas ao aprendizado da leitura e escrita em todos os níveis de escolarização. Dos princípios fundamentais que norteiam o grupo, está a defesa do conhecimento atrelado a uma preocupação política que visa suscitar reflexões que se sustentem na prática de ensino, gerando produtos de pesquisa, extensão e de cultura. É instância de formação para alunos de graduação, pós-graduação e docentes, bem como lócus de trocas entre os que se interessam nesses temas e/ou temas afins.

No capítulo II, “Metodologia e Coleta de Dados”, apresentamos a conceituação da pesquisa qualitativa e os motivos pelos quais a tomamos como base para desenvolvimento da pesquisa. Após, abordamos o paradigma indiciário a partir de Ginzburg (1999), que utilizamos como metodologia de pesquisa. Por fim, tem-se o contexto da produção dos dados de análise e a proposta utilizada para a elaboração destes.

O capítulo III, denominado “Apresentação das Concepções Teóricas”, apresenta o arcabouço teórico trazendo a contextualização dos conceitos de sujeito, discurso e linguagem (Bakhtin/Volochinov, 1929), as concepções de escrita (GERALDI, 1997) como uma forma de produção de conhecimento, para a compreensão das dificuldades e estratégias de organização dos textos (CHAUÍ, 2008 e MORAES, 2003), e, ao final, as principais reflexões propostas por Corrêa (2004) em seu livro “*O Modo heterogêneo de constituição da escrita*”. Tais reflexões, reconhecidas como regularidades pelo autor, são fundamentais, visto que com base nelas organizamos o nosso olhar em relação aos textos dos graduandos.

Por fim, o capítulo IV, “Descrição e Análise dos Dados”, traz a junção da teoria e da prática, ou seja, é nesse momento que unimos a teoria estudada, com os textos (dissertações argumentativas) para as análises, por meio das pistas linguísticas e dos indícios para desenvolver nossa pesquisa. Trata-se de explicar os três eixos propostos por Corrêa (2004) e a apresentação das análises por meio das categorias aplicadas.

Diante disso, as finalidades desta pesquisa são descritivas, avaliativas e interpretativas, tratando de refletir sobre a heterogeneidade constitutiva da escrita e de que maneira a relação entre a oralidade e a escrita aparece enquanto resultado de uma formação inicial desenvolvida em diferentes contextos por sujeitos que ainda estão em formação acadêmica.

CAPÍTULO I – CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCRITA

Refletir sobre a escrita na universidade e seus principais problemas é essencial para entendermos o drama textual existente na graduação de muitos alunos. Neste capítulo, trazemos essa reflexão e, além disso, descrevemos as disciplinas “Metodologia Científica” e “Leitura e Produção de Textos”, visto que são conteúdos estudados na universidade para melhorarem a escrita e lidar com os diferentes tipos textuais acadêmicos. Também, discutimos a relação entre escrita e oralidade e sua visão dicotômica, principalmente de origem escolar.

1.1 Escrita na Universidade

A realidade da escrita no contexto universitário tem caráter preocupante, visto a falta de conhecimento básico dos graduandos que ingressam no ensino superior. De acordo com Neves (2007), à escola foi atribuída à responsabilidade de formar sujeitos da escrita e leitores, tendo o professor de língua portuguesa como principal executor desse processo. Porém, ainda de acordo com autora, estudos apontam o insucesso da escola na realização dessa empreitada.

Produzir uma reflexão sobre a escrita e, principalmente, sobre a produção de conhecimento no ensino superior exige considerar, não perder de vista o desenvolvimento do aprendizado da escrita até a graduação. No que diz respeito ao ensino da escrita na universidade, faz-se necessário, portanto, considerar as concepções que o aluno constrói, nas etapas anteriores de escolarização, sobre o que se tem por “escrever bem/boa escrita”. Principalmente, é importante ter em vista a relação que estabelecem com a oralidade e a escrita.

Pesquisas acadêmicas têm demonstrado que muitos graduandos preferem, nas atividades acadêmicas, a oralidade justamente por causa da dificuldade que encontram para utilizar a escrita como recurso de construção dos textos, argumentos e opiniões. Sobre isso, Estupiñán (2007) afirma que:

son muy sobresalientes las dificultades en cuanto a la escritura y a la lectura en la universidad, además el contacto con el texto escrito despierta, en los estudiantes, aburrimiento, miedo e indiferencia, actitudes estas que muchos profesores tratan de evitar realizando actividades de aula centradas en la comunicación oral. Esto también demuestra que los estudiantes expresan mejor su pensamiento y su conocimiento a través del texto oral que del texto escrito, eso a pesar del nerviosismo que genera el hecho de presentar, por ejemplo, una prueba cara a cara con el profesor. (ESTUPIÑÁN, 2007, p. 1)

Na esteira dos estudos de Estupiñán (2007), Figueiredo e Bonini (2006), é possível inferir que o rigor exigido pela escrita formal leva os graduandos a preferirem apresentações de trabalhos e provas orais, ao invés de exercícios que necessitem utilizar a escrita. Estupiñán (2005) diagnostica isso ao estudar a escrita acadêmica e perceber problemas como: cópias errôneas e não reflexão das citações, trechos incompletos afetando a coerência e coesão e poucas inferências e saberes prévios adequados.

De acordo com Figueiredo e Bonini (2006)

Muitos alunos demonstram dificuldade na produção de trabalhos escritos, tanto no que se refere à forma do texto quanto à construção de uma linha argumentativa e/ou expositiva que possibilite a exposição e discussão clara de teorias, fatos, ideias e posições pessoais. (FIGUEIREDO; BONINI, 2006, p. 5).

A hipótese possível para explicar tais dificuldades é a de que os graduandos chegam ao meio acadêmico sem conhecimento dos tipos textuais científicos e sem familiaridade com um discurso crítico, reflexivo específico. Lacunas trazidas do âmbito escolar perduram, em alguns casos, durante a graduação.

Diante disso, pesquisas que investigam a escrita na universidade buscam contribuir com a formação permanente e com a construção de metodologias de ensino que levem a produção intelectual e acadêmica desses graduandos. Portanto, a melhora da escrita nesse nível de escolarização depende também dos professores universitários. Estupiñán (2007) anuncia que “nuestra responsabilidad de maestros, en cualquier área del conocimiento es, entonces, mejorarla partiendo del conocimiento de las dificultades de nuestros educandos, a fin de aplicar los métodos necesarios y adecuados” (2007, p. 2).

Além disso, devido aos problemas governamentais e sociais, o conhecimento, a produção científica e a escrita acadêmica têm sido um desafio para a educação nacional, ou para pelo menos os cidadãos que se preocupam com tal problema. Para Demo (2004, p.101), quando se discorre sobre esses serviços escolares e universitários que são prestados à sociedade, necessita-se de “fazer nela (escola) ambiente de pesquisa para os alunos e motivação viva para o professor, é quase um milagre”. Ou seja, é um desafio.

De acordo com Estupiñán (2005), o fato de escrever um texto que argumente e exponha ideias tem grande importância na vida profissional daqueles formados na universidade e que, após, vão para o mercado de trabalho. A autora reitera que:

El texto expositivo y argumentativo, constituye un factor crucial en el desarrollo de profesionales competentes y, básicamente, de ciudadanos críticos y reflexivos de su entorno mediato e inmediato, es necesario observar los procesos de lectura y escritura de los estudiantes que ingresan a la educación superior. La lectura y la escritura son puertas que abren el mundo del conocimiento y posibilitan la entrada a la sociedad y a los ámbitos académicos (...). (ESTUPIÑÁN, 2005, p. 3).

Na universidade é que se inicia a formação apontada pela autora como fator crucial para o desenvolvimento de profissionais competentes, cidadãos críticos e reflexivos. Sobre essa formação na universidade, Marques (1998) afirma que:

Em se tratando do processo formativo são determinantes as condições com que se apresentem os candidatos a cada curso, devendo o pesquisador ser preparado e acompanhado pelo e do estudo mais aprofundado de determinadas disciplinas, ou unidades de estudos, no sentido de que se criem os requisitos indispensáveis à pesquisa de forma a dar unidade de condições a toda a turma de estudantes. Não basta, porém, que assistam passivamente os alunos a aulas magistrais. (MARQUES, 1998, p.36).

Portanto, o professor, na universidade, necessita dar atenção à escrita, aos saberes sobre essas atividades que os iniciantes apresentam. Auxiliar de forma reflexiva, com reescritas e releituras, para que nos estudos mais aprofundados, principalmente em matérias específicas do curso como o TCC, os graduandos possam ter êxitos.

A escrita na universidade é diferenciada, dado que exige elaboração mais aprofundada do que se vê na educação básica. Para Russel (2009, p. 241), a escrita “não é uma habilidade generalizável que se aprende de uma vez por todas, mas uma conquista ou feito que pode ser desenvolvido, que requer muita prática”. Portanto, compreendemos que com os erros cometidos no início e com a prática de escrita de diferentes tipos textuais acadêmicos, a aquisição dessa modalidade de uso da linguagem ocorre progressivamente.

Aprender uma língua, principalmente a língua materna, é um processo constitutivo de socialização dos sujeitos, ou seja, o aprendizado da língua não

se limita a normas gramaticais, formas e padrões, mas é sim uma junção de todas essas características a um processo em que a comunicação ocorre, pois é esta a principal função no processo de construção de conhecimento. O sujeito se desenvolve por meio da língua. Bakhtin (1979) afirma que é através dos gêneros do discurso que os indivíduos se constituem por e para as atividades humanas e interações sociais. Ou seja, para que o graduando se sinta seguro ao escrever resumos e resenhas, por exemplo, é preciso necessariamente que se insira em práticas de leitura e escrita de textos em diferentes tipos textuais.

A partir da escrita de um texto (re)conhecemos o sujeito que a produz, suas crenças, seus valores, suas ideias, seu contexto histórico-cultural e as formas de manifestar seus pensamentos. Assim, a maneira e o ato de escrever passam por constantes mudanças, já que a língua não é homogênea e nem estática, é heterogênea e evolui com o passar do tempo, uma vez que é resultado da maneira como os falantes a utilizam. Portanto, a língua é viva porque existem sujeitos que a formulam, constroem e desconstroem seus elementos linguísticos: a escrita, a oralidade e a própria interação discursiva.

Uma produção escrita evidencia sujeitos inseridos em diferentes contextos socioculturais e demonstra o motivo pelo qual se escreve, o porquê e para quem. Associando essa noção de escrita ao contexto de educação superior, conhecida como produção acadêmico-científica, é de grande importância que os graduandos tenham uma trajetória como estudantes que consigam obter dois processos que desenvolvem e fortalecem a sua formação de maneira integral: a leitura e, principalmente, a escrita. Sendo assim, ambas são condições básicas que oferecem suporte à pesquisa e ao ato de investigar, acompanhando e promovendo a capacitação para o descobrimento e produção de novos conhecimentos.

Chauí (2008) afirma que há muitos desafios a serem enfrentados pela educação universitária e um deles é o desenvolvimento de conhecimento e a clareza de seu sentido político, pois há de se analisarem as respostas e as responsabilidades que estas produções dão à sociedade como um todo. Para isso, o foco na formação precisa ser o desenvolvimento de capacidades básicas dos cidadãos. Tudo isso aponta como estratégia ao aprendizado contemporâneo:

- a) capacidade reflexiva e crítica;

- b) capacidade de solução de problemas;
- c) capacidade de selecionar a informação relevante nas áreas de trabalho, cultura e exercício da cidadania, que lhe permite tomar decisões corretas;
- d) capacidade de buscar espaços intermediários de conexão entre os conteúdos das várias disciplinas, de modo a realizar projetos que envolvam a aplicação de conhecimentos ou procedimentos próprios de diversas matérias;
- e) capacidade de apreciar a leitura e a escrita, o exercício do pensamento e a atividade intelectual, de modo geral (CHAUI, 2008, p. 34).

Nessa perspectiva, para que a educação universitária seja bem-sucedida, deve preparar os graduandos para dialogarem com o conhecimento que lhes é transmitido na forma de herança cultural e assim produzir novos conhecimentos, em diferentes contextos sociais.

Segundo Geraldi (1984), é por meio do texto que acontece a interação dos sujeitos. Para o autor, a prática anterior ao ensino de língua portuguesa privilegiava o ensino da gramática normativa, porém não permitia que o aluno se constituísse como sujeito e dono de seu pensar. É papel do professor de língua portuguesa fazer com que os alunos saibam o que estão informando ou querendo dizer por meio das palavras e não somente a forma correta exigida pela gramática.

A partir dessas concepções de Geraldi (1984), percebemos que o texto é tomado como objeto de ensino, fazendo com que o trabalho do professor em sala de aula exija um conhecimento pautado nas concepções de linguagem e de sujeito. Nesse ínterim, é notável que o sujeito no ato de escrever traz uma concepção de escrita que oferece resultados subjetivos constitutivos e que o demonstra como sujeito de conhecimento.

1.2 Disciplinas Metodologia Científica e Leitura e Produção de Textos

Bastante frequentes em currículos de graduação de diferentes áreas, há duas disciplinas que tem como princípio ensinar os graduandos a escrever na e para a universidade. “Metodologia Científica - MC” e “Leitura e produção de textos - LPT” são disciplinas que pretendem possibilitar ao aluno construir uma concepção de que a leitura e a escrita nesse momento da sua formação ainda podem ser compreendidas.

Na UFTM, a partir dos planos de ensino⁴ de tais disciplinas, percebemos que as ementas propõem aos alunos diferentes saberes relacionados à escrita. As ementas sobre “Metodologia científica” descrevem que durante o semestre serão abordados métodos e técnicas de leitura, análise e interpretação de textos científicos, produção de textos e materiais utilizando a linguagem científica, procedimentos oficiais na elaboração de trabalhos acadêmicos e científicos. Apresenta-se como objetivos apreender, de modo sucinto e geral, algumas diferenças e semelhanças entre tipos de conhecimento e abordagens filosóficas do conhecimento, analisar alguns dos principais pontos de reflexões contemporâneas sobre o conhecimento e a prática do pensar e do investigar, compreender os elementos políticos, éticos, sociais, econômicos e culturais que perpassam a pesquisa científica. Além disso, conhecer tipos de trabalhos acadêmicos e normas técnicas da ABNT, para a construção e apresentação de trabalhos científicos, ou seja, os processos da pesquisa científica: planejamento, realização e publicização.

No que diz respeito à LPT, tem-se como ementa fazer reflexões sobre a linguagem, entender as concepções de leitura, escrita, texto, discurso, textualidade e argumentação. Ademais, compreender o texto e suas propriedades, coerência, coesão, aspectos gramaticais etc. Barzotto (2014) ao explicar a ementa de LPT e como ela se organiza, afirma que

Algumas vezes, o objetivo da disciplina é levar o aluno a um nível considerado adequado do ponto de vista gramatical. Outras vezes, com mais força recentemente, mas ainda vinculado a aspectos formais, o objetivo é levar ao reconhecimento e imitação de elementos linguísticos e estruturais, com nuances de descrição do contexto (BARZOTTO, 2014, p. 22).

As disciplinas MC e LPT têm, então, como objetivos realizar discussões e atividades que desenvolvam as competências de leitura e de produção textual. Essas práticas buscam incentivar e melhorar o processo de formação de leitores, por conseguinte, de escritores em busca do contínuo amadurecimento intelectual

⁴ Foi feito um estudo dos planos de ensino de 2019/1, do Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS), Instituto de Ciências Exatas, Naturais e Educação (ICENE) e Instituto de Ciências Tecnológicas e Exatas (ICTE) - UFTM.

e humano e ampliar as experiências textuais dos graduandos como leitores e como produtores textuais.

Desse modo, Marinho (2010) afirma que

As constantes queixas de professores universitários (e dos próprios alunos) de que os alunos têm dificuldade na leitura e na produção de textos acadêmicos nos alertam para a necessidade de transformar essas queixas em propostas de ensino e de pesquisa (MARINHO, 2010, p. 364).

É fundamental, que a universidade, durante o período que os graduandos fazem seus cursos, entenda o drama existente na escrita destes, em razão de ser uma deficiência trazida do ensino regular. As dificuldades mais recorrentes⁵ seriam em relação ao posicionamento no texto, ter criticidade, saber utilizar o conhecimento do “outro”, fazer citações, longas orações e parágrafos extensos que causam confusão, pontuação, repetições de palavras desnecessárias, uso de primeira pessoa, falta de segmentação do texto, ortografia, marcas de oralidade e concordância nominal e verbal.

Além disso, essas duas disciplinas se complementam. A primeira (MC) dispõe de 30 horas/aula em sua carga horária, e a segunda (LPT) são 60 horas/aula. Ambas ministradas no primeiro semestre do curso. Pensamos que, mediante as dificuldades vivenciadas, as disciplinas “Metodologia Científica” e “Leitura e Produção de Textos” deveriam ser cursadas por dois semestres para melhorar essas e outras limitações vindas do ensino fundamental e médio.

1.3 A tarefa da produção textual: Dissertação Argumentativa e suas normas – escola e universidade

Em qualquer nível de ensino, o objetivo principal da disciplina de língua portuguesa é propiciar aos estudantes condições para que desenvolvam, por meio da linguagem, sua capacidade de discursividade e expressão na linguagem oral e escrita. Ao decorrer do ensino da língua portuguesa:

⁵Essas dificuldades foram notadas a partir da experiência no estágio docente realizado na disciplina “Leitura e produção de textos” e num curso de licenciatura da UFTM no primeiro semestre de 2019. Ao auxiliar a professora da disciplina nas correções textuais a mestranda teve essa percepção.

O aluno deve ser levado a escrever para equacionar problemas, buscar esclarecimentos, organizar ideias, dar palpites, reordenar conjuntos de ideias numa linguagem própria, pessoal, capaz de expressar com clareza e precisão o seu depoimento a respeito da realidade observada. (GUEDES, 1994, p. 11).

Devem entender que o texto demonstra seu posicionamento em relação ao tema, ideias e argumentos sobre o que se quer dizer. Devem perceber a importância da linguagem em sua vida, que é tida como a principal forma de interação humana, pois “através dela o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria praticar a não ser falando. Com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistem antes da fala” (GERALDI, 1991, p. 43).

Assim, desde o processo de alfabetização, as crianças já iniciam a convivência com a escrita quando começam a escrever seus nomes, depois palavras, frases, até chegarem a textos. Ao passar do tempo, no ensino fundamental há o primeiro contato com a leitura obrigatória de livros de literatura para que depois escrevam sobre a parte que mais gostou, sobre o que a história conta etc. Após, iniciam a prática de redações para posteriormente terem conhecimento sobre a dissertação argumentativa.

A dissertação no âmbito escolar é tratada como um gênero textual que constrói uma opinião sobre algum tema proposto pelo professor, a fim de melhorar a capacidade argumentativa dos alunos. Nesse tipo de texto não se apresenta de imediato uma opinião acerca do tema proposto, acrescentando argumentos que sustentem essa opinião, porque dissertar é mais que isso; não é somente dizer o que pensa com enunciados improvisados, mas demonstrar o que se pensa, por meio de pensamentos e opiniões gradualmente construídos, colocando em visibilidade os argumentos.

De acordo com minhas experiências como estagiária da disciplina de Leitura e Produção de Textos⁶, quando chegamos à sala de aula (nível regular e superior) há grande resistência ao pedir que os graduandos escrevam uma dissertação argumentativa (DA). Isso ocorre porque eles têm insegurança e escutamos muito o comentário “não sei escrever”. Tem-se no senso comum de que quem tem o hábito de leituras, escreve bem, porém as crianças não leem

⁶ A mestrandia, no primeiro semestre de 2019, realizou estágio docente na disciplina de LPT, em um curso de licenciatura da UFTM.

pensando nisso; elas não têm noção da importância que a leitura tem no processo da escrita, principalmente de dissertações argumentativas.

Köche (2002) em seu trabalho sobre dissertação menciona Delforce (1992) para definir duas características do gênero dissertação argumentativa:

De um lado ela se constitui de sequências pergunta-resposta sucessivas; de um outro lado, esta passagem de uma pergunta a uma resposta se efetua na forma de um momento de exame, de questionamento, de análise. Essas duas noções permitirão colocar em evidência duas das operações principais do trabalho dissertativo: construir uma problemática e construir uma opinião (1992, p. 15 *apud* Köche, 2002, p. 14).

Desde o início da vida escolar, os alunos deveriam compreender o objetivo de se escrever uma dissertação argumentativa, que é entender a problemática e construir uma opinião sobre ela se expressando por meio da linguagem, utilizando argumentos e interrogações sobre o assunto. A autora afirma que:

A dissertação, segundo Delforce, poderia ser caracterizada como um texto no qual a atividade enunciativa fundamental não consiste tanto em afirmar ou refutar, isto é, a apresentar argumentos, a responder, mas a interrogar. (...) A característica principal da dissertação, segundo ele, é a atenção que se dá ao exame da questão, pela sua relevância, tornando-se inconveniente apresentar imediatamente uma resposta. Isto é o que caracteriza o espírito crítico: o de não ter esquecido nenhum aspecto importante do problema (1992, p. 15 *apud* Köche, 2002, p. 14).

Entender o problema tratado pelo tema na proposta da DA é o primeiro passo para que o desenvolvimento do texto tenha melhor relevância. Ser crítico e reflexivo nos textos traz credibilidade para convencer o leitor sobre seus argumentos.

Comumente, as normas do texto dissertativo-argumentativo, relacionadas aos vestibulares e processos, permitem avaliar diferentes domínios de escrita. Nesse tipo de texto, o aluno é chamado a apresentar um raciocínio, defesa de ideias, pontos de vista e até questionamentos sobre o tema. Entende-se em tais situações de produção que, para produzir um bom texto, o aluno precisa organizar bem suas ideias para não prejudicar a transmissão da mensagem, além de conhecer variados assuntos, principalmente atuais, para que mediante os argumentos, consiga convencer o seu leitor.

Diante disso, os alunos chegam à universidade com um método de escrever “engessado”. Preocupam-se com as normas, estrutura e se esquecem da mensagem que deve ser transmitida pela escrita. Nos textos lidos (*corpus*) percebemos grandes dificuldades sobre isso. Após os textos teóricos trabalhados na disciplina “Leitura e Produção de Textos”, observamos uma melhora na escrita dos graduandos, pois, coerência, coesão, elos conectivos, operadores argumentativos dentre outros, foram vistos com um olhar diferente, ou seja, não como uma norma e sim como uma forma do texto estar “amarrado”, ser bem escrito do início ao fim.

1.4 Escrita e Oralidade no ambiente escolar

Há, no ambiente escolar, uma concepção bastante enraizada de que a oralidade e a escrita são formas de interação dicotômicas e homogêneas. Compreendê-las dessa maneira acaba por acarretar uma prática pedagógica não sensível às variações linguísticas e à diversidade, desconsiderando-se que tanto na oralidade quanto na escrita, o que determina os usos adequados da língua são as práticas sociais (MARCUSCHI, 1997).

Sendo assim, o que se tem preconizado nos estudos linguísticos é a necessidade do professor estar constantemente engajado em uma pedagogia culturalmente sensível⁷, ou seja, suas práticas em sala de aula devem estar direcionadas ao aluno e suas necessidades. A sala de aula, sob essa perspectiva, passa a ser um ambiente produtivo para esse conhecimento, visto que é no dia a dia que se pode perceber as dificuldades mais recorrentes encontradas nos textos dos alunos e assim desenvolver um trabalho efetivo e prático para saná-las da melhor forma possível.

Para Geraldi (1997, p.6), a interação verbal, decorrente da escrita e do diálogo com outros autores e teorias, é um lugar de produção da linguagem e dos sujeitos. O autor afirma que é preciso admitir a *língua* como algo que não é pronto e não é um sistema abstrato que os sujeitos fazem uso. É mediante o próprio processo interlocutivo, durante a atividade da linguagem, que os *sujeitos*

⁷Conforme Bortoni-Ricardo (2005, p. 192-196), pedagogia culturalmente sensível à variação é a prática: “atenta às diferenças entre a cultura dos alunos e da escola e alerta para encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre essas diferenças.”

se constituem por meio de suas interações, tendo como resultados amplos conhecimentos de mundo, ou seja, um sujeito social tendo a “linguagem como trabalho social”; e que as *interações* se dão no interior e nos limites de uma determinada formação social, sendo produtivas e históricas.

As práticas linguísticas e toda a atividade discursiva se dão em textos escritos ou orais. No caso da escrita estão presentes, por meio de elementos gráficos e pelo oral, gestos e olhares. Com isso, as produções discursivas são ocorrências complexas, pois, por serem constituídas de variadas ordens simbólicas, podem ir além do recurso puramente linguístico. Porém, compreendemos que toda nossa atividade discursiva se encontra no contexto da escrita ou da oralidade.

É notável para a sociedade que a língua é um dos bens sociais mais significativos e valorizados para os seres humanos, dado que não se trata somente de um simples instrumento; é uma prática social que organiza nossa vida, tanto nas relações pessoais e profissionais, como para adquirir novos conhecimentos.

Bakhtin (2006) afirma que há a valorização da oralidade, da enunciação em sua natureza social, não somente individual, ou seja, está ligada às condições de enunciação em diferentes estruturas sociais. Então, a linguagem é processo e produto da relação entre estruturas da língua e usos orais, mas há especificidades, como: a língua sendo objeto de estudo de uma ciência específica e a oralidade pode ser estudada tanto pela fisiologia (aparelho vocal do corpo humano), quanto pela psicologia (produção individual do som na comunicação).

De acordo com Bakhtin(2006), a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados, pois sua natureza é social. É por meio da palavra que o sujeito se define em relação ao outro. É na relação de locutor e interlocutor, para o autor, que a palavra não pertence totalmente ao locutor, visto que a outra parte pertence aos outros enunciadores. Ela é dita por alguém, já destinada a outro alguém. “A interação verbal constitui a realidade fundamental da língua” (BAKHTIN, 2006, p.114.).

Esse conceito nos permite refletir sobre as interações que acontecem em textos, considerando que os graduandos, ao escrever seus textos dissertativos,

levam para suas escritas palavras que pertencem ao outro, havendo a interação verbal, por meio da escrita.

1.5 Visão dicotômica

Escritasf.1. Representação de palavras ou idéias por sinais; escritura. 2. Grafia(1). (FERREIRA, 2004, p.287)

Falasf.1. Ação ou faculdade de falar (1). 3. Timbre de voz; voz. 4. Discurso (1). (FERREIRA, 2004, p.317)

Oralidade e escrita sempre foram tratadas em relação de dicotomia no que tange aos aspectos comunicativos e interacionais da linguagem. Segundo Fávero, Andrade e Aquino (2000, p.9), “a escrita tem sido vista como estrutura complexa, formal e abstrata, enquanto a fala, estrutura simples ou desestruturada, informal, concreta e dependente do contexto”. Para explicar melhor essa distinção, as autoras propõem o quadro:

Quadro 1: Fala versus escrita.

FALA	ESCRITA
Interação face a face	Interação à distância (espaço-temporal)
Planejamento simultâneo ou quase simultâneo à produção	Planejamento anterior à produção
Criação coletiva: administrada passo a passo	Criação individual
Impossibilidade de apagamento	Possibilidade de revisão
Sem condições de consulta a outros textos	Livre consulta
A reformulação pode ser promovida tanto pelo falante como pelo interlocutor	A reformulação é promovida apenas pelo escritor
Acesso imediato às reações do interlocutor	Sem possibilidade de acesso imediato
O falante pode processar o texto, redirecionando-o a partir das reações do interlocutor	O escritor pode processar o texto a partir das possíveis reações do leitor

O texto mostra todo o seu processo de criação	O texto tende a esconder seu processo de criação, mostrando apenas o resultado
---	--

Fonte: Fávero, Andrade, Aquino (2000, p.74).

Ambas apresentam diferenciações, porque há distinções em seus modos de aquisição, condições de produção, transmissão e recepção nos meios de comunicação utilizados. Koch e Elias (2009) afirmam que o texto é um evento sociocomunicativo, pois está em um processo interacional. É resultado de uma coprodução entre os interlocutores e o que distingue o texto falado do escrito é a forma como esta coprodução se realiza.

Sobre isso, há duas condições de produção: no *texto escrito* a coprodução há a necessidade de considerar para quem se escreve, mas não é possível a participação ativa e direta do interlocutor na elaboração do texto; “a dialogicidade se constitui numa relação de ‘ideal’” (KOCH e ELIAS, 2009, p.13). Também os contextos de produção e recepção não coincidem. O *texto falado*, por outro lado, surge no próprio momento de interação, dado que é tido como seu próprio “rascunho”. Os interlocutores estão copresentes e ocorre uma interlocução ativa implicando no processo de coautoria, refletida na materialidade linguística.

Portanto, as autoras afirmam que oralidade e escrita são duas modalidades da língua e que, embora utilizem o mesmo sistema linguístico, cada uma tem suas características; isto é, ao contrário do que se pensa, a escrita não é meramente uma transcrição da oralidade. Porém, não podemos entendê-las de forma dicotômica, estanque. O que “Vem-se postulando que os diversos tipos de práticas sociais de produção textual situam-se ao longo de um contínuo tipológico, em cujas extremidades estariam, de um lado, a escrita formal e, de outro, a conversação espontânea, coloquial”. (KOCH e ELIAS, 2009, p. 14).

Então, as diferenças entre oralidade e escrita partem de um contínuo tipológico advindo das práticas sociais, e não de uma relação dicotômica entre dois polos. Compreende-se que tais visões diferenciam oralidade e escrita trazendo suas principais características para distingui-las a partir de um parâmetro de escrita. Marcuschi afirma que, apesar dessa visão dicotômica trazer “bons resultados na descrição estritamente empírica...” (MARCUSCHI,

2010, p. 28), ainda é totalmente insensível aos fenômenos discursivos e dialógicos.

Marcuschi (2007) afirma que as semelhanças entre oral e escrito se sobrepõem às diferenças, seja em aspectos linguísticos ou sociocomunicativos. Muitas dessas diferenças têm características vindas da própria língua, como o envolvimento/distanciamento, contextualização/descontextualização. Dessa forma, o autor propõe o quadro *Dicotomias Estritas*:

Quadro 2– Dicotomias estritas.

FALA	ESCRITA
Contextualizada	Descontextualizada
Dependente	Autônoma
Implícita	Explícita
Redundante	Condensada
Não-planejada	Planejada
Imprecisa	Precisa
Não-normatizada	Normatizada
Fragmentária	Completa

Fonte: Marcuschi (2007, p.28).

De acordo com esse autor, afirmar que a modalidade falada, por ser espontânea e apresentar repetições, hesitações etc., não segue regras é um equívoco, já que, assim como na escrita, no oral há normas a serem adotadas, caso contrário a comunicação não se estabeleceria. O que acontece são ferramentas utilizadas de diferentes formas: na oralidade usamos gestos, entonação; na escrita temos formas, cores, tamanhos de letras, símbolos e elementos iconográficos para nos expressarmos (MARCUSCHI, 2007, p. 29).

Dessa forma, entendemos, segundo o autor, que tanto a fala quanto a escrita tem sua relevância e são explicitadas a partir das práticas de linguagem, por meio das quais determinam o papel, o lugar e a importância de cada uma. Importante mencionar que nosso foco não é trazê-las como oposições, mas sim num contínuo sócio-histórico de práticas discursivas.

CAPÍTULO II – METODOLOGIA E COLETA DE DADOS

Esta é uma pesquisa qualitativa e indiciária. Para compor a metodologia desta pesquisa buscamos apoio em Minayo (1994) e Esteban (2010) e em Ginzburg (1989). Com base nas concepções desses autores, neste capítulo, será apresentado o percurso de realização da pesquisa, desde a concepção de pesquisa qualitativa, o contexto e a produção dos dados – neste caso, as produções escritas dos sujeitos participantes da pesquisa.

2.1- Concepções de Pesquisa Qualitativa

A pesquisa foi conduzida com base nos pressupostos metodológicos da pesquisa qualitativa em educação. Nesta seção, apresentamos alguns conceitos que a definem. Trata-se de um tipo de pesquisa que não se preocupa com a representação numérica; seu interesse é com o aprofundamento em compreender um grupo social, uma organização. Os estudiosos que optam por essa abordagem, geralmente, são das ciências humanas, já que se opõem a um modelo único de pesquisa para todas as ciências.

Os pesquisadores que utilizam da pesquisa qualitativa se interessam em explicar o porquê dos problemas em análise. Nesta pesquisa, o pesquisador é o sujeito e o objeto de suas pesquisas. Preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, se dedicando em compreender e explicar a dinamicidade das relações sociais.

A pesquisa qualitativa tem grande valor para os estudos de contextos educacionais. De acordo com Esteban (2010), esta abordagem é “Uma atividade sistemática orientada à compreensão em profundidade de fenômenos educativos e sociais, à transformação de práticas e cenários socioeducativos, à tomada de decisões e também ao descobrimento e desenvolvimento de um *corpus* organizado de conhecimentos”. (ESTEBAN, 2010, p. 127).

É exatamente o que pretende esta pesquisa: compreender a heterogeneidade da escrita de um grupo. Trata-se de um conjunto de práticas e procedimentos que em sua natureza interpretativa visa compreender os significados textuais em sua profundidade, como em fenômenos educativos e

sociais. É conhecida como a que se diferencia da pesquisa quantitativa. Minayo (1994) afirma que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1994, p. 21).

Logo, as principais características da pesquisa qualitativa são compreender, explicar, objetivar o fenômeno e observar as diferenças entre o mundo social e o mundo natural. Também, busca os resultados mais fidedignos possíveis, trazendo maior credibilidade interpretativa, sendo este o nosso foco.

2.2- Paradigma Indiciário: metodologia da pesquisa

Tanto a pesquisa qualitativa quanto o paradigma indiciário têm grande importância para estudos em contextos educacionais. Sobre o paradigma indiciário, ou método indiciário, utilizamos da teoria de Carlo Ginzburg (1986) que traz a constituição do paradigma fazendo uma comparação com a anamnese médica, ao qual, por meio de uma conversa com o paciente, buscando sintomas, pode chegar ao diagnóstico de uma possível doença. Outra forma que o autor emprega para ilustrar o método é utilizando o caçador que, para encontrar suas presas, analisa os rastros, galhos quebrados e pegadas demarcadas na terra. Ginzburg (1986) afirma que:

Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufo de pelos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barba. Aprendeu a fazer operações mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas (GINZBURG, 1986, p. 151).

Portanto, por meio da caça, decifravam indícios e sinais deixados pelas presas para poderem elaborar suas rotas e planos e ao final atingir seu objetivo, que é a captura. Ainda, segundo Ginzburg (1986), o surgimento desse paradigma ocorreu no final do século XIX, mostrando-se aos poucos no campo

das ciências humanas. Entre 1874 e 1876, tal método inicia a ser compreendido após análises de artigos italianos feitos por Giovanni Morelli e assinados por Ivan Lermolieff e Johannes Schwarzee, pseudônimos deste historiador.

Morelli criou uma forma peculiar para identificar a autoria em obras de arte e sua autenticidade também. Atentava para os detalhes, examinando os pormenores e menos influenciados pela escola a qual o pintor pertencia. Morelli analisava a obras de arte e atribuía e devolvia a autoria ao verdadeiro artista, já que era comum nos museus da Europa fazer atribuições das obras de forma equivocada. O crítico da arte examinava características que não eram visíveis por todos, como por exemplo, as unhas, os lóbulos das orelhas e dedos dos pés. Este olhar era para poucos, visto que, para alguns analistas de obras, esses detalhes não eram considerados. Foi assim que Morelli descobriu e registrou a forma que Botticelli pintou uma orelha, que são trações presentes em obras originais e esquecidas nas cópias.

O método Morelliano foi comparado, por Ginzburg, aos procedimentos de investigação criminal de Sherlock Holmes de Conan Doyle, em que o analista de arte é comparado ao detetive que descobre o autor de crimes. Entende-se que essa técnica milenar de pesquisa não é e nunca será algo pronto e acabado, pois não há nada exato na captação das informações. Portanto, não há uma regra pré-estabelecida. Holmes embasa-se em indícios imperceptíveis, como cinzas de cigarro, pegadas em lamas etc. (p.145). Segundo o autor, Freud também teve contato com o método indiciário, antes de descobrir a psicanálise e certa vez afirmou: “creio que seu método está estreitamente aparentado à técnica da psicanálise médica” (p. 148). Para ele, o método interpretativo de Morelli, organizado por dados insignificantes, era revelador, já que trazia a luz ao obscuro e por se conservar às questões singulares dos indivíduos.

Para esclarecer o paradigma indiciário, Ginzburg (1986) faz uma comparação tripla utilizando os métodos de Morelli, baseado em signos pictóricos, o de Holmes, em pistas e de Freud, em sintomas. Ambos tinham uma ligação com o campo da medicina, visto que Morelli era formado em medicina, Conan Doyle foi médico antes de trabalhar com a literatura e Freud era médico. Isso influencia diretamente no método, já que a área da medicina consiste na busca do diagnóstico de doenças e, para isso, precisa-se da observação

detalhada trazida por sintomas que por vezes são considerados irrelevantes para quem não é da área. (p. 151).

O paradigma indiciário, ainda segundo esse autor, por ter a estratégia na particularidade individual de seu objeto, está ligado à pesquisa qualitativa, porque valoriza as percepções e ideias dos indivíduos ou de específicos grupos sociais diante de acontecimentos históricos. Isso difere-se do rigor científico galileano, já que “o físico galileano, profissionalmente surdo aos sons e insensível aos sabores e odores, e o médico contemporâneo seu, que arriscava diagnósticos pondo o ouvido em peitos estertorantes, cheirando fezes” (GINZBURG, 1999 p. 158).

Então, o indiciário é fundamentado por meio dos detalhes, nos resíduos, no singular, no individual, isto é, nos indícios e pistas que levam o pesquisador a realizar a compreensão do seu objeto que busca investigar. Por isso, foi a metodologia escolhida para este estudo, pois possibilita considerar a relação entre sujeito, linguagem, escrita e sua heterogeneidade por meio da relação entre oralidade e escrita.

Essa concepção foi escolhida também porque as análises das produções textuais exigem um trabalho minucioso, que necessita de um olhar detalhado, “escavando” os vestígios e pistas linguísticas, aos quais os discursos são relacionados e interpretados sobre o fenômeno observado. Segundo Corrêa (2004), o uso do paradigma na análise de textos dissertativos argumentativos significa:

Reunir um conjunto de pistas linguísticas em rubricas mais gerais (regularidades) que captem, no processo de escrita do escrevente, certos momentos de sua circulação dialógica pela imagem que ele faz das relações entre oral/falado e letrado/escrito na constituição de sua escrita, de seu interlocutor e na sua própria como escrevente. (CORRÊA, 2004, p. 21).

Portanto, o método está diretamente ligado à análise discursiva da linguagem das produções argumentativas, em que, através de determinadas expressões consideradas sem importância, executamos as reflexões e explicações a respeito do fato em estudo. Buscamos, nas particularidades dos textos escolhidos, as marcas que demonstram a heterogeneidade na escrita dos graduandos, trazendo a relevância que estes podem assumir, e não a quantidade de dados presentes.

2.3- Contexto da Produção dos Dados

Por exigência posta pela Capes para os mestrandos que recebem bolsa, realizei o estágio docente na disciplina LPT, em um curso de licenciatura da área de ciências humanas da UFTM, em 2018. Durante as aulas foram perceptíveis as dificuldades e facilidades dos graduandos. Alguns demonstram curiosidade em aperfeiçoar a escrita e ter domínio sobre os diferentes tipos de textos acadêmicos. Outros apresentam resistência ao lidar com os textos e produções textuais. Há graduandos de diferentes faixas etárias. Aqueles que saíram do ensino médio há pouco tempo e os que há anos não frequentam uma sala de aula. Isso é refletido na escrita de muitos deles.

Nessa disciplina, foram trabalhadas as concepções de leitura e escrita, texto e discurso, leitura e construções de sentidos, o texto nos diferentes tipos textuais, textualidade e argumentação, coerência e coesão e reescrita. No entanto, a disciplina deixa lacunas na aprendizagem, uma vez que é realizada somente em um semestre. No primeiro contato com a LPT, a ideia primeira dos graduandos é de que aprenderão gramática normativa. Entendem que para escrever bem devem dominar a gramática e a norma padrão da língua portuguesa. Ao iniciarem as aulas, entendem que a disciplina vai muito além disso, pois, mais que saber gramática, é necessário entender como os recursos linguísticos e extralinguísticos fazem a diferença em uma produção textual.

Nesse sentido, é difícil mostrar aos graduandos que a disciplina não suprirá tudo o que não é apreendido na educação básica. Eles acreditam que irão aprender como escrever um artigo, um resumo, uma resenha e até mesmo o trabalho de conclusão de curso (TCC). Na UFTM, a LPT é ofertada nos primeiros e segundos períodos dos cursos e para que aprendam os diferentes tipos textuais acadêmicos há ainda a disciplina metodologia científica.

Outro ponto que deve ser observado é a escolha dos textos teóricos a serem trabalhados na disciplina, já que a realidade social dos alunos é diferente e ocorrem dificuldades na compreensão dos textos. Muitos graduandos chegam à universidade após terem saído do ensino médio, porém existem casos de estudantes que estão há anos sem ler, estudar, escrever, ou seja, longe da sala de aula.

No que diz respeito ao desenvolvimento da LPT, após a discussão de alguns textos teóricos, iniciam-se as produções textuais para que possam praticar a escrita utilizando os conteúdos relacionados à dissertação-argumentativa, a construção de sentidos, a coerência, coesão e organização e constituição das ideias. Esses conteúdos trazem insegurança aos graduandos, que ficam apreensivos no momento da prática, pois para muitos tais temas de ensino são novos, não vistos no decorrer da educação básica.

Na disciplina observada, foi solicitada a produção de variados textos. Uma dessas produções foi exigida como trabalho final e por isso utilizada como *corpus* desta pesquisa. Para essa produção, explicamos aos graduandos sobre a pesquisa e recolhemos os Termos Livre de Consentimento (TLC) (ANEXO I). No total, obtivemos 31 (trinta e um) textos de um curso de licenciatura da área de ciências humanas da UFTM.

Tais textos se encontram disponíveis de modo digitados no banco de dados do grupo de pesquisa do GEPADLE, o qual discute a escrita nos cursos de graduação e pós-graduação da UFTM e em instituições aliadas a mesma linha de pesquisa.

Por fim, iniciamos o recorte dos textos para a realização das análises. Efetuamos um levantamento que consistiu na verificação e delimitação das regularidades⁸ que fossem coerentes com o foco da pesquisa. Serão utilizados cerca de 21 textos para as análises.

2.4- Proposta da Produção dos Dados

Nesta seção é apresentado o contexto de escrita dos graduandos, ou seja, qual foi a proposta exigida para que cumprissem com o trabalho final da disciplina e o tema apresentado.

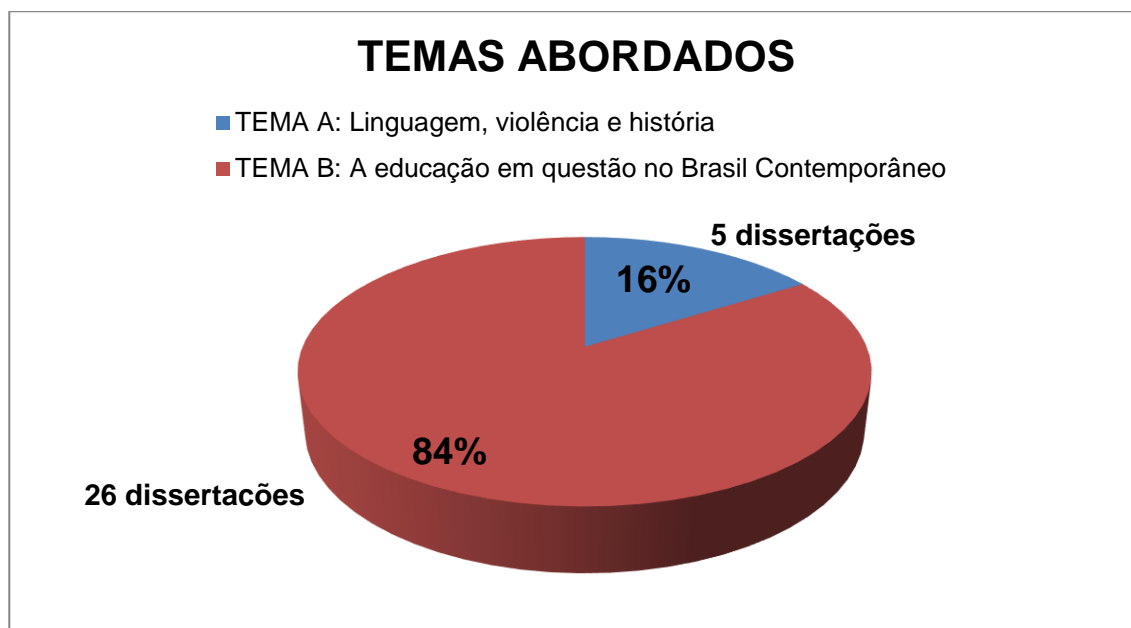
A proposta para produção textual foi a seguinte: Redija um texto dissertativo argumentativo, observando a norma padrão da língua portuguesa, sobre um dos temas a seguir relacionados. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para a defesa de seu ponto de vista.

⁸ Assim nomeado por Corrêa (2004) em seu livro “O modo heterogêneo de constituição da escrita”, ao qual utilizamos como principal fonte para as análises.

a) Linguagem, violência e história; b) A educação em questão no Brasil Contemporâneo. O tema b está relacionado a uma temática teórica da área do curso dos participantes da pesquisa.

Referente aos temas, os graduandos fizeram as seguintes escolhas:

Gráfico 1: Temas abordados nas dissertações



Fonte: *Corpus*

Por meio do gráfico, notamos que houve uma alta diferença na escolha dos temas propostos. De acordo com a experiência, no momento da coleta dos dados, os graduandos relataram ter dificuldades em relacionar linguagem com violência e história. Talvez isso explique os dados acima, ou seja, 84% escolheram tema B “A educação em questão no Brasil contemporâneo”, enquanto somente 16% optaram pelo tema B “Linguagem, violência e história”.

A orientação para a produção textual foi acompanhado da seguinte observação: tradicionalmente, o texto dissertativo-argumentativo é organizado em três grandes blocos: introdução, desenvolvimento e conclusão. A introdução é composta pela apresentação do tema, os problemas relacionados a ele e a tese que se pretende defender. O desenvolvimento deve conter os argumentos que sustentam a tese relacionada ao tema. A conclusão é elaborada a partir da retomada do tema, apresentação de uma resposta/conclusão relacionada ao tema e a reafirmação da tese defendida.

Também foram apresentados os critérios que seriam usados para avaliação do texto:

- a) Domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa.
- b) Compreensão da proposta e aplicação de conceitos da área de formação para desenvolver o tema, considerando os limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo.
- c) Seleção, organização e interpretação de informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa da tese defendida.
- d) Demonstração de conhecimento sobre os mecanismos linguísticos necessários para a construção de texto dissertativo-argumentativo.

Como se pode observar, a proposta apresentada aos graduandos é baseada na proposta do ENEM e/ou vestibular, porém com tempo de produção maior (três horas e quarenta minutos), já que a disciplina contemplava os quatro horários de um dia da semana. Além disso, cabe destacar que nessa produção a prioridade não era um gênero acadêmico específico, mas o tipo de textual. Na disciplina, esse tipo textual é abordado a partir da compreensão de que é o que mais se usa nas produções acadêmicas.

Segundo Corrêa (2004), a prática da textualização pode ser pensada como o “trânsito entre interior/exterior” (p. 41). O autor afirma que:

É esse trânsito que constitui o texto e o escrevente desde sua exterioridade, isto é, como participantes de processos de textualização socialmente vivenciados – escritos, lidos, falados, ouvidos. (...) a noção de processo de textualização está ligada a uma concepção de linguagem que toma o discurso como produto do interdiscurso. (CORRÊA, 2004, p. 41).

Portanto, a escolha do tema proposto visa a peculiaridade do processo de textualização e não simplesmente de produção textual.

Os critérios de avaliação (quatro) se resumem em: ter domínio formal da língua portuguesa, compreender a proposta, organizar e interpretar as informações para defesa da tese e demonstração de conhecimento sobre mecanismos linguísticos. Algo importante é que são acrescidos na avaliação os conhecimentos adquiridos durante as aulas da disciplina. Portanto, também

foram avaliados coerência, coesão, elos conectivos, modalizadores discursivos, dentre outros.

Por fim, essa investigação sobre a escrita está diretamente ligada à consideração do dialogismo na linguagem e da junção dos aspectos do modo oral e do modo escrito de elaboração textual, tidos como indícios da relação linguagem/sujeito na escrita dos graduandos. Assim, buscamos demonstrar que a *heterogeneidade constitutiva da própria língua* afeta também a *noção de norma*, ou seja, da norma de escrita formal (AUTHIER-REVUZ, 1998).

Conforme já dito, o *corpus* é composto por 31 (trinta e um) produções que foram identificadas como DA01, DA02, DA03 (...), em que a letra D= dissertação, A = argumentativa e o número de ordem respectiva. As *regularidades* analisadas nas sequencias retiradas de cada texto são demarcadas em negrito para melhor entendimento do leitor.

CAPÍTULO III – CONCEPÇÕES TEÓRICAS

A palavra está, fundamentalmente, alienada ao outro como a imagem ao espelho, porque aquilo que procuro na palavra é a resposta do outro que me irá constituir como sujeito: a minha pergunta fundamental ao outro diz respeito a onde, como e quando começarei a existir na sua resposta. Aparecem, aqui, duas funções da palavra intimamente ligadas: a mediação para o outro e a revelação do sujeito.

(Roland Barthes e Eric Marty)

Neste capítulo apresentamos as concepções teóricas utilizadas para realização das análises. Utilizamos Corrêa (2004) com o modo constitutivo heterogêneo da escrita, Bakhtin (1929) com a teoria do sujeito como um ser social e a linguagem como interação e Geraldi (1997), por meio da produção escrita como trabalho. Também são adotadas as principais bases Almeida e Faraco (2014); Geraldi (1984, 1997); Chauí (2008) que ajudam a compreender as dificuldades e estratégias de organização do texto destes graduandos.

Para realizar a composição da base teórica consideramos que “[...] diferentes elementos linguísticos, sociais, culturais, políticos e teóricos influem de maneira conjunta no processo de desenvolvimento do conhecimento (interpretação), na linguagem e na narrativa (formas de apresentação) e impregnam a produção dos textos (autoridade, legitimidade)” (ESTEBAN 2010, p.130).

Assim, temos como principal base teórica Corrêa (2004), que em seu livro “*O modo heterogêneo de constituição da escrita*” aborda a relação oral/escrito reintroduzindo uma discussão sobre a escrita que busca ser uma alternativa tanto à visão normativa, quanto à visão descritiva atual, já que a primeira considera a presença do oral na escrita como um “erro” ou uma interferência indesejável, e a segunda reconhece esta regularidade como uma heterogeneidade constitutiva marcada nos gêneros textuais.

Para tanto, seguimos os quatro focos propostos por Moraes (2003, p. 192) que são: a *desmontagem dos textos* (examinar os materiais/enunciados em detalhes), o *estabelecimento de relações* (categorizar – construir relações entre as unidades de base, combinando-as e classificando-as para a formação de categorias), *captando o novo emergente* (explicitar a compreensão dos elementos construídos anteriormente, validando e criticando) e, por fim, o

processo auto-organizado, que é o momento de descrever os elementos anteriores, os resultados finais, de forma planejada.

3.1 Concepções de Sujeito, Discurso e Linguagem

No presente trabalho, a noção de sujeito, discurso e linguagem tem grande importância para auxiliar a compreensão do papel do graduando enquanto produtor de discurso, situado num tempo/espaço, por meio de seus textos escritos na disciplina de “Leitura e Produção de Textos”. Nesse sentido, o sujeito é visto como um ser histórico, ideológico, situado num espaço e tempo. O discurso remete sempre a outro discurso, deixando de ser homogêneo, posto que o centro não está mais no “eu”, e sim compreendido na relação com o “tu”, não havendo demarcação espacial.

O “sujeito dialógico” - concebido por Bakhtin (2006) – é, geralmente, o sujeito que se manifesta como “eu” no enunciado e se responsabilizando por esse dizer. Nessa perspectiva, de algum modo o sujeito-locutor demonstra a “voz” de outros sujeitos que se adequam ao que quer dizer no momento. Então, as várias “vozes” presentes no discurso são denominadas dialogismo, fazendo com que o discurso não seja o lugar de somente um, mas de muitas vozes de sujeitos.

Bakhtin (1929/2006) afirma que o sujeito é um ser social, sociável, histórico, respondente e responsável. Trata-se de um ser que não é pronto e acabado, ou seja, traz sempre a condição de incompletude, já que está sempre em construção advinda pelo processo de interação com o outro. Portanto, os sujeitos se constituem por meio da interação com outros em diferentes contextos sociais. Cavalcante Filho e Torga (2011) afirmam:

O sujeito concebido por Bakhtin não é autônomo nem criador de sua própria linguagem; ao contrário, ele se constitui na relação com outros sujeitos; essa relação é atravessada por diferentes usos da linguagem, de acordo com a esfera social na qual o sujeito se inscreve. Isso significa dizer que esse sujeito deve ser visto em relação às categorias de dispersão, do concreto, do singular, da alteridade, do diálogo, do convívio, do discursivo, do heterogêneo, do sentido e do devir, ao invés da centralização, do abstrato, o repetido, do monólogo, da solidão, do sistema abstrato de signos, do homogêneo, da significação e da cristalização. (CAVALCANTE FILHO; TORGA, 2011, p. 3).

Na perspectiva bakhtiniana, o sujeito é constituído pelo reconhecimento do outro em seu próprio discurso. O autor entende a linguagem como uma forma de interação social estabelecida nas interações entre sujeitos socialmente organizados e inseridos numa situação concreta de comunicação. Tal interação entre os interlocutores é princípio fundador do discurso/ da linguagem e do sujeito que transfere a mensagem.

De acordo com Brandão (2004), o sujeito do discurso somente constrói a sua identidade na relação/interação com o outro, no espaço do texto/discurso. A autora apresenta diferentes posicionamentos sobre o sujeito, como a subjetividade e o sujeito descentrado. Em primeiro há o posicionamento do sujeito locutor para marcar presença no interior do discurso, por meio do uso de pronomes pessoais como “eu” e “tu”. Em segundo, é definido como descentrado porque não é senhor absoluto de seu discurso, dado que do seu discurso emergem outros, não sendo a origem e nem a fonte absoluta do sentido.

Segundo Fernandes (2005), na análise do discurso, o sujeito não é compreendido como um ser individual, o que presume sua existência num contexto social. Nesse sentido, o sujeito pode ser aprendido por meio do discurso. Temos portanto um sujeito discursivo que se adentra num contexto não imediato, porém sócio-histórico. Nessa perspectiva, o sujeito não é o centro do seu dizer; na sua voz há um composto de outras vozes que também se manifestam.

Entende-se o discurso como um sistema particular de significados e práticas sociais construídos historicamente, constituindo as identidades dos sujeitos e objetos. Forma-se a partir das relações dialógicas com outros discursos que influenciam o seu aspecto estilístico. Bakhtin (1992) ressalva que o discurso é “diálogo vivo” e está sempre voltado para réplica, para a resposta que ainda não foi dita, mas que é provocada e, conseqüentemente, passa a ser esperada pelo interlocutor.

Conforme Fiorin (1990, p. 177), o discurso precisa ser visto como objeto linguístico e histórico. Não se pode desconsiderar a pesquisa tanto pela produção do sentido, tanto pela estrutura do discurso em que há elementos pulsionais e sociais que o atravessam. Nesse sentido, aprofundamos as análises para compreender o discurso como produção de conhecimento, produzido em relação dialógica com outros textos por meio da leitura.

Portanto, o discurso não é algo dado e nem absoluto, já que nunca está pronto e acabado. Assim como a língua é viva, o discurso também é. Há em todos os momentos a necessidade de construir e desconstruir discursos para construir sentidos em diferentes práticas sociais determinadas em um contexto histórico, resultando na presença do processo interativo.

Este processo exige que o graduando, na relação com o discurso do outro, não deixe de se colocar, refletir, criticar, analisar o/no texto para que produza conhecimento e não utilize o outro, retextualizando o já dito, somente para enriquecer seu trabalho. Sobre isso, Matêncio(2002, p.111) afirma que “a tarefa de retextualizar é produzir um novo texto a partir de um ou mais textos-base, o que implica a manifestação de operações: linguísticas, textuais e discursivas”.

Dessa maneira, entendemos que os sujeitos se constituem de forma circunstancial e trazem sentido ao mundo, por meio de seu discurso, práticas sociais e as próprias ações. Esse sentido é construído nas relações que existem dentro de um campo discursivo, não tendo um sentido estável, fixo e único, mas tantos que discutem o domínio do campo da discursividade.

O discurso não deve ser vista como um “produto acabado”, transmitido de geração em geração, mas algo que está sempre em construção e transformação. “Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 108).

Então, porque construídos nas interações verbais, os sujeitos são dialógicos. Barros (2003, p.2), partindo da concepção bakhtiniana, afirma que a linguagem “é a condição do sentido do discurso” e que seu processo dialógico pode ser entendido sob dois aspectos: o da interação verbal (locutor e interlocutor) no espaço do texto e o da intertextualidade no interior do discurso. Nessa perspectiva, Cavalcante Filho e Torga (2011) reiteram que:

Na primeira dimensão, a linguagem é o elemento que estabelece a relação entre os seres humanos e propicia a experiência da intersecção ou interação entre interlocutores. (...) É condição *sinequa non* considerar o papel do “outro” na constituição do sentido, tendo em vista que nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva de outra voz. Já na segunda dimensão, percebe-se que o indivíduo não é a origem do seu dizer. Dito de outra forma, o sentido não é originado no instante da enunciação, ele faz parte de um processo contínuo, em que “tudo vem do exterior por meio da palavra do outro”, sendo o enunciado “um elo de uma cadeia infinita de enunciados, um ponto de encontro de opiniões e visões de mundo”. O texto é tecido polifonicamente por fios dialógicos de vozes que polemizam entre si,

se completam ou respondem umas às outras. (CAVALCANTE FILHO; TORGA, 2011, p. 3).

O sujeito realiza a comunicação verbal após se apropriar da linguagem e estar imerso nas mais variadas formas e esferas da comunicação humana. A partir destas discussões, compreendemos que o sujeito constitui seu discurso por meio da linguagem e esta pode ser organizada na forma oral ou escrita. Em ambas, argumentamos, refletimos, criamos e recriamos os conhecimentos adquiridos principalmente através da leitura.

3.2 Concepções de escrita e conhecimento

Tradicionalmente, a escrita era considerada somente um código que materializava a fala; a leitura seria a decodificação desse código e a escrita a reprodução. É por meio da escrita que os sujeitos se completam para expor opiniões, fatos e ideologias.

A produção escrita na perspectiva do *dialogismo* (tratado no tópico anterior) é um confronto entre as múltiplas vozes que a constituem; conseqüentemente, o texto é um processo que, partindo das intervenções (dos enunciadores, interlocutores e autor), tem a possibilidade de ser reescrito. Compreende-se, então, segundo Bakhtin/Volochinov (1992, p. 123), que “o ato de fala sob a forma de livro é sempre orientado em função das intervenções anteriores na mesma esfera de atividade, tanto as do próprio autor como as de outros autores”. No dialogismo, a palavra (falada ou escrita) se norteia em função do outro, já que é produto da mediação, como afirmam Bakhtin/Volochinov (1992):

Essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige a alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. (...) A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992, p. 113).

É a partir do outro, por meio das escolhas das palavras que se instaura o diálogo. Sendo assim, na prática da escrita sua presença é fundamental. De tal

forma, os mecanismos interativos e sociais propostos por Bakhtin têm grande relevância para a produção da escrita como trabalho, tal como abordada por Geraldi (1997). O autor afirma que, para produção textual, é necessário que:

- a) se tenha o que dizer;
- b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
- c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
- d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz (ou, na imagem wi-gensteiniana, seja um jogador no jogo);
- e) se escolham as estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d) (GERALDI, 1997, p. 137)

Dessa forma, é fundamental que o escrevente tenha um conteúdo a ser desenvolvido, uma intenção para se escrever e possua um interlocutor que irá lê-lo. Além disso, pautados na perspectiva discursiva de linguagem e na concepção de escrita como trabalho, o produtor do texto é um sujeito ativo/agente “que enuncia o que diz e tem consciência absoluta de seu dizer, pois sabe o que diz. Trata-se de um sujeito pronto que, apropriando-se da língua, atualiza-a no seu dizer...” (GERALDI, 1997, p.19).

A relação de quem escreve com a escrita e daquilo que apresenta ao escrever é complexa, uma vez que é movimentada pela constituição do sujeito e pela necessidade que o motiva a escrever. Orlandi (2002) afirma que a escrita

é lugar de constituição de relações sociais, isto é, de relações que dão configuração específica à formação social e seus membros. A forma da sociedade está assim diretamente relacionada com a existência ou a ausência da escrita. (ORLANDI, 2002, p. 233)

Essa autoria da escrita se produz pela textualização, é marcada por interrupções, remetendo a outros textos, outros discursos, mas que não retira o efeito ideológico produzido pelo social. Isso pode ser confirmado mediante aos diferentes processos da escrita, ou seja, quando passamos pela escola, universidade, internet, diários.

Aquele que escreve deve apresentar posicionamentos críticos, argumentar, atribuir sentidos ao que leu, seja academicamente ou em experiências do cotidiano. A escrita é uma prática que está orientada pelo e direcionada ao convívio do indivíduo na sociedade, pelas relações estabelecidas no meio ao qual está inserido.

Grigoletto (2011) afirma que a “escrita que mobiliza”, ou “escrita mobilizadora”, melhor dizendo, é aquela que o autor se mobiliza e se envolve com o saber na construção de seu conhecimento. A autora afirma que a escrita mobilizadora:

[...] resulta da implicação daquele que escreve com o saber, e, precisamente porque assume essa posição frente ao saber, bastante distinta da posição de reprodução, revela um autor que se implica subjetivamente no texto. Essa escrita mobiliza os textos lidos e as teorias estudadas de modo a compor novos mosaicos, novas configurações de sentido no interior do trabalho de análise e reflexão de uma pesquisa. E, sobretudo, essa escrita não se intimida com a falta e a incompletude inevitáveis do texto; ao contrário, é porque reconhece que elas existem que pode se responsabilizar por elas (GRIGOLETTO, 2011, p. 99).

Escrever com o saber, se posicionando após as leituras que mobilizam não é tarefa fácil, pois requer certa autonomia. Para escrever, é preciso sair da área de conforto se apoiando em outros autores, trazendo novos resultados e assumindo sua autoria. Tal responsabiliza pelo o que se escreve e (re)cria novas composições desse saber. Esse processo, como já dito, é difícil porque, durante a escola regular (ensino fundamental e médio), os graduandos não são levados a uma escrita que lhes façam refletir sobre e a partir do conhecimento do outro. Isso faz com que ao chegar à universidade grandes dificuldades apareçam.

É no processo de produção que ocorre a interação entre interlocutores fazendo desses sujeitos ativos. Nessa concepção, Koch (2002) defende que:

Tanto aquele que escreve como aquele para quem se escreve são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que dialogicamente se constroem e são construídos no texto. Este é considerado um evento comunicativo para o qual concorrem aspectos linguísticos, cognitivos e interacionais(...). Desse modo, há lugar, no texto toda uma gama de implícitos dos mais variados tipos somente detectáveis quando se tem como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação (KOCH, 2002 p.17)

Portanto, a escrita nos torna sujeitos/atores/construtores que, por meio do texto, registra, além do conhecimento linguístico, sua cultura, conhecimento de mundo. É através do movimento dialógico entre interlocutores é que o conhecimento vai se construindo.

Figueiredo e Bonini (2006), ao analisarem a escrita acadêmica e sua aprendizagem, apresentam concepções de escrita trazidas por Ivanic (2004). No quadro os discursos estão sintetizados:

Quadro 3: Discursos da escrita e do aprendizado da escrita

Discursos	Crenças sobre a escrita	Crenças sobre o aprendizado da escrita	Abordagens de ensino da escrita	Critérios de avaliação
1. DISCURSOS DAS HABILIDADES	Escrever consiste em aplicar conhecimentos das relações som-símbolo e dos padrões sintáticos à construção de um texto	Aprender a escrever envolve aprender relações som-símbolo e padrões sintáticos	HABILIDADES Ensino explícito	Precisão
2. DISCURSO DA CRIATIVIDADE	A escrita é resultado da criatividade do autor	O aluno aprende a escrever escrevendo sobre tópicos de seu interesse	AUTO-EXPRESSÃO CRIATIVA Ensino implícito 'experiência linguística'	Conteúdo e estilo interessantes
3. DISCURSO DO PROCESSO	Escrever consiste em processos de composição	Aprender a escrever inclui aprender os processos envolvidos na composição de um texto	ABORDAGEM DO PROCESSO Ensino explícito	?
4. DISCURSO DE GÊNEROS	A escrita envolve um conjunto de gêneros, determinado pelo contexto social.	Aprender a escrever envolve aprender as características dos diferentes tipos de escrita que possuem propósitos específicos em contextos específicos.	ABORDAGEM DE GÊNEROS Ensino explícito	Adequação
5. DISCURSO DAS PRÁTICAS SOCIAIS	A escrita é uma forma de comunicação guiada por propósitos, inserida num contexto social.	Aprendemos a escrever em contextos da vida real, com objetivos reais para a escrita.	ABORDAGENS FUNCIONAIS Ensino explícito COMUNICAÇÃO SIGNIFICATIVA Ensino implícito 'Ensino comunicativo de línguas' APRENDIZES COMO ETNÓGRAFOS Aprendizagens a partir da pesquisa	Eficácia comunicativa
6. DISCURSO SÓCIO-POLÍTICO	Escrever é uma prática sócio-política, com consequências para a identidade do escritor, e aberta à	Aprender a escrever inclui compreender por que os diferentes tipos de texto e de discurso são como são, e poder escolher, de forma	LETRAMENTO CRÍTICO Ensino explícito' Conscientização linguística crítica'	Responsabilidade social?

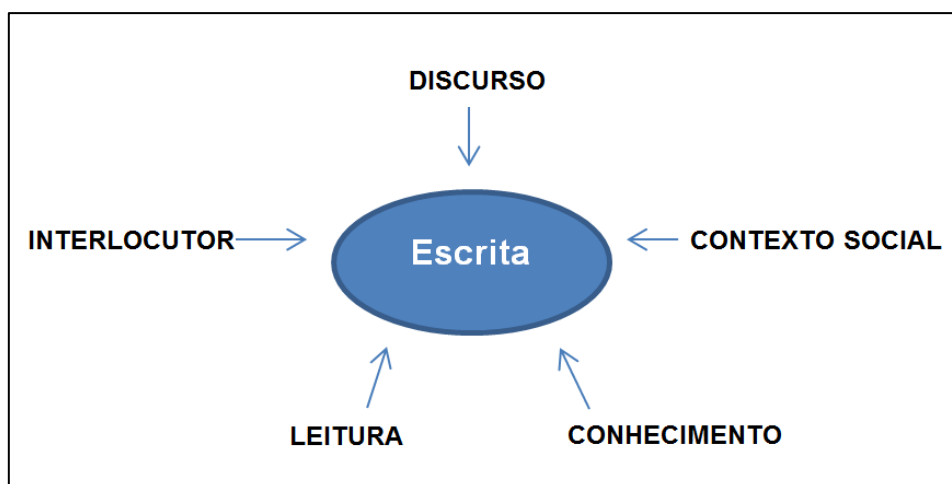
	contestação e à mudança.	crítica, entre as alternativas possíveis.		
--	--------------------------	---	--	--

Fonte: FIGUEIREDO; BONINI, 2006, p. 424, adaptado de IVANIC, 2004, p. 22

Esses diferentes tipos de discursos demonstram as possibilidades teóricas que orientam o ato de ensinar a escrever. Esses conceitos são indispensáveis para refletir, nesta perspectiva de estudo, como a correlação entre os sujeitos trazem implicações na sociedade e em suas decisões, afetando diretamente o outro, já que os sujeitos estão sempre submetidos ao outro, seja pela escrita, pela leitura, domínio de linguagem, posição social, instituições sociais. Nesse sentido, a produção da própria escrita está sempre submetida a uma teoria, ao dizer do outro, para que se constitua sujeito de seu dizer.

Para ilustrar a formação discursiva trazemos o quadro abaixo:

Quadro 4: Escrita e sua materialização



Fonte: Elaborado pela autora/mestranda (2019)

O quadro demonstra as ideias e concepções tratadas até o final desta seção. A escrita materializa os resultados do discurso e da leitura que são adquiridos por meio do conhecimento e na relação com o interlocutor em diferentes contextos sociais. Ou seja, mediante a todas estas concepções entendemos a formação discursiva do sujeito.

3.3 Heterogeneidade Constitutiva da Escrita

A reflexão sobre a oralidade na escrita trilha um caminho que nos leva diretamente à questão normativa, visto que os tipos textuais escritos se aproximam do padrão estipulado na gramática, enquanto os orais são produzidos livres das exigências gramaticais.

A relação oral/escrito é vista com uma visão descritiva, pois é tida como um discurso marcado pela escrita de forma heterogênea. O que se quer dizer é que, no passado, os estudos em relação à oralidade e escrita eram vistos de uma perspectiva dicotômica; nos dias atuais, outras concepções passaram a preconizar que há uma heterogeneidade constitutiva dos sujeitos representados na escrita. Neste aspecto, buscamos descrever dos textos o processo de produção de cada um, consistindo fundamentalmente em apreender marcas linguísticas de uma memória fragmentada que interage com o texto, resultando nas representações que atuam no processo de escrita, que é o registro.

Corrêa (2004) apresenta a caracterização do modo heterogêneo de constituição de escrita. Baseia-se, por um lado, na percepção de vários escreventes que produziram seus textos em pontos intermediários considerados típicos do falado e escrito; e, por outro lado, baseia-se na atuação do processo dialógico da linguagem, observando a condição de articulação da sua heterogeneidade. A postulação dessa dialogia é feita por três eixos de representação da escrita: o da imagem que o escrevente faz da gênese da (sua) escrita; o da imagem que o escrevente faz do código escrito institucionalizado; e o da representação que o escrevente faz da escrita em sua dialogia com o já falado/escrito.

Ter este olhar (heterogêneo da constituição da escrita) evidencia um caráter particular do escrevente/linguagem, ao qual permite ver a interferência do oral na escrita como um modo heterogêneo, com uma visão considerada apenas como um produto de modelos de escrita já institucionalizados. Além disso, o autor utiliza a metodologia do paradigma indiciário. Para a investigação, toma como base pistas, regularidades e propriedades linguísticas nos textos analisados.

Estudos sobre escrita demonstravam uma visão autonomista que perdurou por muito tempo, em que havia uma concepção de escrita que

distingua indivíduos e sociedades avançadas, classes sociais etc.. Porém, geralmente ainda há pesquisadores que veem a escrita em uma visão centrada somente na grafia. Isso dificulta a pesquisa de trabalhos como o nosso, em que queremos superar a contestada dicotomia entre fala e escrita, pois esta se estabelece sobre aquela, já que é entendida como “fixável no espaço, flexível em relação ao objeto que apreende e invariante no tempo” (CORRÊA, 2004, p.12).

É nesse contexto que a obra abordada como principal concepção teórica desta pesquisa discute as relações entre fala e escrita, já que postula a constituição heterogênea da escrita como um encontro entre as diferentes práticas sociais do letrado/escrito e oral/falado, considerando a dialogia com o já ouvido/lido e falado/escrito.

Corrêa (2004) em momento algum rejeita o fato de que a escrita traz impacto social na sociedade, o que faz é apresentar caminhos para um novo olhar em relação ao oral/escrito, fazendo com que não seja preciso colocá-los um contra o outro, visto que mostra que ocorre em um processo rico e de profunda interação. Desse modo, o autor sugere que oralidade e escrita sejam entendidas como práticas sociais que se relacionam visceralmente; o escrevente está exposto a “regularidades” que se explicam pelo fato de que cada um tem seu modo heterogêneo de constituição da escrita e que tanto no campo oral/falado, quanto no letrado/escrito haverá em suas produções discursivas marcas de ambos os campos.

Partindo do dialogismo da linguagem em geral, a obra de Corrêa (2004) problematiza a dicotomia entre fala e escrita, pois mostra que uma é constitutiva da outra. Essa dicotomia ainda é existente na língua portuguesa, visto que se olha para as práticas sociais, não como um uso da linguagem, mas sim como um uso de sistema linguístico absoluto. Ou seja, como se a escrita em sua variedade prestigiada, que é codificada, precedesse a prática oral. Isso só é desfeito se olharmos tanto para o texto escrito, quanto para o texto oral, entendendo que um é constitutivo do outro, de forma que a presença mais intensa ou mais discreta de marcas do oral ou do escrito em um texto está ligada ao gênero (no caso dissertativo argumentativo) e não somente ao sistema linguístico codificado.

Assim sendo, o ato de escrever vai além disso, dado que retomamos não só aos textos já escritos/lidos, mas também aos já falados/ouvidos. É trazer para a escrita práticas do falado/escrito vivenciados ou não pelo sujeito da linguagem, que são evidenciadas no momento de sua produção textual.

Com isso, abordaremos aqui algumas concepções de análises de Corrêa (2004) que são utilizadas neste trabalho. Em cada capítulo selecionamos alguns critérios que mais nos chamaram atenção e mais se relacionam com o tema heterogeneidade em que estamos buscando, isto é, as marcas que demonstram a relação entre fala e escrita.

No primeiro capítulo, o autor faz a contextualização do que trata sua análise. Preocupa-se, logo de início, em definir o modo heterogêneo de constituição da escrita tendo em vista as práticas sociais como constituinte da conjunção entre oral/letrado e o falado/escrito. Também demonstra como essa heterogeneidade é marcada pelas práticas sociais do contato entre linguagem/escrevente. Após, aborda o evento específico de linguagem (exame de vestibular) e o tipo de texto (dissertação argumentativa) produzido no *corpus* utilizado e demonstra como se pode chegar às principais marcas linguísticas que caracterizam a heterogeneidade da constituição da escrita. Aclara que:

Trata-se de reunir um conjunto de pistas linguísticas em rubricas mais gerais (*regularidades*) que captem, no processo de escrita do escrevente, certos momentos de sua circulação dialógica pela imagem que ele faz das relações entre oral/falado e letrado/escrito na constituição de sua escrita, de seu interlocutor e na sua própria como escrevente. (CORRÊA, 2004, p. 21).

Apresenta a metodologia utilizada – paradigma indiciário - a partir dos *três eixos de representação*, demonstrando como analisar os *rastros da individuação do sujeito*. Nas palavras do autor:

Trata-se da presença do outro como constitutiva do sujeito, neste estudo marcada pelas ideias de heterogeneidade e de representação, as quais, no sentido em que as utilizo, dão pistas da divisão enunciativa do sujeito e das formas discursivas que identificam o sujeito a grupos. (CORRÊA, 2004, p. 16).

De acordo com esse autor, o sujeito, ao utilizar a escrita, exterioriza a presença do outro e de diferenciados grupos sociais. Isso o constitui e demarca a heterogeneidade de seu discurso.

No segundo capítulo, a partir do que o autor propõe, entende-se sobre o primeiro eixo trabalhado, o da representação da escrita em sua suposta gênese. São desenvolvidas implicações teóricas sobre o que é o imaginário da gênese da escrita e como isso é localizado no conjunto de textos analisados. Corrêa (2004) explica que este eixo pode ser abordado de três modos:

(a) pelo tipo de mixagem entre o oral/falado e o letrado/escrito que o escrevente propõe; (b) pelo modo como o próprio escrevente se representa em sua escrita; e (c) pelas marcas linguísticas indiciativas desse tipo de circulação dialógica. (CORRÊA, 2004, p. 81).

Neste momento, entendemos em que medida o escrevente pode se prender a um imaginário sobre a escrita, como o modo de enunciação se constitui partindo da junção entre oral/letrado e o falado/escrito como tentativa de transcrição de termos da expressão oral para a escrita. O autor ainda esclarece as referências feitas no momento de sua análise para verificação deste primeiro eixo. Observa o caráter de novidade na escrita, marcas expressivas, delimitação de espaço argumentativo, determinação em sua posição para o contato com o interlocutor, suposição de que o leitor reconhece a base informacional do escrevente e, por fim, as marcações de sua circulação imaginária. (p. 82).

Seguindo, no terceiro capítulo, o autor aborda o segundo eixo de análise que trata do *escrevente e sua representação do código institucionalizado*. Tem-se as implicações teóricas de tal eixo, observando de que modo o imaginário pode se sustentar por toda uma tradição gramatical e em que medida isso é reproduzido na escrita dos vestibulandos, ou seja, nos textos analisados pelo autor. Esse eixo demonstra como o escrevente busca representar, em sua escrita, o que imaginam ser o código institucionalizado que reproduz a dinâmica social de institucionalização de valores para diferentes formas linguísticas. Corrêa (1997) esclarece que:

Podemos dizer que, nesse tipo de encontro, o escrevente lida, basicamente, com o que supõe ser - a partir não só do que aprendeu na escola, mas, em grande parte, do que assimilou fora dela - a visão-escolarizada do código institucionalmente reconhecido. Definidor de um produto inteiramente refratário a seu modo de constituição, o oral/falado seria, portanto, integralmente representado a partir do

caráter integrativo da escrita a ponto de não mais ser justificável reconhecê-lo nesse novo produto. (CORRÊA, 1997, p. 271)

Quando o escrevente utiliza como referência o código institucionalizado há, como pano de fundo, a visão do letrado/escrito como um modo autônomo de expressão, ou seja, a norma culta de escrita. Porém, na prática estes aspectos podem ter vestígios da oralidade, talvez pelo fato de poder oferecer a sua forma gráfica.

No último capítulo discute-se sobre o terceiro eixo, sendo *a relação entre o escrevente, texto do vestibulando, com a dialogia do já falado/escrito e com o já lido/ouvido*. Em três tópicos analisa nos textos:

- (a) O caráter fundamental do dialogismo na utilização da linguagem em geral;
- (b) O caráter dialógico como modo de constituição da escrita;
- (c) E as consequências do dialogismo na abordagem metodológica. (CORRÊA, 2004, p. 229).

O autor explora o dialogismo na escrita dos vestibulandos, demonstrando que a circulação que faz pelo imaginário sobre a escrita é detectado, não somente como dialogia com outros textos, mas vista como um tipo particular de dialogia, sendo reconhecida como constitutivo da escrita do vestibulando.

É importante mencionar que, para sustentar suas análises, o Corrêa utilizou teorias linguísticas como as de Bakhtin, Ducrot e Authier-Revuz e para demonstrar a importância de seu trabalho afirma que tais discussões são relevantes para o âmbito da prática pedagógica, já que traz um outro discurso sobre a escrita, aquele que demonstra a variação da língua e a heterogeneidade que constitui o escrevente a partir de seu discurso.

Assim, para nossas análises utilizamos algumas das *regularidades* vindas dos *três eixos* propostos por Corrêa (2004).

No primeiro eixo, denominado “O escrevente e a representação da gênese da escrita”, o autor discute como o escrevente assume a escrita como uma possibilidade de representação integral do oral/falado, havendo a circulação pela suposta gênese da escrita. Corrêa (1997) afirma que, neste caso, “o modo heterogêneo de constituição da escrita tem, pois, na imagem que o escrevente faz do poder representativo da escrita, isto é, de sua suposta gênese, um dos eixos de sua circulação dialógica” (p. 185). Este eixo, segundo Corrêa (1997),

pode ser demonstrado pelo *tipo de mixagem entre o oral/falado e o letrado/escrito que o escrevente propõe*, isto é, a forma com que o graduando se apodera da escrita, como uma *transcodificação* ou projeção do gesto articulatório em gesto gráfico, de sua escrita como instrumento de *gravação fiel da memória sonora do falado*, de representar o plano conversacional e argumentativo prosódico ou registrar a *materialidade fônico-pragmática do oral/falado* (CORRÊA, 1997, p. 185).

Por este eixo, o autor apresenta uma proposta de análise que visa as marcas sintáticas que podem ser abordadas pelos *modos fragmentários de integração* - ruptura na construção da frase - e pela *reconstrução do fluxo da fala*, pausa que atua como identificador de um novo fragmento. Também, mediante as marcas prosódicas e lexicais, observamos a concepção de *substituição do léxico pela prosódia* (escreventes tomam nitidamente a prosódia do falado como modelo) por meio da *prosódia e pontuação* (uso da vírgula posicionada fora da posição convencionalmente esperada e falta ou confusão de sinais de pontuação) e *prosódia e a ortografia* (demarcar características da dimensão sonora por meio de marcas gráficas) que podem ser verificadas por *hipossegmentação* (segmentação não convencional, palavras unidas), *expressividade oral marcada pelo léxico* (demonstram relações sociais tipicamente informais do graduando) e *informalidade* (marcas de conversação).

Ainda, o modo como o próprio escrevente se representa em sua escrita ganha materialidade nas *marcas conversacionais* por meio do *uso de articuladores que indicam participação direta do interlocutor* (expressões coloquiais que demonstram a situação imediata de comunicação com interlocutor), do *monitoramento explícito do discurso* (articulação quase conversacional) e do *uso de expressões formulaicas* (utilizar a fala popular informal).

Por fim, *pelas marcas linguísticas indiciativas desse tipo de circulação dialógica*, de acordo com o autor, o escrevente utiliza recursos argumentativos como ponto de referência para seu interlocutor. Pode ser entendido pelo *recurso à enumeração* (relacionar fatos e informações no interior do enunciado) e pelo *recurso às perguntas* (interpelar o seu interlocutor).

No segundo eixo, “Escrevente que assume a escrita como código institucionalizado”, o autor analisa como o escrevente busca representar, em sua

escrita, o que imagina ser o código institucionalizado. Compreendido pelas marcas sintáticas, quanto à construção do sintagma nominal pode-se analisar a *posição do adjetivo* (escolha não adequada) e a *construção do sintagma por meio de nominalização* (tentativa de integrar informação por meio da nominalização).

Também, pela *estruturação intrincada da frase*, ou seja, escrita pouco técnica, é possível discutir a *construção complexa e de difícil compreensão* (utilizar padrão de linguagem que não pertence ao escrevente) e pelo *fenômeno da hipercorreção* (regência, concordância nominal e verbal e uso do tempo verbal). Ainda, pelo proposto no segundo eixo pelas “Marcas ortográficas, é possível analisar os procedimentos e convenções ortográficas tomados ao pé da letra” por meio da *hipersegmentação*, separação inadequada de palavras de acordo com o modo institucionalizado.

No terceiro e último eixo, “Escrevente e a dialogia com o já falado/escrito”, o autor propõe analisar a dialogia, estabelecida pelo escrevente, com outros textos, ou seja, a “ligação de um discurso com outros discursos” (CORRÊA, 2004, p. 229). Ou seja, é uma proposta de análise que visa a *presença de outro enunciador no texto do escrevente* e pode ser observada através da *assimilação da voz da instituição como tentativa de adequação ao perfil do aluno* (reafirmar-se como participante do que o próprio graduando representa como perfil de licenciando esperado pelo curso) da *remissão a outros enunciadores com pretensão de ironia, de atribuição negativa ou de simulação de um outro*(alcançar o patamar crítico que o graduando imagina ser exigido pelo curso), da *remissão explícita ou não, por meio de discurso direto, a um enunciador ou a outro qualquer*(trocas linguísticas para sustentar seu discurso), da *sustentação do dizer a partir do que se estabelece como a voz do senso comum* (trocas cotidianas) e *remissão à outra língua* (indiciação dialógica do graduando com outras línguas).

Além dessas, este eixo também pode ser abordado *pelas referências* que são feitas *a um registro discursivo* demarcadas *pela recusa à informalidade*(expressões informais que aparecem entre aspas) e *pela recusa à formalidade*(modo de demonstrar o domínio do graduando em formulações linguísticas supostamente institucionalizadas para a sua escrita).Ao final, também verificamos o eixo, mediante a *remissões ao próprio texto*, ou seja, “o

escrevente explora o tipo de edição do texto escrito, em que planejamento e elaboração podem ser momentos bem definidos e isolados.” (CORRÊA, 2004, p. 28).

Tais categorias serão mobilizadas para o desenvolvimento das análises dos textos que compõem o *corpus* desta pesquisa. É importante mencionar que selecionamos algumas das regularidades presente no estudo de Corrêa para abordarmos em nosso trabalho. Não tratamos de todas as regularidades propostas pelo autor, pois na proposta textual da disciplina “Leitura e produção textual” não houve textos de apoio, coletâneas para que auxiliassem na escrita de seus textos. Portanto, algumas das regularidades linguísticas que observavam a dialogia com o já falado/ouvido foram excluídas, já que o *corpus* do autor é diferente do nosso.

3.4 Escrita Argumentativa – Tipo Textual

Estudar a construção argumentativa dos textos vai além de refletir sobre a língua em funcionamento. Reconhecendo a linguagem como fenômeno histórico atrelado à vida social e a língua como interação, os enunciados – orais ou escritos – caracterizam finalidades específicas de cada grupo/campo da sociedade, isto é, cada enunciado está organizado a partir de um determinado tipo de texto e tem intenção comunicativa específica para usos sociais.

Assim, todo texto possui um objetivo, o autor escreve com uma função e intenção de alcançar determinado público e alvo. De acordo com Koch (2011), o homem interage na sociedade por meio da linguagem, que se caracteriza primordialmente pela argumentatividade. A autora defende que:

[...] A ação verbal dotada de intencionalidade, tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas opiniões. É por esta razão que se pode afirmar que o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende “neutro”, ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria objetividade. (KOCH, 2011, p. 17)

No momento da escrita o graduando já busca e escolhe uma linha de raciocínio ligada ao assunto tratado, e encontra-se argumentando consigo mesmo, ou seja, seleciona os argumentos de forma apresada, visando se desvencilhar de uma tarefa e com pressupostos pré-estabelecidos. Assim, os direcionamentos linguísticos-discursivos feitos pelo enunciador, na escrita, não são aleatórias— mesmo que possam ser vistos como inconscientes —, pois são antes decorrentes das condições de instauração do discurso (BAKHTIN, 1997).

Um texto argumentativo tem como principal objetivo fazer com que o interlocutor creia, acredite no que está sendo afirmado. Isso exige uma estratégia argumentativa que presume “um conjunto de condições sob pena de falhar a demonstração” (VILELA, KOCH, 2001, p. 547): a) os argumentos precisam ser de fácil entendimento; b) o ato de argumentar busca convencer como perlocução; c) enunciador e enunciatário podem interagir por conectores de introdução de argumentos (por exemplo: já que, pois que, dado que, efetivamente, etc.) e por conectores introdutórios de conclusão (por exemplo: portanto, então, nesse caso, etc.) (VILELA, KOCH, 2001).

Neste trabalho, abordarmos a estrutura argumentativa de um texto, mas mais importante é mencionar que o entendemos como texto. Sobre isso, Vilela & Koch (2001) afirmam que texto é o “resultado parcial de nossa atividade comunicativa, que se realiza por meio de processos, operações e estratégias que têm lugar na mente humana e são postos em ação em situações concretas de interação social”. (VILELA; KOCH, 2001, p. 453). Para as autoras, o texto é entendido como um evento sociocomunicativo e por meio da argumentação há a concretização da escrita.

CAPÍTULO IV – DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos a junção entre teoria e prática para unir a teoria estudada com os textos (dissertações argumentativas) e analisarmos, por meio das pistas linguísticas e indícios encontrados, as categorias em estudo. Neste momento, demonstramos por meio dos três eixos propostos por Corrêa (2004) como a oralidade é encontrada na escrita sendo a heterogeneidade constitutiva dos sujeitos/graduandos.

4.1 Regularidades linguísticas: Os três eixos propostos por Corrêa (2004)

As regularidades linguísticas presentes nos três eixos propostos por Corrêa (2004) são vistas como pontos do processo de produção da escrita. Com esses três aspectos pretendemos mostrar momentos em que a oralidade é representada na escrita, mas não como erro e sim como o modo heterogêneo de constituição da escrita. É perceber que a relação entre oralidade e escrita é resultado da ligação entre sujeito e linguagem.

Com isso, o trabalho com os recursos linguísticos, as dificuldades e limitações que o escrevente apresenta serão constitutivos do entendimento sobre a escrita como um modo heterogêneo. Sobre isso, Corrêa (1997) afirma que:

A enunciação pela escrita impõe ao escrevente várias limitações simultâneas ligadas às hipóteses que ele faz sobre essa sua prática, limitações que poderiam ser descritos como um jogo de aceitação e recusa: (a) o escrevente aceita a escrita como convenção exaustiva, mas ela se recusa a sê-lo, no sentido em que é frequentemente atingida, desde o oral/falado, por novas intervenções em sua individualização histórica (b) o escrevente a aceita como possibilidade de alçamento do indivíduo aos discursos estabilizados das instituições, mas ela se recusa a sê-lo, no sentido em que joga com "variedades de registro invariantes: o formal e o informal" (Lopes, 1993. p. 29) que caracterizam um aspecto da estabilidade instável de sua existência sócio-histórica; e (c) o escrevente tende a aceitá-la como ato inaugural, mas ela se recusa a sê-lo, no sentido em que é ligada ao já escrito (falado)/lido(ouvido) e, portanto, sujeita à emergência incontrolável da heterogeneidade típica das práticas sociais. Atuando em diferentes direções e mesmo em direções contraditórias, essas limitações estão presentes no ato de apropriação da escrita e exprimem bem a dificuldade de posicionamento do escrevente nesse ato, determinando o seu modo heterogêneo de constituição. (CORRÊA, 1997, p. 92).

Portanto, com esses três eixos e as limitações que os ligam, entende-se o funcionamento de cada um. Ou seja, o graduando sabe da convenção da escrita, mas tem dificuldade para entendê-la quando há intervenções do oral/falado, também a aceita como discursos estabilizados de instituições, mas não a entende como invariantes no contexto sócio-histórico; e, por fim, há tendência do graduando não aceitá-la como um ato inaugural, pois é ligada ao já escrito (falado)/lido (ouvido), estando sujeita à mudanças inconscientes, resultando da heterogeneidade das práticas sociais do graduando.

Ressaltamos ainda que os três eixos estudados não têm papel de fazer avaliações estereotipadas ou apreciações negativas sobre a escrita, mas sim evidenciar os modos e o que fundamenta enunciação dos graduandos por meio da escrita, demonstrando os modos de *individuação*⁹ em que o sujeito está exposto junto à sua experiência com a linguagem. É perceber que buscam seguir modelos de dissertações argumentativas (DA's), mas que, mesmo inconscientemente, há inadequações nessas reproduções.

Nas próximas seções iniciamos as análises. Primeiramente, trazemos a conceituação de cada eixo e com trechos dos textos presente em nosso *corpus* (as DA's) exemplificamos cada regularidade existente.

4.2 Análise do 1º Eixo: Escrevente que assume a escrita como uma possibilidade de representação integral do oral/falado (circulação pela suposta gênese da escrita)

O momento da aprendizagem da escrita é crucial para toda e qualquer pessoa. Na universidade, esse processo não é diferente, visto que é o momento de aperfeiçoamento e reflexão. Neste eixo, o objetivo será demonstrar que o graduando, ao apropriar-se da escrita, tende a tomá-la como representação da oralidade. Portanto, é o eixo que demonstra o modo de constituição da escrita em sua suposta gênese. Entendemos como *regularidades* as categorias de análises que buscam captar a circulação dialógica do escrevente pela imagem que faz da escrita em sua suposta gênese. Há, então, três referências que explicam este primeiro eixo e que serão abordadas a seguir.

⁹ Individuação, segundo Corrêa (1997) trata-se do “aspecto dialógico da constituição do sujeito que transforma as pistas e o sujeito em individualidades” (p.96).

4.2.1. Pelo tipo de mixagem entre o oral/falado e o letrado/escrito que o escrevente propõe

Neste tipo que explica o primeiro eixo de análise, entendemos que, de acordo com Corrêa (1997), a mixagem que o graduando faz no momento de sua escrita. Ou seja, são as referências realizadas no processo da escrita, como a transcodificação dos gestos de articulação para o gráfico, escrever como uma gravação fiel do que se fala, do que se argumenta, isto é, da representação do plano conversacional. Então, é “registrar graficamente a materialidade fônico-pragmático do oral/falado” (p.185).

O graduando se entrega em seu texto, demonstrando a mixagem entre o oral/falado e o letrado/escrito, resultando em seu modo heterogêneo de constituição da escrita, já que é a imagem que é o poder representativo da escrita de sua suposta gênese.

Relacionado à primeira regularidade, às marcas sintáticas, analisamos os modos fragmentários de integração e a reconstrução do fluxo da fala. Na primeira, devemos nos lembrar que uma organização frasal segue uma construção formal e quando o graduando traz diversificações nesse “padrão”, compreendemos este *modo fragmentário de integração*. Observemos o trecho abaixo:

DA03

O ser humano que possui essa ferramenta, deveria ser educado, para poder utilizá-la de forma adequada. **Pois** infelizmente os índices de violência no Brasil aumentou, sendo por números elevados de homicídio, suicídios, crimes violentos, entre outros casos. As causas das violências e crimes, vem da província de uma linguagem inadequada, que precisa ser corrigida, através de ensino de qualidade para a população, em busca de uma educação humana.

Neste fragmento, o graduando faz a fragmentação rompendo com sua estrutura frasal, já que justifica a primeira oração; a segunda oração é subordinada à primeira, portanto não poderia haver esta ruptura, por meio do ponto final entre uma oração e outra. Ou seja, ao utilizar “pois” o graduando

interrompe a justificativa da primeira oração em que explica o porquê utilizar a *educação como uma ferramenta adequada*. Há a diversificação na construção deste período.

Outra situação de escrita fragmentária é “quando ocorre a integração feita pelo uso narrativo do conector “e”” (CORRÊA, 1997, p. 202). Vejamos:

DA05

O Brasil não crescerá enquanto não diminuir o fosso abisal da desigualdade. **E** a redução da desigualdade será mais rápida só com uma educação de qualidade. Como é sabido, a educação é um dos campos mais importantes para o desenvolvimento de um povo. É através da produção de conhecimento que ele cresce e pode aumentar a qualidade de vida de seus cidadãos.

O Brasil não crescerá enquanto não diminuir o fosso abisal da desigualdade. **E** a redução da desigualdade será mais rápida só com uma educação de qualidade.

A Coreia do Sul, tem sido sempre lembrada como modelo a ser seguido.

Neste excerto, o graduando busca fazer a integração de seu argumento e como princípio enunciativo, utiliza a narratividade, um recurso muito evidente em relatos orais, que é caracterizada por meio da forma com que o graduando relata os fatos sobre a educação durante todo o seu texto. Os “E” utilizados pelo graduando podem evidenciar a fala na escrita, visto que enquanto falamos em um diálogo utilizamos bastante para nos expressarmos a continuidade do assunto. Com isso, busca aproximar-se do seu interlocutor. Ou seja, por meio da narratividade busca envolvimento na relação sujeito/linguagem; é um momento em que o graduando se insere e traz a adesão de seu interlocutor.

Relacionado à *reconstrução do fluxo da fala*, como outro efeito de fragmentação da sintaxe, tem-se casos que ocorrem por fragmentação ou por justaposição. Observemos o exemplo do primeiro caso:

DA07

No Brasil contemporâneo, sofre-se com um governo que ataca os direitos dessa população, e como já dito aqui, seu principal aparelho de emancipação, a educação. O

ataque é feito em todos os níveis seja na autonomia universitária (para decidir quem vão ser os seus reitores), nos cortes de 30% de renda das mesmas, ou mesmo na retirada de escolas de tempo integral. Esses cortes batem, exatamente, de frente com a educação das classes baixas; que ocupam esses espaços buscando melhoria nas condições de vida. **A partir do que aprendem ali.** Ou seja, essa é a expressão da violência contra setores já excluídos da sociedade.

Adentrando na questão da educação em si; tem-se no Brasil um processo educacional que se diferencia de acordo com a classe que ocupa. Os filhos e filhas da burguesia, pelos privilégios que herdaram, têm condições – físicas, monetárias, mentais etc. – de desenvolverem seus conhecimentos. As escolas privadas carregam um nível superior às públicas, preparando seus alunos para a entrada na universidade, onde esses, que normalmente ocupam os cursos de mais glamour, poderão se desenvolver, enriquecer posteriormente e, manter, sem muitos problemas, a hegemonia de sua classe.

Em negrito temos uma sequência que faz parte do enunciado anterior, ou melhor, uma oração subordinada à anterior, que não é propriamente um enunciado independente. No caso, a reconstrução do fluxo da fala é feita por fragmentação, pois a pausa é o elemento identificador que demonstra o início de um novo fragmento. De acordo com Corrêa (1997), este é um modo heterogêneo de constituição da escrita, porque essas *marcas típicas das unidades de comunicação* estão demarcadas pela pontuação, apontando a fronteira dos enunciados. Também percebemos a tentativa de fazer plasmar-se a prosódia na escrita. (p.205).

O segundo caso, a *reconstrução do fluxo da fala* por justaposição, ocorre de outra maneira:

DA16

A primeira medida para solucionar a ineficiência da educação no Brasil, é retirar das mãos do Estado o poder de manipular essa matriz tão importante da sociedade, pois além de sua natureza coercitiva ele não satisfaz os princípios econômicos necessários para tornar qualquer instituição eficiente.

O objetivo do Estado em manter seu monopólio sobre a educação é limitar ao máximo o pensamento crítico e coibir as individualidades, utilizando-se de um planejamento central para decidir questões de informações dispersas e tácitas, **o que se mostrou ineficiente**

inúmeras vezes durante a história, porém o ponto central é identificado na própria natureza de um monopólio que se resume no fato de que ainda não satisfazendo as demandas populares, ele se sustentará pelos mecanismos coercitivos à sua disposição.

Com a desestatização tornando a educação livre e diversa, a alocação de recursos será realizada de forma racional, e as particularidades dos estudantes serão afloradas permitindo uma sociedade mais diversa e democrática.

A construção do parágrafo fica afetada pela justaposição de enunciados independentes. O graduando utiliza vários temas para delimitar o objetivo do Estado, porém, ao colocar os enunciados sem pausas (vestígios da oralidade), traz confusão ao seu texto, já que poderia haver *fronteira dos enunciados*, tal como a pontuação. Do enunciado anterior ao destacado em negrito, o graduando descreve o objetivo do estado e como pode ser articulado. Depois de assimilar a voz do outro (informação sobre o Estado), finalmente sinaliza um ponto de *individuação*¹⁰, pois marca as ideias relacionadas ao tema tratado (educação no Brasil). Essa alternância rítmica, marcada pelas vírgulas, demarca a posição pessoal que é feita pela reconstrução da oralidade para a escrita do graduando. Sobre este fato, Corrêa (1997) afirma que:

A aparente desconsideração do enunciado sob análise como uma frase independente - pela omissão do ponto final - parece, portanto, estar ligada a uma outra forma de indicição dessa alternância. A falta do ponto final não significa, portanto, uma não distinção rítmica dos enunciados (das "unidades de comunicação"), embora a indicição resultante não pertença à convenção gráfica esperada pelo leitor. Eis, portanto, uma indicição que está a meio caminho da real percepção de uma alternância e de seu registro convencionalizado (CORRÊA, 1997, p. 206).

Ou seja, por essa perspectiva, podemos afirmar que o graduando, ao escrever, tem a percepção de estar projetando, graficamente, o já falado/ouvido em seu contexto cultural. Por isso, "a meio caminho do real", pois há a alternância entre o convencional e a sua percepção.

¹⁰ Trata-se da presença do outro como constitutiva do sujeito, neste estudo marcada pelas ideias de heterogeneidade constitutiva e de representação, as quais, no sentido em que as utilizo, dão pistas da divisão enunciativa do sujeito e das formas discursivas que identificam o sujeito a grupos. (CORRÊA, 2004, p. 16)

Após, em relação à segunda regularidade deste eixo, em que há marcas prosódicas e lexicais, observamos a substituição do léxico pela prosódia, ou seja, é através da articulação com outros planos que o oral aparece na escrita. Exemplo disso é o graduando tomar nitidamente a prosódia do falado como modelo. Corrêa (2004) explica que “o escrevente tende a representar como um percurso genético aquele que vai diretamente da prosódia do falado para o que o escrevente supõe como o registro integral da prosódia no escrito.” (CORRÊA, 2004, p. 117). Observemos os trechos abaixo:

DA21

Contudo, em vez de investir na educação, recentemente o MEC divulgou que haverá um contingenciamento [sic] de verbas em **todas** ϕ ¹¹ **faculdades** federais.

De acordo com a jornalista Renata Martins, que escreveu uma matéria para o site “O Globo”, o Ministério da Educação informou que o corte é de 30% para todas as instituições, atingindo R\$ 2,5 bilhões.

Esse corte de verba prejudica bastante a educação pois é um fator agravante para todos os problemas que já possui em questão à falta de investimento. E tirando esses, há muitos outros, como a evasão escolar, a falta de uma estrutura cordenadora mais rígida e presente em algumas escolas e a falta de cobrança popular para a melhora na educação. Afinal, o ensino público também é responsabilidade da sociedade.

DA07

No Brasil contemporâneo, sofre-se com um governo que ataca os direitos dessa população, e como já dito aqui, seu principal aparelho de emancipação, a educação. O ataque é feito em **todos** ϕ **níveis** seja na autonomia universitária (para decidir quem vão ser os seus reitores), nos cortes de 30% de renda das mesmas, ou mesmo na retirada de escolas de tempo integral.

Esses cortes batem, exatamente, de frente com a educação das classes baixas; que ocupam esses espaços buscando melhoria nas condições de vida. A partir do que aprendem ali. Ou seja, essa é a expressão da violência contra setores já excluídos da sociedade.

¹¹ Utilizamos o símbolo ϕ para demonstrar a omissão de palavras. É importante mencionar que os símbolos não são dados transcritos e sim um fragmento do texto do graduando.

Nestes casos, temos dois exemplos de graduandos que, ao escreverem, omitem os artigos (as/os), demonstrando uma adaptação fonética sinalizada pela *falta de lexicalização*. Há indícios de que os graduandos omitiram os artigos, por já senti-los registrados nas sílabas finais das palavras “todas” e “todos”. Entende-se que, nos dois casos, a velocidade da fala tida como fonte pelo graduando não lhe permitiu apreender – sendo possível por meio da escrita de uma fala lenta – todos os segmentos que estão presentes na grafia. O autor afirma que “esse tipo de omissão pode ser chamado de *apagamento prosódico*, uma vez que é o dado prosódico da assimilação de um clítico que impede a percepção do vocábulo omitido.” (CORRÊA, 2004, p.117).

Além dos apontamentos linguísticos, percebemos, portanto, na relação sujeito/linguagem, a circulação do graduando pela imagem que faz da gênese da escrita. Há a representação da expressividade e da *não-projeção do outro na escolha de um estilo neutro*. (p.118). Nesta perspectiva, ainda temos a regularidade que analisa a relação entre *prosódia e pontuação*:

DA03

A linguagem é a **ferramenta na qual, utilizamos** para nos comunicar, libertando nossos pensamentos, sentimentos e ideias.

O ser humano que possui essa ferramenta, deveria ser educado, para poder utilizá-la de forma adequada. Pois infelizmente os índices de violência no Brasil aumentou, sendo por números elevados de homicídio, suicídios, crimes violentos, entre outros casos. As causas das violências e crimes, vem da província de uma linguagem inadequada, que precisa ser corrigida, através de ensino de qualidade para a população, em busca de uma educação humana.

DA07

As classes baixas que compõe a estrutura social brasileira, sofrem hoje, com ataques aos seus aparelhos de emancipação. Historicamente essas classes mantêm o país nas costas, são elas quem produzem, quem consomem e quem, ainda assim perde seus direitos. Pode-se observar, num panorama totalizante, que essas classes são violentadas cotidianamente e em todos os níveis; desde terem que construir suas casas à margem das cidades, até o encarceramento e morte,- muitas vezes sem fundo de verdade para tais atos contra eles,- do seu povo.

DA05

O Brasil não crescerá enquanto não diminuir o fosso abissal da desigualdade. E a redução da desigualdade será mais rápida só com uma educação de qualidade.

A Coreia do Sul, tem sido sempre lembrada como modelo a ser seguido.

Na década de 80, Coreia do Sul e Brasil estavam em um mesmo patamar educacional. Hoje, a Coreia apresenta índices elevados na educação e já ultrapassou em muito o Brasil, graças a grandes investimentos nesta área, avaliações de qualidade, mas sobretudo, a um sistema em que o professor é o centro das atenções e dos incentivos.

Nos trechos acima, a prosódia é demarcada pelo *emprego não convencional da vírgula*. Há o uso da vírgula fora da posição convencionalmente prevista para a escrita. No primeiro trecho, o graduando, ao utilizar o pronome relativo “na qual”, faz a colocação da vírgula de forma inadequada, pois a utiliza antes do pronome para argumentar sobre a “linguagem”. Nos outros três casos, tem-se a quebra sintática entre o verbo e seu complemento. Essa quebra demonstra que o graduando não está lidando apenas com características da escrita, uma vez que podemos detectar uma *unidade de comunicação*. Ele registra graficamente pela vírgula o gesto articulatório da pausa. Há uma marca expressiva que representa a posição do graduando em sua representação da *gênese da escrita* e de sua *individuação histórica*. De acordo com Corrêa (2004), essa regularidade traz esse aspecto:

Por ser o momento de um registro analógico da fala na escrita, os gestos articulatórios, associados a efeitos desejados sobre elementos da situação concreta de enunciação – em especial, o destinatário, o assunto e o próprio escrevente -, vêm representados no uso aparentemente desregrado da pontuação. (CORRÊA, 2004, p 122).

O graduando traz essas marcações na pontuação devido aos elementos (contexto e imagem do interlocutor) da situação de enunciação com seu leitor, interlocutor. Outro modo de analisarmos essa relação (prosódia e pontuação) é *pela falta ou confusão no emprego da pontuação*. Estes são tratados juntos porque a ocorrência de um (a falta) está ligada à do outro (a confusão). É importante esclarecer que não buscamos refletir o problema de pontuação, mas sim o da sua relação com a prosódia. Vejamos os casos:

DA22

Através deste viés, é extremamente claro que o sistema educacional Brasileiro está em crise, o sistema educacional **publico, foi** criado durante a revolução francesa no séc XVIII pelo iluminista e pensador Condorcet, e é utilizado da mesma forma no Brasil no **séc XXI, este** modelo precisa urgentemente ser remodelado. Também urge ressaltar que o estado precisa ter mais atenção com a mesmas, aumentando os investimentos e a qualidade estudo das escolas publicas. Já para os professores, estes merecem o máximo do respeito, visto que são estes o coração e alma do ensino, pois, já diria o teólogo Holandês Erasmo de Riberdã “A primeira fase do saber é amar os nossos professores”.

DA09

É de conhecimento geral que o ensino público no Brasil, vem passando por grandes problemas, e isso não é de hoje. Escolas sem **água** □¹² **luz**, ou mesmo cateiras [sic], sem alimentos para os alunos e sem professores.

Como então é possível que uma criança da periferia tenha acesso à educação de **excelência**□.

Não podemos nos esquecer da violência, presente nas classes de todo o país, onde alunos e professores se tornam refens do pouco caso do Poder Público.

O Brasil possui sistema de educação dicotomico, onde o ensino de qualidade existe, mas está agregado a valores financeiros absurdos. Como então é possível que uma criança da periferia tenha acesso à educação de excelência?...

No primeiro trecho (DA22), a falta e o excesso de pontuação trazem confusão ao período. O graduando, ao tentar trazer inúmeras informações num parágrafo, produz essas regularidades. De acordo com Corrêa (2004), neste caso, o escrevente busca reproduzir o grafismo do contorno rítmico-entonacional característico da atividade de contar histórias e inicia a sequência procurando mostrar essa marcação; porém, no momento posterior, para produzir a prosódia ensaiada mentalmente, deixa de utilizar a pontuação convencionalmente prevista (p.123). Portanto, os excessos estão demarcados pela colocação da vírgula de forma equivocada, que prejudica a coerência, e a falta de pontuação, cuja função é fragmentar o período, demarcando os diferentes assuntos que o

¹² Utilizamos o símbolo □ para indicar a omissão de sinal de pontuação.

graduando traz. Cabe mencionar que não só a presença, mas também a falta da pontuação pode destacar *blocos prosódicos* que reproduzem o percurso representado geneticamente pelo graduando.

No segundo trecho (DA09), o graduando, ao listar os elementos que fazem falta em uma escola de qualidade, não utiliza a vírgula entre “água □ luz”. Essa ausência traz confusão no momento da leitura. Outro caso que traz confusão está relacionado aos enunciados interrogativos. No trecho “Como então é possível que uma criança da periferia tenha acesso à educação de excelência□”, pelo início do período, com a utilização da expressão “como então é possível”, há um tom de indagação, questionamento, porém o graduando não usa o ponto de interrogação (?). Ou seja, não registra graficamente, por meio da pontuação, o que lexicalmente está marcado. Este caso demonstra a existência da *regularidade* entre prosódia e pontuação (ausente ou inadequada). Corrêa (2004) reitera que:

É provável que o diálogo ensaiado mentalmente tenha chegado ao texto já como um desenrolar argumentativo, e a representação que o escrevente faz desse diálogo parece, pois, deslizar de confronto direto para uma indagação indireta à distancia. (...) a projeção de um gesto articulatório (tom exclamativo ou interrogativo) no espaço gráfico do texto (ainda que se confundindo os sinais de pontuação). (CORRÊA, 2004, p. 124).

Nos casos mencionados, os graduandos trazem exatamente esse diálogo ensaiado mentalmente e rompem com o que o leitor espera. Ou seja, as pausas para auxiliar na compreensão do texto e a ausência ou confusão de pontuação.

Para concluir a discussão sobre a regularidade em relação a *prosódia* e a *ortografia*, analisamos o modo como o graduando projeta graficamente as características de dimensão sonora da linguagem. Como o foco é demonstrar a imagem que faz da gênese de sua escrita, destacamos fatos que enfatizam a ordem fonético-fonológico da escrita alfabética.

Primeiramente, tem-se a *hiposegmentação* que demarca, por meio das marcas gráficas, as características da dimensão sonora da linguagem. Este tipo de escrita pode ser observado em casos como:

DA04

Embora, nessas duas últimas décadas com o grande investimento em Universidades e Institutos Federais, tanto para a formação de professores, como também técnicos, o ensino ainda está muito longe do ideal, principalmente nas escolas públicas, mesmo com uma grande formação de professores, muitos acabam desistindo do ofício de lecionar, pois, na escola pública alguns fatores os deixam *desestimulados*, com o baixo salário, cargas excessivas de aulas e escolas totalmente abandonadas, tanto pelo Estado, quanto pela própria população.

DA12

Entre tanto não é isso que a educação precisa, esse tipo de assunto tem que ser discutido com mais seriedade por pessoas que realmente tem compromisso com o tema em discussão. A educação sempre *dispertou em terece* por parte de varias organizações, seja ela publica ou privada, mais existem alguns paradigmas que ainda precisa ser quebrado, seja ele religioso ou político, e natural quando se ver algum candidato à algum cargo letivo se aproveitando dessa pauta que é tão primordial para o desenvolvimento de uma nação. Entre tanto isso é uma herança que foi herdada desde a colonização.

A educação vai além de jogos de interesse vai além de discursos paralelas, jogos de empurra-empurra para o próximo governo, é preciso ter discussões serias com pessoas serias que propõe o debate e enfrenta de perto os problemas que assola a educação como um todo. Isso significa dizer que a educação passa mais uma vez por agonia e *dispresopor* aqueles que não sabem o poder e a transformação que só ela traz. [...]

Sendo assim seguiremos com nossos medos nossos males que parecem não ter cura, parece não ter solução e ficamos refém de políticos *mediocres* de homens sem educação querendo discutir educação.

DA22

No documentário “Pro dia nascer feliz”, o filme mostra o dia-a-dia em diferentes escolas, levando em conta os seus principais problemas e também mostrando alguns alunos e suas determinadas *opniões*. O documentário realça os grandes problemas dentro do sistema educacional brasileiro, no entanto os problemas vão além do que é apresentado.

Nas palavras acima, os graduandos escrevem da forma como acreditam ser a norma convencional da ortografia. A oralidade está presente nos casos em

análise, uma vez que trazem para a grafia o som mentalmente marcado em seu dizer. Por isso, há a troca, principalmente das vogais “e” e “i”. Essa troca demonstra que algo que ocorre na oralidade, a sonorização, é transferida para a escrita. Também essa regularidade pode ser observada em:

DA10

Outro aspecto contrário a essa educação salvadora está no caráter punitivo ainda tão presente nas escolas. Desse modo punidor, ou melhor, punitivo da escolas, Foucault alertava em seu livro “Vigiar e Punir”. Não pode, aqui, ficar subentendido a exclusão das regras escolares, mas sim, que muitas dessas *hordense* o não cumprimento delas levam a um único fim: a punição. É impossível salvar o indivíduo somente punindo-o, exemplo disso são as penitenciárias.

DA12

“No século XVIII um dos iluministas da época após a revolução Francesa trouxe uma proposta bem inovadora pra época com respeito a educação pública.” (Condorcet) onde o estado era láico e a igreja não einterferia no *encino*.

Nos dias atuais varias propostas fundamentam esse mesmo debate “escola sem partido cartilha que incentiva a sexualidade etc.”

DA13

Contudo, sabe-se a atual situação que o Brasil se encontra no âmbito educacional, o país esta sofrendo de maneira cruel, inúmeros ataques, que de forma irresponsável acabam por *lezar* o sistema educacional, como por exemplo, cortes na área da educação, abalando de forma atroz instituições de ensino, que partem da educação básica até ao ensino superior.

DA20

As escolas brasileiras na contemporaneidade se constroem sobre inúmeros fatores políticos, sociais e econômicos, que são determinantes para a estruturação do Ensino no Brasil. Para além disso, é necessário para a *compreençã*o desta questão, uma análise histórica e politica da sociedade brasileira do século XIX e XX, período onde se fundamenta os primeiros tópicos pedagógicos na América Portuguesa para assim, se compreender esta questão na atualidade.

[...]

A educação no Brasil é, primeiramente, vista como uma mercadoria, sendo que o sucateamento das universidades públicas, junto com cortes orçamentários

cada vez maiores, *reforce* esta visão. A formação de pensamentos críticos é, em segundo lugar, um fator, importante neste contexto. Movimentos políticos contrários a estes posicionamentos sufocam tanto professores quanto alunos. Como já afirmado anteriormente a educação é uma ferramenta política.

DA21

A educação no Brasil deu-se início com os *jezuítas* que catequizavam e ensinavam a língua portuguesa aos nativos. Desde seu princípio, apresenta interesses políticos de estabelecer domínio sobre o conhecimento dos que dispõem-se a aprender.

Os graduandos, nesses casos, utilizam o conhecimento que tem sobre a relação grafema/fonema. Em “hordens”, temos o uso inconsciente/errôneo da consoante <h>. Pressupomos que o graduando acredita que, pelo fato de <h> não obter som, pode utilizá-lo. Após, em “encino”, o uso de <c> no lugar de <s> pode ser explicado pela existência da percepção de que o fonema /s/ pode ser representado graficamente por varias letras ou combinações de letras, como: <ç>, <c>, <ss>. Fato semelhante ocorre com o fonema /z/, representado pela letra <z> e não pela letra <s> nas palavras “lezar” e “jezuítas”. Por fim, em “compreensão” e “reforce” está presente o uso de <ç> no lugar de <s>.

Em todos os casos, de acordo com Corrêa (2004, p.127), “é a correspondência grafema/fonema percebida pelo escrevente e não a falta de percepção dessa correspondência que leva o escrevente a empregar a ortografia não convencional.”. O graduando, na dúvida, quanto ao tipo de letra que deve utilizar, toma como ponto de partida o fato genérico de que letra e som são correspondentes. Com isso, traz uma convenção local para seus textos, a saber, os grafemas <c> e <z> sendo representados pelos fonemas /s/ e /z/, respectivamente. Portanto, por meio da dimensão sonora da linguagem (oralidade), o graduando traz à grafia o que imagina ser a gênese da escrita. Vejamos outras ocorrências de hipossegmentação:

DA06

Outra estratégia usada é a de dizer que tal pauta é partidária, mas não algo que todos deveriam defender, o que ocasiona disputas políticas. É possível observar isto, **apartir** das manifestações realizadas pelos estudantes no dia quinze de março, uma vez que os mesmos foram

adjetivados de petistas e comunistas, além de ser dito que estes atos não passaram de uma balbúrdia para matarem aula.

DA01

Há vários pontos a serem analisados nessa proposta, os que apoiam o protesto da educação domiciliar utilizam como argumento o respeito à liberdade das famílias de optarem por educar seus filhos em casa. Quem defende esse projeto afirma que essa modalidade representa um avanço, pois mostra o reconhecimento do governo federal com relação à liberdade das famílias de educarem os filhos em casa. Outro argumento é que com os filhos fora da escola, um mercado de material didático vai ser instaurado, assim como a criação de vídeo aulas e tutores privados, **oque** seria benéfico para a criança na área do aprendizado.

DA17

Através do tempo a linguagem, devido a sua importância, foi utilizada como arma por ocupantes do poder. Durante o processo de colonização por exemplo, ao prender os africanos nos navios negreiros **afim** de os levarem ao novo mundo, os agrupavam de modo que não ficassem no mesmo local os escravizados pertencentes à mesma tribo, pois ao falar o mesmo idioma ou dialeto, a comunicação estaria facilitada e as chances de organização dos escravos para um levante seria maior.

Relacionada à dimensão sonora da linguagem, especificamente na prosódia, nestes três casos – “apartir”, “oque” e “afim” - parece haver uma tentativa de reprodução gráfica de grupos compostos pela junção de clíticos que dependem das palavras que o seguem. Nos dois primeiros, há palavras não existentes na convenção da língua e no terceiro caso houve o equívoco, já que essa conjunção “afim”, neste momento da escrita, deveria ter utilizada a forma separada, o que demonstra a finalidade de prenderem os africanos nos navios negreiros. Corrêa (2004) acrescenta que:

De um ponto de vista linguístico, esse parece ser o critério que, de modo mais marcado, determina a hipossegmentação e, por meio dela, a indiciação de um momento de circulação do escrevente pelo que imagina ser a gênese da escrita. (CORRÊA, 2004, p. 128).

É, novamente, a oralidade refletida na escrita. O graduando traz a grafia de acordo com o som da fala, demonstra um modo de circulação pelo o que imagina ser a gênese da escrita. Relacionado a expressividade, supomos que tenham tido uma lembrança de suas escritas infantis. Se é isso, podemos a partir dessas pistas chegamos a hipótese de que há, no percurso de escolarização desses graduandos, inconsistência na aquisição da escrita em termos de convenção ortográfica.

A *expressividade oral marcada pelo léxico* também é tida como uma regularidade que demonstra a mixagem entre o oral/falado e o letrado/escrito, resultando em seu modo heterogêneo de constituição da escrita, marcando a expressividade do graduando pelo léxico.

DA13

Ainda mais, que o tema seja levado em *muitas ocasiões como irrelevante ou inalterável* deve-se levar em conta que debater e argumentar sobre educação é algo muito mais complexo que dedução e **achismos**, *a pauta educação aborda subtemas de extrema delicadeza*, como por exemplo: consequências do tempo histórico; fatores do contexto político, questões amplas sobre o lado social e econômico de um país.

Partindo do princípio que a educação é a chave para o sucesso, deve-se, tratar tal tema com muita sociedade e o contexto real em análise de onde essa educação irá ser aplicada.

O uso da palavra “achismos” tem relação com a realidade do graduando. Há uma crítica no trecho e essa expressão (muito própria do contexto acadêmico), o que demonstra ironia em relação àqueles que não discutem sobre educação da perspectiva científica. No trecho em itálico, o graduando demonstra sua insatisfação com relação..... utilizando as palavras “irrelevante”, “inalterável” e “extrema delicadeza”; ambas trazem uma carga semântica valorativa significativa para o texto. Portanto, o graduando demarca um espaço expressivo e, de acordo com Corrêa (1997), “esse espaço expressivo é justamente o heterogêneo que destoa da homogeneidade do modelo escolar, criando uma aparente fissura no texto” (p.231).

Outro caso em que o graduando demonstra sua expressividade pelo léxico é quando utiliza a palavra “chave” para manifestar a importância da educação para uma nação.

DA19

A educação está intrinsecamente ligado a produção de um país, já é comprovado o quanto é importante o investimento em educação para o desenvolvimento de um país. É preciso incentivar desde cedo as crianças a estudar, melhorar a qualidade do ensino público, só assim existirá um caminho para diminuir a desigualdade social. A educação é a **chave** para evolução de uma nação.

No excerto, há o uso da figura de linguagem metáfora – educação como chave – para que o leitor entenda a solução de diferentes problemas sociais. O graduando não usa aspas, nem letras maiúsculas, nem grifo, exteriorizando que essa escolha lexical faz retomada ao contato com suas relações sociais. Nas palavras de Corrêa (1997), “Essa identificação expressiva, sem nenhum caráter gráfico marcado, está ligada à caracterização de um momento espontâneo na abordagem do tema” (p.231). Isso demonstra a *individuação* do sujeito, pois a expressividade configura a representação do que o graduando tem pela gênese de sua escrita.

Os graduandos, nos textos (DA13; DA19), demonstram, por meio das escolhas das palavras, que têm certeza do que gostariam de expressar em seus textos. Com base em Geraldi (1997), é possível afirmar que o graduando necessita que “se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer” (p. 137) e com as palavras “achismos”, “irrelevante”, “inalterável”, “extrema delicadeza” e “chave da educação” notamos a razão pelo qual empregaram, tendo como objetivo demonstrar, ao interlocutor, sua expressividade de angústia sobre os principais impasses da educação.

Outro modo como o graduando se presentifica no texto é pelo uso do léxico que traz *marcas de conversação*:

DA19

No Brasil a educação nunca foi prioridade dos governos. E ainda hoje muitas famílias também não

priorizam esse setor. Desde cedo muitos jovens de famílias mais pobres são **colocados contra a parede**, obrigados a **largar** os estudos para ajudar sua família.

Talvez por educação não ter um retorno imediato, não é tão valorizado. **Se tirarmos de base** os países mais desenvolvidos, veremos o quanto a educação é um investimento importante, tanto economicamente como socialmente. No século XX a taxa de analfabetismo, principalmente no interior do Brasil, era muito alto. Índice que vem sendo reduzido mas ainda a passos lentos.

Neste trecho, há diversos momentos que demonstram a presença de recursos conversacionais, nos quais, a expressividade tende a ser marcada em realizações mais *informais*. O verbo “largar” e as expressões “colocados contra a parede” e “Se tirarmos de base” representam no texto as escolhas lexicais mais informais. Tais escolhas podem ter sido feitas pelo fato do graduando acreditar que, com elas, pode convencer o seu interlocutor. Neste caso, as seleções lexicais podem estar envolvidas com a expectativa do graduando em constituir uma situação real (locutor/interlocutor), assim como ocorre no campo da oralidade, revelando a forma como representa a (sua) escrita em sua gênese.

4.2.2. Pelo modo como o próprio escrevente se representa em sua escrita

Ainda relacionado ao primeiro eixo de análise, nesta seção, buscamos demonstrar o *modo como o próprio escrevente se representa em sua escrita*. Trata-se de uma análise que visa entender o texto a partir de seu processo de constituição. Importante mencionar que não nos preocupamos com propriedades de textualidades, tais como coesão, coerência, intencionalidade, informatividade, porém todos fazem parte na relação do texto com o próprio graduando, com o interlocutor, com o assunto e demais fatores pragmáticos da situação de enunciação. Sendo nessa relação que buscamos caracterizar a representação que o graduando faz de sua escrita.

Para entendermos as condições de produção do discurso, os fatores pragmáticos são importantes, pois é no cruzamento de expectativas que o graduando se situa em sua prática textual. Corrêa (1997) afirma que “o caminho que seguimos parte da busca, nos textos, dos detalhes salientes da

representação, em termos linguísticos, que o escrevente faz desse evento, tomado como “cruzamento de itinerários possíveis.”” (p. 242).

Relacionado à primeira regularidade, *marcas conversacionais*, analisamos o *uso de articuladores que indicam participação direta do interlocutor* na escrita. Ocorre em sequências como as seguintes:

DA09

Desse modo, além de suprir a necessidade do mercado, também não incentiva o lado intelectual da classe mais pobre, uma vez que povo estudado não é boa massa de manobra política.

Portanto **aí** há, um pequeno esboço do projeto de educação brasileiro, oferecer sempre o mínimo possível sucateando, alterando, desviando e desvalorizando, para que a massa esteja sempre no mesmo lugar, nunca questionando, ou sequer lutando por seus direitos.

Infelizmente, no Brasil, o projeto de educação, serve para que o povo seja sempre manipulável, ignorante e dócil.

Projeto esse, que está sendo bem sucedido.

DA12

[...]

Não adianta ser a 1º economia do mundo e ser um dos países que mais tem analfabeto. Isso e negar a propria identidade.

Sendo assim seguiremos com nossos medos nossos males que parecem não ter cura, parece não ter solução e ficamos refém de políticos mediocres de homens sem educação querendo discutir educação.

Mais [*sic*] assim aos tombos e barrancos superamos como nos tempos coloniais e estamos **aí** para resistir e dizer que não somos vítimas somos sobreviventes.

O uso do articulador “aí” é reconhecido como uma marca dos gêneros narrativos em casos mais informais, cujo ponto de coloquialidade busca marcar, mesmo quando utilizado em situação formal, o andamento do desenvolvimento do que está sendo abordado na situação de comunicação, em que o graduando supõe a participação de seu interlocutor. Corrêa (2004) enuncia que “o envolvimento pressuposto entre os interlocutores parece, pois, ser o fator condicionante da saliência que o uso do articulador tem para esse escrevente.” (p.141).

Nos dois trechos, o uso desse articulador (aí) serve para referir ao mundo exterior, ou seja, fora do espaço da sala de aula, onde o graduando estava desenvolvendo seu texto. É uma forma de direcionar o interlocutor sobre as vivências relacionadas aos difíceis momentos que a educação tem passado. Por isso, exterioriza os fatos para além da localização voltada ao espaço argumentativo.

Bakhtin (2006) afirma que o *sujeito* é um ser social, sociável, histórico, respondente e responsável. Por meio do articulador “aí”, o graduando marca um movimento de interação com outros em diferentes contextos sociais; é um modo de, em seu texto, trazer o exterior, o outro, para se sentir seguro de seu dizer, de seu argumento.

Em DA07, novamente a informalidade aparece com um tom quase conversacional, trazido em função do *monitoramento explícito do discurso* que conduz à conexão temática:

DA07

[...]

Retirar as humanidades como matérias escolares é apontar o caminho da continuidade da alienação; projeto esse, amarrado ao escola sem partido, que cala docentes em sala e tira sua autonomia.

Esse é o cenário da educação no Brasil contemporâneo, ela é uma saída para uns e um medo para outros. **O sistema educacional brasileiro ainda é falho em todas as estancias e como mudar essa perspectiva? Como deve ser a educação?**O conjunto da educação deve ser popular, de amplo acesso, de alta qualidade. Voltando suas pesquisas para resolução de problemas da classe trabalhadora, que faça o país avançar. O estado deve atuar nas políticas públicas pensando a ampliação do acesso das camadas mais baixas nas escolas e universidades.

DA11

A educação está diretamente relacionada ao desenvolvimento intelectual e moral do ser humano, que por sua vez, é realizado através da pedagogia, didática e ensino. Seguindo essa linha de pensamento, o filósofo iluminista Condorcet, propôs o conceito de Escola Democrática, onde o ensino deveria ser universal, público e laico. Atualmente, essa medida é utilizada por diversos países, sendo que os próprios governos oferecem educação pública para a sociedade. **Porém, até que ponto**

a proposta de Condorcet é real? E ela caracteriza uma educação de qualidade no Brasil?

O Sistema Educacional Brasileiro é dividido entre o setor público e privado, havendo entre eles uma enorme disparidade, relacionado a desigualdade social e a falta de investimentos.

Sendo assim, as escolas públicas, principalmente as periféricas, apresentam crianças sendo aliciadas pelo crime local, além dos obstáculos de alguns alunos não conseguirem nem ir a escola, devido a falta de transporte e auxílios. Ainda, a violência e desrespeito são banalizados em muitas dessas instituições. Apesar das escolas particulares apresentarem alguns problemas, são imensamente mais seguras e possuem rendimento e resultados melhores.

Por meio das indagações, fica implícito que o graduando está assinalando contato com o interlocutor. Na oralidade, os marcadores conversacionais não são prosódicos, são prosodicamente demarcados. Contudo, esses marcadores são submetidos ao *silenciamento fônico-acústico próprio da escrita*. Esse vazio na resposta do graduando sem outro recurso lexical, sintático ou textual, na escrita, deixa em aberto para que o leitor o preencha. Esse efeito também caracteriza a gênese da escrita, pois, por meio dele, o graduando supõe projetar uma situação de oralidade, em uma situação de escrita (CORRÊA, 2004, p.143).

Um último caso relacionado à representação da gênese da escrita do graduando é vista pelo *uso de expressões formulaicas*. Seriam as palavras utilizadas na fala popular informal que são trazidas para a escrita.

DA09

Apesar de que, a educação para todos seja um sonho, distante de ser alcançado, essa seria sem dúvidas uma solução inteligente: ricos e pobres estudando no mesmo colégio.

Sem dúvidas, que se o filho do político estudasse na mesma instituição que o filho do gari, esse político faria com que a educação ali granjeada fosse de alto nível.

Entretanto, isso iria contra instituições particulares que além de ganharem **rios de dinheiros** são de propriedade de muitos dos políticos já citados.

Não é do interesse dessa elite política capitalista que a massa pobre permaneça muitos anos nas escolas e faculdades. Pois essa elite tem necessidade de mão-de-obra para suas fabricas, sendo então mais interessante que essa massa curse um simples curso técnico.

Desse modo, além de suprir a necessidade do mercado, também não incentiva o lado intelectual da classe mais pobre, uma vez que povo estudado **não é boa massa de manobra política**.

Portanto aí há, um pequeno esboço do projeto de educação brasileiro, oferecer sempre o mínimo possível sucateando, alterando, desviando e desvalorizando, para que a massa esteja sempre no mesmo lugar, nunca questionando, ou sequer lutando por seus direitos.

DA19

A educação no Brasil hoje pode ser descrita como precária. Constantemente são cortadas as verbas das escolas públicas, muitas escolas não possuem verba para a merenda dos alunos, pagamentos de funcionários atrasados, infraestrutura precária. De tal forma é impossível haver um ensino de qualidade e totalmente justificável a causa de muitos jovens abandonar os estudos.

Muitas vezes ouvimos a frase **“nasceu pobre, vai morrer pobre”**. O que não deixa de ser real, as famílias menos favorecidas, não tem condição de prover uma educação de qualidade para seus filhos, que conseqüentemente não serão aptos a empregos com salários melhores.. No papel, todos deveriam receber educação pública e de qualidade, o que infelizmente não acontece. O que torna quase impossível uma pessoa abandonar a pobreza. Por isso é importante reforçar o quanto a educação é importante para a estruturação de um país.

Nas expressões acima, a oralidade está presente na escrita, marcando também um ponto de *individuação* do sujeito. É um momento de expressividade que supomos entender dizeres que o graduando utiliza em seu dia a dia. No trecho “Muitas vezes ouvimos a frase nasceu pobre, vai morrer pobre” a voz de uma certa comunidade é chamada para compor o discurso sobre a desigualdade social que prejudica a educação.

No trecho “povo estudado não é boa massa de manobra política”, o graduando traz um alto grau de expressividade e parece estar em uma discussão acalorada sobre educação/política. A tentativa de ter bons argumentos em seu texto, numa forte relação com o assunto, é a razão pela qual sua expressividade aparece, caracteriza como mais um ponto de *individuação* do sujeito.

Na perspectiva bakhtiniana, a *linguagem* é concebida como uma forma de interação entre sujeitos socialmente organizados e inseridos numa situação concreta de comunicação. Por meio dos últimos trechos, tais interações entre os interlocutores é princípio fundador do *discurso*, da *linguagem* e do *sujeito* que constrói o texto-discurso.

Nos três casos, as *expressões formulaicas* trazidas no desenvolvimento dos textos dos graduandos não acrescentam propriamente na condução do tema tratado, mas na busca do envolvimento, até emocional, do interlocutor, para que seja atingido por meio das marcas de expressividade.

4.2.3. Pelos recursos argumentativos que marcam a representação do escrevente sobre a gênese da escrita

Esta seção aborda os diferentes recursos argumentativos que o graduando utiliza para marcar sua representação sobre a gênese da escrita. De acordo com Corrêa (2004), “trata-se do uso de recursos que estão ligados à escolha imperativa de fatos, dados, opiniões e argumentos relacionados e necessários ao desenvolvimento temático” (p.149). Logo, a discussão desses recursos tem como ponto de referência o interlocutor representado que constitui o graduando em seu texto.

Primeiramente, temos o *recurso à enumeração* em que o graduando utiliza os *instrumentos linguísticos* disponíveis para construir seu texto. Esse recurso talvez tenha maior frequência pelo fato do graduando precisar da economia sintática e da relação de interdependência no interior dos enunciados.

DA02

No entanto, não é essa a realidade encontrada no cotidiano das escolas públicas. Facilmente perceberemos que o enunciado da Carta Magna não retrata a realidade.

Analisando as condições de acesso, a permanência, o padrão de qualidade, que possibilite a todos – **pobres e ricos, negros e brancos, homens e mulheres** – cursar uma escola de qualidade, veremos que o texto não possui aplicação prática alguma.

Por essa razão, podemos afirmar que o ensino fundamental da escola pública no Brasil é fator preponderante de aprofundamento da desigualdade. A “permanência” dos mais pobres e marginalizados em um

local em condições mínimas de aprendizagem é praticamente impossível. A falta de pessoal qualificado, estrutura física, material didático e até mesmo de alimentação é fator excludente e de falta de consideração à dignidade humana.

DA03

Usam da violência para ter posse não apenas de bens materiais, mas também de pessoas, como bullingnas escola, mulheres sendo violentadas, para que ela se sujeite a realizar os desejos do agressor. A violência contra a classe LGBT e racial, é por acharem que são seres inferiores e não dignos de respeito.

Deve-se ressaltar que todo tipo de violência, ela contém sim presença de linguagem verbal como forma de violência, conhecido como violência verbal. Utilizando **xingamentos, apelidos, palavras ofensivas**, na qual contém o poder de desabilitar [*sic*] uma pessoa, podendo acarretar um sofrimento, que pode acarretar em uma depressão ou até mesmo suicídio.

As pessoas não sabem conversar, utilizar o dom da fala e da comunicação de forma adequada e saudável, evitando possíveis tragédias e confrontos mentais e morais.

Nos dois trechos a *enumeração* serve para listar todos que necessitam ter uma educação com qualidade (DA02) e os artifícios que desestabilizam uma pessoa (DA03). A regularidade se deu entre estruturas sintáticas de mesma natureza e relacionado à enunciação oral. As especificações seriam a cada nova estrutura, uma pausa na entonação, um gesto ou ricto facial. Corrêa (2004) afirma que

Ao produzi-las na escrita, o escrevente opera apenas com o recurso gráfico da pontuação, utilizando-se insistentemente dessa estrutura talvez por sentir-se seguro da transparência de traços prosódicos e gestuais que supõe imprimirem-se como tais no papel sob a forma de pontuação enumerativa. (CORRÊA, 2004, p. 151).

A hipótese que levantamos é que, para o graduando, enumerar, por meio das vírgulas, as palavras em destaque trariam ao seu interlocutor maior entendimento sobre o que estava abordando em seu texto. Isso agregaria no quesito informações de seus argumentos.

Por fim, com esse primeiro eixo constatamos como o tipo de mixagem que o graduando propõe, a partir do código institucionalizado, remete à relação entre

oral/falado, lido/escrito como um *pano de fundo*. Essa relação atesta a existência de um modo autônomo de expressão que, em seu processo pertencente a escrita culta formal, o graduando se espelha. Porém, no momento da escrita essa autonomia se reduz a um modelo próprio e fixo da escrita e que, em momentos de distração, a oralidade se fazem presentes. Corrêa (1997) supõe que “se pode transformar a oralidade em escrita unicamente pelo fato de esta última poder dar à primeira uma forma gráfica” (p. 271).

Sendo assim, o graduando, ao buscar utilizar a norma culta e não se equivocar quanto a ela, acaba excedendo em uma caracterização de texto que acredita ser própria somente da escrita. Nesses momentos, evidenciamos sua *representação do código institucionalizado*, ou seja, a imagem que tem como base e que orienta o modo como representa na sua escrita, o contato entre interlocutor e a si mesmo.

Além disso, as marcações entre oralidade e escrita são marcadas sempre que o graduando “leva a extremos uma tal imagem sobre o código escrito” (CORRÊA, 1997, p. 272). Ou seja, nesse primeiro eixo essas marcações são trazidas pelo excesso. Já que esse processo pode trazer formalidade inconsistente em relação ao próprio tipo de organização textual proposto.

4.3 Análise do 2º Eixo: Escrevente que assume a escrita como código institucionalizado

Em contrapartida, no segundo eixo, na tentativa de representação da escrita, caracteriza a apropriação da escrita como código institucionalizado. Inverso à concepção da escrita em sua suposta gênese. Neste caso, o graduando, como ponto de partida, concebe-a como um modo autônomo de representar a oralidade.

4.3.1. Marcas sintáticas - quanto à construção do sintagma nominal

Entendemos a dimensão do código institucionalizado pelo ponto de vista sintático, ou seja, marcas da construção de uma frase em que podemos observar a articulação entre léxico e sintaxe. Observamos as passagens *das formulações linguísticas que pertencem ao domínio da produção textual* do graduando para

estabelecer contato com seu interlocutor, cujo padrão de linguagem busca se alçar.

Temos duas regularidades que destacam as marcas sintáticas quanto à construção do sintagma nominal: à *posição do adjetivo* e *a construção por nominalização*. Em relação à primeira, à posição do adjetivo, para o graduando se localizar na escrita culta formal, faz escolhas quanto ao adjetivo e demonstra sua representação sobre o código institucionalizado. Essa ocorrência é marcada pela escolha do adjetivo, mas também pela sua posição no sintagma nominal: DETERMINANTE + ADJETIVO + NOME. Vejamos:

DA07

Adentrando na questão da educação em si; tem-se no Brasil um processo educacional que se diferencia de acordo com a classe que ocupa. Os filhos e filhas da burguesia, pelos privilégios que herdaram, têm condições – físicas, monetárias, mentais etc. – de desenvolverem seus conhecimentos. As escolas privadas carregam um nível superior às públicas, preparando seus alunos para a entrada na universidade, onde esses, que normalmente ocupam os cursos de mais glamour, poderão se desenvolver, enriquecer posteriormente e, manter, sem muitos problemas, a hegemonia de sua classe.

O que resta então aos proletariados? Ocupar as escolas públicas, que mesmo sucateados sofrem ataques por parte do governo atual. Essas instituições carregam e expressam claramente o projeto de governo pensado para os próximos anos. Professores mal remunerados e despreparados, trabalhando em péssimas condições. Alunos que trazem **as concretas demandas** às quais as escolas não conseguem resolver (fome, as más relações familiares, o conjunto de influências). Os poucos e poucas que chegam a universidade se deparam com um cotidiano amedontrador de ensino, muitas vezes sem as condições necessárias para se manter naquele espaço durante toda a graduação.

Nesse caso, fazendo uma rápida análise de conjuntura, fica perceptível o processo que o atual governo constrói. Com cortes (já tratados aqui) em locais sucateados, tirando a possibilidade de emancipação de uma classe. A educação brasileira é parte fundamental para consolidação desse governo; outro exemplo disso é o ataque direto às humanidades, visto que essas são as formadoras de pensamento crítico dentro das salas de aula. Retirar as humanidades como matérias escolares é apontar o caminho da continuidade da alienação; projeto

esse, amarrado ao escola sem partido, que cala docentes em sala e tira sua autonomia.

No primeiro caso, a análise estilística tradicional afirmaria que há uma certa subjetividade em “concretas demandas”, porém de acordo com Corrêa (2004) “a busca de qualidades consagradas vem aliada a combinações lexicais questionáveis” (p. 188). Sendo assim, no exemplo dado, utilizar o adjetivo “concretas” a “demandas” não condiz propriamente a supor a existência de demandas abstratas, mas, aparentemente busca marcar a uma *adequação que efetivamente não se dá*. Há indícios de que, embora marcada pela inadequação, é uma pista que o graduando deixa sobre sua percepção de *dialogia internado* léxico, ou seja, da tentativa de ser reconhecido como um possível interlocutor diante do interlocutor que ele mesmo representa. Corrêa (2004) complementa que

o deslocamento de sentido que a escolha do adjetivo acarreta mostra que, nesses casos, essa escolha é muito eloquente em razão da discrepância entre o enunciado atribuído ao interlocutor e o deslocamento de sentido presente no enunciado efetivamente produzido. (CORRÊA, 2004, p. 188).

Então, quanto aos tipos de escolha, parece haver uma tentativa de alçamento ao que o graduando representa com seu modo de dizer e o que representa ao seu interlocutor. Também a dialogia com o *já falado/escrito* está linguisticamente materializada, já que em sua escrita utiliza de léxicos presentes em sua *zona de contato* com o interlocutor, com o contexto ao que se diz.

A segunda regularidade linguística é a tentativa de integrar informações por meio de nominalização. Observemos o texto:

DA19

A educação está intrinsecamente ligado a produção de um país, já é comprovado o quanto é importante o investimento em educação para o desenvolvimento de um país. É preciso incentivar desde cedo as crianças a estudar, melhorar a qualidade do ensino público, só assim existirá um caminho para diminuir a desigualdade social. A educação é a chave para evolução de uma nação.

A educação no Brasil hoje pode ser descrita como precária. Constantemente são cortadas as verbas das escolas públicas, muitas escolas não possuem verba para

a merenda dos alunos, pagamentos de funcionários atrasados, infraestrutura precária. **De tal forma é impossível haver um ensino de *qualidade* e totalmente *justificável a causa* de muitos jovens abandonar os estudos.**

Muitas vezes ouvimos a frase “nasceu pobre, vai morrer pobre”. O que não deixa de ser real, as famílias menos favorecidas, não tem condição de prover uma educação de qualidade para seus filhos, que conseqüentemente não serão aptos a empregos com salários melhores. No papel, todos deveriam receber educação pública e de qualidade, o que infelizmente não acontece. O que torna quase impossível uma pessoa abandonar a pobreza. Por isso é importante reforçar o quanto a educação é importante para a estruturação de um país.

Com o enunciado “haver um ensino de qualidade e totalmente justificável a causa de muitos jovens abandonar os estudos”, o graduando busca integrar duas afirmações: haver ensino de qualidade e o abandono de jovens aos estudos. Tais construções funcionam como duas questões motivadoras durante todo o texto. Essas abordagens são tomadas, pelo graduando, como réplicas ao que está acontecendo nos dias atuais na educação brasileira e contribuir com a expectativa de abordagem de seu interlocutor. Trata-se, portanto, de nominalização que marca como ele representa o código escrito institucionalizado de sua circulação dialógica. Finalizando, Corrêa (2004) acrescenta que

a motivação do escrevente para a nominalização advém da tentativa de produzir um texto apropriado ao interlocutor, projetado este último como pertencente ao campo do conhecimento formal, lugar em que localiza o código institucionalizado. (CORRÊA, 2004, p. 190).

Dado a esfera social de circulação de cada graduando, há pistas de que as escolhas dos signos nominais analisados ocorrem para apropriar-se da língua no mesmo nível de seu interlocutor, ou seja, no campo formal da escrita.

4.3.2. Marcas sintáticas - Estruturação intrincada da frase

A *estruturação intrincada da frase* será considerada como a projeção do planejamento verbal do graduando na escrita, sendo direcionado ao interlocutor

específico, neste caso a professora da disciplina LPT. Corrêa (1997) classifica duas regularidades linguísticas nesse segmento:

as construções complexas e de difícil compreensão, elaboradas para reproduzirem uma crítica e o fenômeno da *hipercorreção* em geral (quanto à regência; quanto ao uso do pronome oblíquo como um caso particular de regência; quanto à concordância - nominal ou verbal; e quanto ao uso de tempo verbal. (CORRÊA, 1997, p. 296).

O exemplo abaixo mostra o primeiro caso, as *construções complexas e de difícil compreensão*:

DA12

Entre tanto não é isso que a educação precisa, esse tipo de assunto tem que ser discutido com mais seriedade por pessoas que realmente tem compromisso com o tema em discussão. A educação sempre dispertouemterece por parte de varias organizações, seja ela publica ou privada, mais existem alguns paradigmas que ainda precisa ser quebrado, seja ele religioso ou político, e natural quando se ver algum candidato à algum cargo letivo se aproveitando dessa pauta que é tão **primordial** para o desenvolvimento de uma nação. Entre tanto isso é uma herança que foi herdada desde a colonização.

A educação vai além de jogos de interesse vai além de discursos paralelas, jogos de empurra-empurra para o próximo governo, é preciso ter discussões serias com pessoas serias que propõe o debate e enfrenta de perto os problemas que **assola** a educação como um todo. Isso significa dizer que a educação passa mais uma vez por agonia e dispreso por aqueles que não sabem o poder e a transformação que só ela traz.

É preciso deixar de lado o jogo de interesse é preciso esquecer as diferenças partidária e encarar de perto um problema antigo que fere a dignidade da nação!

Não adianta ser a 1º economia do mundo e ser um dos países que mais tem analfabeto. Isso e negar a propria identidade.

Sendo assim seguiremos com nossos medos nossos males que parecem não ter cura, parece não ter solução e ficamos refém de políticos **mediocreis** de homens sem educação querendo discutir educação.

Temos um texto “problemático”. O graduando tenta investir em uma formulação mais formal, é resistente em seu investimento, porém, em alguns momentos, há indícios de que é uma tentativa sem sucesso, porque busca

alçamento em um padrão de linguagem que não é seu. A heterogeneidade presente ganha materialidade nessa tentativa de alçamento e não pela alternância diferentes eixos de circulação. O código institucionalizado, nessa escrita, demarca o processo em que o graduando está, ou seja, em sua relação com a linguagem. Ao utilizar os léxicos “primordial”, “assola” e “mediocres” em seu texto, utiliza do *recurso de integração de informação*, o qual traz um *torneio sintático* muito complexo e sem sentido. Há pistas de que busca direcionar os vocábulos como justificativa para seus argumentos sobre a importância da educação.

No segundo caso, ainda relacionado à estruturação intrincada da frase, temos o fenômeno da *hipercorreção*, que pode ser visto por meio da regência, uso do pronome oblíquo, concordância nominal e verbal e tempos verbais. Corrêa (2004) afirma que “Esse tipo de indicição parece ser condicionado pelo respeito ao distanciamento que essa escrita, produzida sob a circunscrição de um evento muito particular, impõe ao escrevente em relação ao que ele diz” (p.194). Esse processo de textualização é caracterizado pelo uso de simulacros de recursos sintáticos, cujo *objeto de simulação* é o próprio interlocutor. Isso evidencia não só a distância na relação graduando/interlocutor, mas também o distanciamento sobre o que diz e para quem diz. Dessa maneira, o autor complementa que a *hipercorreção* constitui um ponto de mediação entre o crédito linguístico que atribui ao interlocutor e a si, mas também a busca de legitimar o distanciamento sobre ao que diz. Vejamos exemplos de *hipercorreção* quanto à concordância nominal e verbal:

DA12

A educação vai além de jogos de interesse vai além de discursos paralelas, jogos de empurra-empurra para o próximo governo, é preciso ter discussões serias com pessoas serias que propõe o debate e enfrenta de perto os **problemas que assola** a educação como um todo. Isso significa dizer que a educação passa mais uma vez por agonia e dispreso por **aqueles que não sabe** o poder e a transformação que só ela traz.

É preciso deixar de lado o jogo de interesse é preciso esquecer as **diferenças partidária** e encarar de perto um problema antigo que fere a dignidade da nação!

Não adianta ser a 1º economia do mundo e ser um dos **países que mais tem analfabeto**. Isso é negar a própria identidade.

Sendo assim seguiremos com nossos medos nossos males que parecem não ter cura, parece não ter solução e ficamos refém de políticos mediocres de homens sem educação querendo discutir educação.

Mais assim aos tombos e barrancos superamos como nos tempos coloniais e estamos aí para resistir e dizer que não somos vítimas somos sobreviventes.

Em “diferenças partidária” e “países que mais tem analfabeto”, temos exemplos de *hipercorreção* quanto à concordância nominal. O graduando, por diversas vezes em seu texto, não faz a concordância em número com os substantivos “partidária” e “analfabeto”, porque deveria ser “partidárias/analfabetos”, já que “diferenças/países” estão no plural. Em “problemas que assola” e “aqueles que não sabe” percebemos a *hipercorreção* quanto à concordância verbal. O graduando não visualiza o sujeito para concordar com o verbo, pois “problemas” e “aqueles” estão no plural, tendo a forma correta da conjugação verbal como “assolam” e “sabem”. Com isso, a fala se presentifica na escrita por meio de vestígios que, em diversos momentos, ao falarmos, não utilizamos as formas corretas e culta da língua. Isso, conseqüentemente e inconscientemente, é refletido na escrita.

Com essas regularidades, é possível afirmar que há a tentativa dos graduandos utilizarem recursos linguísticos para integrar informações, demonstrando características próprias e típicas de suas escritas. Corrêa (2004) acrescenta que os fatos estudados “são condicionantes do aparecimento de indícios sintáticos da circulação dialógica do escrevente” (p.198).

4.3.3. Marcas ortográficas - Procedimentos e convenções ortográficas tomados ao pé da letra

Neste tópico, será analisada a representação que o graduando faz do código escrito institucionalizado através das *marcas ortográficas*. Corrêa (2004) utiliza a expressão “ao pé da letra” para demarcar a diferença existente entre a abordagem do eixo 1 e o eixo 2, já que agora a ênfase recai na própria letra e

não no som. É analisada, portanto, por meio da *hipersegmentação*, ou seja, a separação de um vocábulo. Observemos o trecho:

DA12

Nos dias atuais varias propostas fundamentam esse mesmo debate “escola sem partido cartilha que incentiva a sexualidade etc.”

Entre tanto não é isso que a educação precisa, esse tipo de assunto tem que ser discutido com mais seriedade por pessoas que realmente tem compromisso com o tema em discussão. A educação sempre despertou e merece por parte de varias organizações, seja ela publica ou privada, mais existem alguns paradigmas que ainda precisa ser quebrado, seja ele religioso ou político, e natural quando se ver algum candidato à algum cargo letivo se aproveitando dessa pauta que é tão primordial para o desenvolvimento de uma nação. **Entre tanto** isso é uma herança que foi herdada desde a colonização.

A educação vai além de jogos de interesse vai além de discursos paralelas, jogos de empurra-empurra para o próximo governo, é preciso ter discussões serias com pessoas serias que propõe o debate e enfrenta de perto os problemas que assola a educação como um todo. Isso significa dizer que a educação passa mais uma vez por agonia e dispreso por aqueles que não sabem o poder e a transformação que só ela traz.

DA14

A linguagem, a violência e a história são conceitos que compõem o desenvolvimento e a estrutura da sociedade humana. Desde os primórdios da humanidade, a ciência histórica através da análise e do estudo de resquícios encontrados a respeito das primeiras especies diz que a violência predominava entre esses grupos, conhecidos nos dias atuais como hominídeos. Tal comportamento se justifica pelo fato de existir a necessidade de sobrevivência nos ambientes em que eles ocupavam e com o tempo foi, tais especies foram evoluindo junto com a sociedade e **a cima** de tudo a violência se intensificou.

Ademais, conforme o tempo passava as sociedades se desenvolviam até o surgimento do capitalismo, estrutura econômica que vivemos no século XXI e que também está em desenvolvimento, mas diante da passagem do tempo, os interesse econômicos, sociais e políticos foram surgindo e se constituindo de formas diferentes entre as instituições e os pensamentos dos seres humanos, ao sonho de gerar conflitos entre as nações mundiais que estavam se constituindo ou já constituídas, como por exemplo, a

conquista de terras e as guerras mundiais, o que caracterizou mais ainda o caráter violento dos seres humanos. Paralelo a isso, pode-se citar a frase do filósofo inglês Thomas Hobbes, que está incluindo em sua obra *Leviatã*, publicada em 1651, onde se diz que “o homem é o lobo do homem”, ou seja, o homem é o seu pior inimigo, justificado pela sua selvageria e pelo seu individualismo, o que ele confere estar em constante conflito com outros indivíduos da sociedade.

Nos trechos vemos exemplos de **hipersegmentação** por meio das palavras “entre tanto” e “a cima”. Nota-se que os graduandos, nesses procedimentos gráficos, trazem a segmentação dos vocábulos, porém há a ruptura nas sílabas. As formas corretas (entretanto, acima) não estão em suas percepções de escrita e podem ocorrer sempre que o graduando buscar seguir as convenções ortográficas. Corrêa (2004) afirma que a *hipersegmentação* “é o procedimento mais esperado quando se toma como modelo a segmentação aprendida por meio da escrita” (p.223). Assim, embora o graduando tenha como critério fundamental seguir o “modelo da escrita”, é necessário buscar orientações da representação que se faz desse modelo.

Por fim, na abordagem do segundo eixo, foram abordados três modos como a escrita do graduando pode ser observada entre a relação que mantém com a linguagem. Ou seja, as condições de produção dessas escritas contribuem para a *flutuação* do graduando quanto ao gênero escolhido, à variedade linguística e ao registro.

4.4 Análise do 3º Eixo: Escrevente e a dialogia com o já falado/escrito

O terceiro eixo proposto observa a dialogia pela imagem que o graduando faz da sua escrita. Essa dialogia é relacionada com o já falado/escrito, sendo estabelecida pela relação com outros textos, outros dizeres que mostram a articulação dos graduandos como uma prática social.

De acordo com a perspectiva bakhtiniana, o sujeito e seu discurso se constituem pela relação com outros sujeitos e discursos. Sendo assim, o aspecto dialógico constitutivo das manifestações verbais, ou seja, a interdiscursividade é um aspecto também constitutivo da prática da escrita. Corrêa (1997) destaca que:

É no interior de uma tal concepção que são buscadas - no diálogo que o escrevente mantém com o que representa como sua exterioridade - as pistas destacadas pela heterogeneidade mostrada, por meio das quais o próprio escrevente negocia com a heterogeneidade que lhe é constitutiva. (CORRÊA, 1997, p. 340).

No processo da escrita, o graduando pode localizar em sua escrita essa relação com o *processo do vivido* (conhecimento de mundo) ou com o processo da *elaboração verbal* (oralidade, o falado), dependendo do papel que atribui ao seu interlocutor. Desse modo, o terceiro eixo pode ser entendido por diferentes ordens de remissão. As regularidades linguísticas apontam outros enunciados, leitores, registros discursivos que demonstram a dialogia com o já falado/escrito.

4.4.1 Presença de outro enunciador no texto do escrevente

Neste tópico, buscaremos mostrar como o graduando elabora sua escrita para estabelecer relações e interpretar dados e fatos. Seria entender o registro de uma leitura no sentido amplo (leitura/conhecimento de mundo) e uma no sentido mais restrito (leitura de textos/repertório utilizado na dissertação). Portanto, analisamos a forma com que a heterogeneidade se manifesta na escrita e qual a percepção que se tem ao utilizar citações como algo convincente e que pode valorizar e sustentar seus textos. Vejamos o primeiro exemplo que ocorre a presença do graduando em seu texto.

DA03

Deve-se ressaltar que todo tipo de violência, ela contém sim presença de linguagem verbal como forma de violência, conhecido como violência verbal. Utilizando xingamentos, apelidos, palavras ofensivas, na qual contém o poder de desabilitar uma pessoa, podendo acarretar um sofrimento, que pode acarretar em uma depressão ou até mesmo suicídio.

As pessoas não sabem conversar, utilizar o dom da fala e da comunicação de forma adequada e saudável, evitando possíveis tragédias e confrontos mentais e morais.

Concluo que o ensino de qualidade, na qual educam as pessoas e ensine que o respeito é dever de todos, desde o primário até o ensino superior. Ensinar que somos iguais perante nossas diferenças, que mesmo nosso país ter passado por diversos momentos de tristeza e ódio, **nós** podemos melhorar e sim progredir. Proporcionando

também oportunidades a todos pois a única coisa que separa uma pessoa da outra são as oportunidades mais educação e menos violência.

DA30

Antes de mais nada o universo da linguagem é completamente complexo e imenso sendo um conjunto vasto de signos que combinam, segundo regras, com objetivo de transmitir e provocar uma reação no receptor, mas mesmo assim desde o nascimento já somos programados para falar e fazer uso da linguagem que desde nossos primeiros ancestrais já faziam um estudo sistemático da língua onde sua maior finalidade era transmitir cultura e costumes do seu tempo para geração posteriores. Com isso, a linguagem foi usada e requirida por muitos com ou nem sempre boas intenções.

Não só usada por todos mas também uma grande arma política, ao longo dos anos a sua aprendizagem se deu por muitos meios. Grandes instituições políticas e religiosas abordando geralmente como comportamento social, transmitindo modelos de vida, de cultura e da maneira de pensar e agir. Muitos desses modelos já trouxeram calamidade para nossa história e por isso devemos analisar como um todo e não simplesmente um jogo de perguntas e respostas.

Portanto, **nós** falantes devemos fazer o estudo e analisar todo o contexto da linguagem e seu discurso para indentificarmos as diferentes formas de interações e manifestações de cultura, emoções, ideologias onde **nós** não sejamos um mero receptor passivo. Com isso, não ignorar a rica variedade no qual apresenta a linguagem pois é isso que o torna bela.

No trecho acima, a primeira forma de aparecimento de outro enunciador ocorre na *assimilação da voz da instituição como tentativa de adequação ao perfil do aluno*. Isso é demarcado no próprio esquema textual utilizado. Há indícios de que, ao utilizar o pronome “nós”, o graduando queira demonstrar o seu posicionamento sobre o assunto e, além disso, fazer remissão explícita e marcada a outro enunciador, no caso o interlocutor. Portanto, se reafirma como *participante do que ele próprio representa*, ou seja, o perfil de um graduando de um curso de licenciatura na área de ciências humanas, que é sensível aos problemas sociais, pronto para propor alternativas que resolvam o problema tratado em seu texto, a educação. Corrêa (2004) afirma que essa *regularidade* é, portanto, “uma voz assimilada polifonicamente à voz atribuída à instituição,

indiciando um momento em que o escrevente circula pelo que imagina institucionalizado para a sua escrita.” (p.256).

A segunda forma que o enunciador tem aparecimento é marcada pela *remissão a outros enunciadores com pretensão de ironia, de atribuição negativa ou de simulação de um outro*. O exemplo abaixo trata-se de um caso em que a ironia é indicada pelo uso de aspas:

DA10

A educação como tema a ser discutido sempre causou muitas controversias por ser um assunto heterogêneo. Por não ser um tema homogêneo, a educação já foi usada de diversas maneiras: acentuando as diferenças sociais (colônia e império), coercitivo (regime militar), meritocrática – mais estudo mais ascendo social e financeiramente; libertadora (Paulo Freire) e salvadora, sendo essas três últimas maneiras – meritocrática, libertadora e salvadora – movimentos mais contemporâneos. Devido aos seus diversos usos, a educação se coloca como instrumento tanto para alienação como para libertação dos cidadãos. Baseado nessa dicotomia (alienação, libertadora) que deve ser analisado o viés salvador da educação.

Afinal, o que será uma educação salvadora?

Para responder a questão proposta, é necessário investigar o local onde o discurso educador está mais presente: a escola. É neste ambiente conflituoso e muitas vezes confuso que o discurso salvador prolifera-se. Como correntes indesejáveis do whatsapp. Não é atoa que os diretores escolares em geral gabam-se por “**sua**” escola ser a “**salvação**” da comunidade. Tal discurso não se sustenta, pois, a escola continua reproduzindo metodologias educacionais tradicionais que não visam a “**salvação**” do aluno, mas a contínua alienação do mesmo.

Outro aspecto contrário a essa educação salvadora está no caráter punitivo ainda tão presente nas escolas. Desse modo punidor, ou melhor, punitivo das escolas, Foucault alertava em seu livro “Vigiar e Punir”. Não pode, aqui, ficar subentendido a exclusão das regras escolares, mas sim, que muitas dessas hordens e o não cumprimento delas levam a um único fim: a punição. É impossível salvar o indivíduo somente punindo-o, exemplo disso são as penitenciárias.

Em DA10, há certa ironia que se materializa quando o graduando utiliza aspas nas palavras “salvação” e “sua” para criticar alguns diretores escolares que mencionam as escolas como “suas” e afirmam que são as “salvações” da

educação. Seria isso mesmo ou nada mais é que um discurso propagado? Ao utilizar essas expressões, o graduando denuncia algo que acredita estar errado nas administrações de escolas, principalmente estaduais. Então, há a expectativa de se alçar em um patamar crítico de escrita que imagina ser o exigido pela professora/corretora do texto. Fato esse que, mais uma vez, indicia sua circulação pelo que imagina como institucionalizado para a (sua) escrita.

A terceira forma que o outro enunciador pode aparecer é quando há a *remissão explícita ou não, mediante discurso direto, a um enunciador presente na coletânea ou a outro qualquer:*

DA20

A educação é historicamente, uma ferramenta política. A primeira escola brasileira surge ainda no império, destinada a uma parcela nobre da população, fazendo com que a aristocracia dos espaços sociais não só determinem as relações de poder, mas também o acesso ao conhecimento. A democratização do acesso a educação só acontece pós revolução francesa, com os ideais de Condorcet e a escola do homem novo. Entretanto, estas epistemologias só atingem as camadas sociais brasileiras a partir de 1930, com a Era Vargas e a disseminação das escolas públicas universais e gratuita.

Desta forma, podemos observar que a educação no Brasil se deu a partir de uma construção sócio-histórica recente, fazendo com que este período de exclusão social das camadas inferiores nas escolas reverbere e estructure as escolas e universidades brasileiras hodiernamente já que 36% da população ainda se encontra fora destes espaços. Para se compreender o porque disto, precisamos analisar outros fatores.

A educação no Brasil é, primeiramente, vista como uma mercadoria, sendo que o sucateamento das universidades públicas, junto com cortes orçamentários cada vez maiores, reforça esta visão. A formação de pensamentos críticos é, em segundo lugar, um fator, importante neste contexto. Movimentos políticos contrários a estes posicionamentos sufocam tanto professores quanto alunos. Como já afirmado anteriormente a educação é uma ferramenta política. A falta de estrutura dentro das escolas é, em terceiro lugar, a síntese da questão educacional no período contemporâneo. Milhares de jovens e adolescentes são inseridos diariamente em espaços sem suporte para recebe-los. Desde a merenda até o salário dos professores, a “crise” na educação parece

um projeto. A educação que deveria abrir oportunidades fecha portas diariamente.

Segundo Paulo Freire “quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”. Partindo desta visão podemos concluir que vivemos em uma sociedade opressora, já que a educação vem reforçando estas algemas da tirania e repressão. A educação que deveria ser revolucionária se torna uma prisão. A educação brasileira ainda precisa de tornar libertadora.

A referência ao grande escritor e educador Paulo Freire também é uma forma de alçamento, porém com uma visão que difere das anteriores, já que é voltada para o que o graduando imagina ser a voz de autoridade intelectual. Com o auxílio dessa citação, procura alçar-se *para onde supõe estar seu interlocutor*. A utiliza para refletir sobre o tema e finalizar seus argumentos, pois está presente no último parágrafo de seu texto. Logo, nesse alçamento para lugar de interlocutor, o graduando tenta adequar seu texto ao código escrito institucionalizado.

Em todos os exemplos de *remissão polifônica* foram registrados diferentes tipos de leituras. Temos pistas do que os graduandos têm na posição relativa quanto ao já falado/escrito, pois utilizam do conhecimento de mundo para assimilarem outras vozes em seus textos. Com isso, demonstram que já dispõem de um saber, baseado no ouvido/lido (*recepção*), e sabem articulá-los no momento da textualização falada ou escrita (*produção*). Corrêa (2004) afirma que, com tais remissões, “fica evidenciada a flutuação do escrevente quanto à imagem que faz da (sua) escrita, ora vinculando-a ao que representa como a sua gênese, ora vinculando-a ao que toma como o já institucionalizado para ela.” (p.263), o que atesta o modo heterogêneo de constituição da escrita.

4.4.2. As referências a um registro discursivo

Nesta regularidade, observamos como, durante a escrita, o graduando pode remeter-se a outro discurso, outra modalidade de sentido, outras palavras, línguas para ter um papel informativo argumentativo diferente. Analisemos o primeiro trecho que demonstra um *ponto de heterogeneidade marcada pela recusa à formalidade*:

DA12

A educação vai além de jogos de interesse vai além de discursos paralelos, jogos de empurra-empurra para o próximo governo, é preciso ter discussões serias com pessoas serias que propõe o debate e enfrenta de perto os problemas que assola a educação como um todo. Isso significa dizer que a educação passa mais uma vez por agonia e dispreso por aqueles que não sabem o poder e a transformação que só ela traz.

É preciso deixar de lado o jogo de interesse é preciso esquecer as diferenças partidária e encarar de perto um problema antigo que fere a dignidade da nação!

Não adianta ser a 1º economia do mundo e ser um dos países que mais tem analfabeto. Isso e negar a propria identidade.

Sendo assim seguiremos com nossos medos nossos males que parecem não ter cura, parece não ter solução e ficamos refém de políticos mediocres de homens sem educação querendo discutir educação.

Mais assim aos tombos e barrancos superamos como nos tempos coloniais e estamos aí para resistir e dizer que não somos vítimas somos sobreviventes.

Como em uma dissertação argumentativa é necessário utilizar a escrita culta formal, ao lermos expressões como “aos tombos e barrancos” sem estarem aspeadas, notamos uma *recusa à formalidade* por parte do graduando. Neste caso, há indícios de uma vontade de expressar o trabalho árduo, as dificuldades existentes na vida e na educação. Então, a informalidade presente em seu dizer é levada para a escrita.

Por meio dessas pistas linguísticas, essas remissões (estudadas até aqui) marcam a constituição do sujeito e a sua relação com o já falado/escrito, evidenciando também sua relação com a linguagem e, em um plano específico, com a escrita e o interlocutor que representa em seu texto.

4.4.3. Remissões ao próprio texto

Este tipo de regularidade, *remissões ao próprio texto*, ocorre quando o graduando, em seu texto, explora o tipo de edição, planejamento e elaboração definidos e isolados. Nesse movimento, fica demonstrada a imagem que o

graduando faz sobre o código institucionalizado da escrita. Analisemos alguns exemplos:

DA07

A educação no jogo de classes

As classes baixas que compõe a estrutura social brasileira, sofrem hoje, com ataques aos seus aparelhos de emancipação. Historicamente essas classes mantêm o país nas costas, são elas quem produzem, quem consomem e quem, ainda assim perde seus direitos. Pode-se observar, num panomarama totalizante, que essas classes são violentadas cotidianamente e em todos os níveis; desde terem que construir suas casas à margem das cidades, até o encarceramento e morte,- muitas vezes sem fundo de verdade para tais atos contra eles,- do seu povo.

No Brasil contemporâneo, sofre-se com um governo que ataca os direitos dessa população, e **como já dito aqui**, seu principal aparelho de emancipação, a educação. O ataque é feito em todos níveis seja na autonomia universitária (para decidir quem vão ser os seus reitores), nos cortes de 30% de renda das mesmas, ou mesmo na retirada de escolas de tempo integral. Esses cortes batem, exatamente, de frente com a educação das classes baixas; que ocupam esses espaços buscando melhoria nas condições de vida. A partir do que aprendem ali. Ou seja, essa é a expressão da violência contra setores já excluídos da sociedade.

Adentrando na questão da educação em si; tem-se no Brasil um processo educacional que se diferencia de acordo com a classe que ocupa. Os filhos e filhas da burguesia, pelos privilégios que herdam, tem condições – físicas, monetárias, mentais etc. – De desenvolverem seus conhecimentos. As escolas privadas carregam um nível superior às públicas, preparando seus alunos para a entrada na universidade, onde esses, que normalmente ocupam os cursos de mais glamour, poderão se desenvolver, enriquecer posteriormente e, manter, sem muitos problemas, a hegemonia de sua classe.

DA18

Hater ao longo da história

O uso da violência durante o avanço da história pode ser interpretado por vários aspectos, expansão, dominação exterminio das minorias. Usando o último aspecto como fonte para estabelecer como o uso da violência se tornou normal, com o avanço das várias formas de mídia, para

estabelecer uma ideia sobre um determinado grupo específico.

Este meio de propagação de um ódio através de pequenos círculos, para a criação de uma imagem totalizante nesta contida na imagem do negro no Brasil que carrega não só o peso histórico da escravidão mas o imaginário social que foi amplamente divulgado durante este longo período da nossa história.

Mas esta imagem construída por séculos do trabalho escravo na historiografia brasileira representa um grande buraco negro de incompreensão e generalização, pois essa questão deveria ser tratada com um teor histórico social mais elevado, com tudo isso podemos entender como os haters, que vão a “público” através da práxis fake ou vão destilar todo um ódio contra uma pessoa, por características físicas, ou um programa por sua qualidade, enfim são diversos os fatores, mas o ponto principal, esta em como essa pequena demonstração de ódio representa para a criação e propagação de uma mensagem, que tem um leitor específico, gerando um ciclo de propagação deste mesmo tipo de violência a pessoas que podem ou não ter estes aspectos bem delimitados.

Com tudo, o hater dentro de uma rede social tem o mesmo papel que os jornais representavam em uma Alemanha pré nazista, que por meios de notas representava uma questão de inferioridade dos judeus em comparação aos alemães, e como esta violência contra um povo foi sendo construído por uma geração que passou para seguinte, até terminar em uma guerra de extermínio que tomou proporções e repercussões mundiais. Fazendo com isso um paralelo entre os haters e um jornal, **dando aqui** todo o mérito para a facilidade e agilidade da internet, este ódio que está sendo destilado contra tudo e todos deve ser combatido e melhor punido.

No trecho acima (DA07), por meio do advérbio “aqui”, o graduando busca interagir com seu interlocutor fazendo *remissão ao próprio texto*, ou seja, ao que já foi falado anteriormente. Então, por meio da expressão “como já dito aqui”, explora o *aspecto da verticalidade do espaço gráfico* para se referir ao começo da estruturação do texto. No segundo exemplo (DA18), essa verticalidade também é utilizada para mencionar algo já dito ao texto, porém o graduando utiliza a expressão “dando aqui” para se referir ao contexto, à abordagem feita durante toda a sua escrita, para enfatizar a importância de seus argumentos. Ambos os graduandos fazem remissões ao próprio texto, mas o primeiro com

informação explícita “como já dito aqui” e o segundo implicitamente, pois “dando aqui” está se referindo a importância da internet para a educação e todo o contexto abordado em seus argumentos. Corrêa (2004) afirma que

Essa remissão dialógica – ao próprio texto – não exclui, evidentemente, que tal exploração do espaço gráfico, que ora recai no aspecto material do texto, indique também o diálogo com modelos que toma como próprios ao institucionalizado para a escrita (pense-se nos diários ou nas cartas pessoais). (CORRÊA, 2004, p.286).

Portanto, os exemplos acima também são modos da dialogia do graduando em relação ao já falado/escrito, também conhecido como *relações intertextuais*. Por meio das pistas linguísticas fica a relação que o graduando tem com a linguagem e como traz ao seu texto o (seu) conhecimento de mundo. A circulação que o graduando faz com a imagem da (sua) escrita qual demonstra a dialogia estabelecida com outros textos, que se perpetua em qualquer utilização da linguagem.

Assim, os resultados das circulações dialógicas dos graduandos mostraram que o modo heterogêneo de constituição da escrita é a materialização textual desse *jogo de representações* demarcadas pelos três eixos. Estes podem ser sistematizados por meio de termos percentuais, observemos o quadro:

Quadro 5: Porcentagem de ocorrências das regularidades linguísticas próprias de cada eixos

Eixos de circulação imaginária	Nº de Regularidades	%
1º Eixo: Representação que o graduando faz da gênese da escrita	44	66,7
2º Eixo: Representação que o graduando faz do código escrito institucionalizado	12	18,2
3º Eixo: Representação que o graduando faz da dialogia com o já falado/escrito	10	15,1
Porcentagem de ocorrências aos três eixos analisados	66	100,0

Com a tabela, verificamos que o primeiro eixo de análise foi o mais recorrente, enquanto que o segundo e o terceiro apresentaram menor número de ocorrências. Em relação ao primeiro eixo e a diferença percentual que se destaca - 66,7% - entendemos que os graduandos, na busca pela escrita formal,

acabam se perdendo em alguns aspectos relacionadas à representação da gênese da escrita. Por meio de doze regularidades que analisamos nos textos notamos que a prosódia, pontuação, uso de articuladores, dentre outros, demonstram a fala presente na escrita. Talvez o primeiro eixo se destacou, pois, hodiernamente a tecnologia traz efeitos na escrita, ou seja, refletem informalidade até mesmo nas dissertações argumentativas, texto em que estão sendo avaliados. Informalidade esta demarcada pelo léxico, pontuação, expressividade, expressões formulaicas etc. que trazem a *individuação* do sujeito. Também é o eixo em que mais percebemos a relação do sujeito com a linguagem, já que, com as pistas linguísticas, fica evidente a imagem que o graduando faz no processo da constituição de sua escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho objetivou averiguar se a relação entre oralidade e escrita se mantém como elemento constitutivo da escrita na universidade. No desenrolar da pesquisa, discutimos sobre as práticas de escrita desenvolvidas por sujeitos que estão em formação acadêmica, assumindo a premissa de que a escrita e a leitura são constitutivas desse sujeito e do conhecimento inerente à sua formação.

Além disso, para que o objetivo desta pesquisa fosse alcançado, procuramos demonstrar que o graduando concebe a escrita como um modo autônomo de representar a oralidade e que a imagem que faz da sua escrita por meio da dialogia está relacionada ao já falado/escrito, respectivamente. Por meio do procedimento indiciário utilizado para analisar os dados, conseguimos formular linguisticamente a integração com os três eixos trazidos por Corrêa (2004) e refletir sobre as práticas discursivas estudadas. As pistas linguísticas utilizadas para detectar essa circulação do graduando na escrita são variadas e imprevisíveis. Ora percebidas como regularidades de individuação/ dimensões da linguagem (eixos 1 e 2 – representação da gênese da escrita e do código institucionalizado), ora como *pontos de heterogeneidade* (eixo 3 – dialogia com já falado/ouvido e escrito/lido). Ter a perspectiva que defende a presença do outro como constitutiva do sujeito e de seu discurso é entender o que buscamos neste trabalho, definir o modo heterogêneo de constituição da escrita dos graduandos.

Observar a heterogeneidade que constitui o sujeito, seu discurso e a representação que traz a construção de sua enunciação foram pontos fundamentais para observarmos a presença da fala na textualização dos graduandos.

Constatamos que o modo heterogêneo encontrado nas análises é baseado na existência histórica e social da linguagem, a partir das práticas entre orais/faladas e letradas/escritas. Com os textos (dissertações argumentativas), conseguimos mostrar os pressupostos teóricos utilizados para supor e revelar o encontro entre o falado e o escrito como modo heterogêneo de constituição da escrita.

Nosso estudo ajuda a entender as dificuldades de escrita presente na universidade, visto que, com a busca do modo heterogêneo de constituição da escrita dos graduandos, demonstramos que as mediações sociais e históricas que rodeiam os graduandos são as mesmas que os constituem como sujeitos que enunciam e trazem suas relações com a linguagem. Entender o encontro entre o falado e o escrito não como dados observáveis automaticamente, mas sim como marcas que os sujeitos constituídos imprimem em seus textos.

Com os resultados desta pesquisa, esperamos contribuir para a construção de um novo olhar para os modos de constituição da escrita na universidade. Olhar este que desmistifica a oralidade na escrita como um erro para definirmos, por meio de Corrêa (2004), um modo heterogêneo de constituição da escrita. Então, é pensar nessa relação como o cruzamento da existência sócio-histórica da linguagem do graduando com as práticas orais/faladas e letradas/escritas. Isto contribuirá para professores de disciplinas que utilizam textos como método de avaliação, a não entenderem a fala presente na escrita como informal ou coloquial, e sim como seu modo heterogêneo de escrita relacionado ao contexto situacional do graduando. Importante salientar que o tipo de abordagem que fizemos é voltado em explicar e demonstrar a relação entre sujeito e linguagem e não como uma visão descritiva do uso da língua.

A desvinculação trazida pela heterogeneidade, mostra em nosso estudo, a recusa ao preconceito de avaliações estereotipadas de que a fala na escrita é parâmetro de mal escrita ou escrita ruim/errada. Refletir esse modo heterogêneo, as escolhas lexicais do graduando, a expressividade presente na textualização é produto de um novo olhar à escrita, sem padronização de boa escrita.

Portanto, é reintroduzir ao ensino de língua portuguesa uma visão linguística que trabalhe as questões das variações e da heterogeneidade que constituem a língua, trazendo aspectos do uso da escrita e refazendo-se de modelos abstratos. Seria, então, dar atenção e explorar a reflexão do graduando/aluno sobre a escrita e sobre a sua constituição própria como escrevente.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, V. F; FARAGO, A. C. **A importância do letramento nas séries iniciais**. Graduação-Centro Universitário UNIFAFIBE-Bebedouro –SP Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, v.1, n.1, p. 204-218, 2014.
- AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas: as não coincidências do dizer**. Campinas, SP: UNICAMP, 1998.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 1997 (Tradução do francês Esthétique de la création verbal), 1979.
- _____. (1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- _____; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- Barros, D. L. P. Dialogismo, Polifonia, Enunciação. In: BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (Orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**. São Paulo: EDUSP, 2003.
- BRANDÃO, Helena HathsueNagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2^o ed.rev. Campinas, SP: ed. da Unicamp. 2004.
- CAVALCANTE FILHO, U; TORGA, V. L. M. Língua, Discurso, Texto, Dialogismo e Sujeito: compreendendo os gêneros discursivos na concepção dialógica, sócio-histórica e ideológica da língua(gem). **Anais do I Congresso Nacional de Estudos Linguísticos**, Vitória-Es, 18 à 21 de Outubro de 2011. 4p.
- CHAUÍ, M. **Desafios da universidade na sociedade do conhecimento**. Artigo produzido pelo Comitê Científico Regional para a América Latina e o Caribe, do Fórum da UNESCO, Paris, dezembro de 2008. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001344/134422POR.pdf>>. Acesso: 20 ago. 2018.
- CORRÊA, MANOEL LUIZ GONÇALVES. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 309 p.
- _____. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. Tese de doutorado. Campinas, 1997. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270919> acesso: 25 jun. 2019.
- ESTEBAN, M. P. S. **Pesquisa qualitativa em educação – fundamentos e tradições**. Porto Alegre: Artmed e McGraw Hill, 2010.
- ESTUPIÑÁN, M. C. **Lectura y escritura em estudiantes universitarios: Un estudio de caso em la universidad tecnológica de Pereira**. Pereira:

Universidade Tecnológica de Pereira. Primeira edição: 2005. Segunda edição: 2007.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda G. O. **Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias.** São Paulo: ed. Trilhas Urbanas, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa.** 6. ed. Curitiba: Posigraf, 2004.

FIGUEIREDO, D. C.; BONINI, A. **Práticas discursivas e ensino do texto acadêmico: Concepções de alunos de mestrado sobre a escrita.** Linguagem em (Dis)curso - LemD, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 413-446, set./dez. 2006.

FIORIN, J. L. **Tendências da análise do discurso.** Estudos Linguísticos, v.19, p.173-9,1990.

GERALDI, J. W. (org.). **O texto na Sala de Aula: leitura & produção.** Cascavel: Assoeste, 1984.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GUEDES, Paulo C. **Ensinar português é ensinar a escrever literatura brasileira.** (Tese de doutorado). Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1994.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **Mitos emblemas sinais: morfologia e história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

GRIGOLETTO, M. Lições do modelo: a escrita que engessa e mobiliza. In: RIOLFI, C. R.; ALMEIDA, S.; BARZOTTO, V. H. (Org.). **O inferno da escrita: produção escrita e psicanálise.** Campinas: Mercado de Letras, 2011.

IVANIC, R. **The discourses of writing and learning to write.** Language and education, v. 18, n. 3, p. 220-245, 2004.

KOCH, Ingedore Vilaça & ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever. Estratégias de produção textual.** São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **Argumentação e linguagem.** 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KÖCHE, Vanilda Salton. **O ensino da dissertação no ensino médio Características, problemas e alternativas de solução.** Linguagem & Ensino, Vol. 5, 2002.

MARCUSCHI, L. A. **Oralidade e Escrita. In: Signótica.**v. 9, n. 1. 1997.
Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/7396>>. Acesso em 10 jun. 2017.

_____. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2010.

MARINHO, Marildes. **A escrita nas práticas de letramento acadêmico.** RBLA, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 363-386, 2010.

MARQUES, M. O. **Escrever é Preciso:** o princípio da pesquisa. 2.ed. Ijuí: UNIJUI, 1998.

MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Atividades de retextualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo. **Revista Scripta**, v. 6, n. 11. Belo Horizonte: PUC Minas, 2002, p. 109-122.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza (org.); GOMES, Suely Ferreira Deslandes Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Ed. Vozes Petrópolis/RJ 1994. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciênc. educ. (Bauru)**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151673132003000200004&lng=en&nrm=iso . Acesso em: 15 ago. 2018.

NEVES, I. C. B. (et al.) **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas.** Porto Alegre: UFRGS Editora, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Língua e conhecimento linguístico.** Para uma história das ideias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.

RUSSEL, D. R., LEA, M.; PARKER, J.; STREET, B.; DONAHUE, T. Exploring Notions of Genre in “Academic Literacies” and “Writing Across the curriculum”: Approaches Across Countries and Contexts. **In: Bazerman, C.; Bonini, A. & Figueiredo, D. (Eds.).** Genre in a Changing World. Colorado: The WAC Clearinghouse, 2009. Ch. 20, p. 395-423. Disponível em: <http://wac.colostate.edu/books/genre/> Acesso em: 08 mai. 2019.

VILELA, Mário; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Gramática da língua portuguesa:** gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso. Coimbra: Almedina, 2001. 565p.

ANEXOS

ANEXO I

TERMO DE ESCLARECIMENTO

(Para participantes do Curso de Licenciatura em História)

TÍTULO DO PROJETO: **A Heterogeneidade da Escrita Argumentativa na Constituição de Produções Acadêmicas.**

Você está sendo convidado(a) a participar do estudo intitulado **A Heterogeneidade da Escrita Argumentativa na Constituição de Produções Acadêmicas**, que faz parte de um projeto maior, intitulado “Práticas de leitura e escrita de alunos do Brasil, Angola, Chile e Honduras: (re)produção de conhecimento e formação no ensino superior”. Os avanços na área ocorrem através de estudos como este, por isso a sua participação é importante. O objetivo do projeto **A Heterogeneidade da Escrita Argumentativa na Constituição de Produções Acadêmicas** é coletar dados (por meio da recolha de textos de conclusão de disciplinas, trabalhos de conclusão de curso, resumos e textos completos produzidos para eventos acadêmicos) para analisarmos a heterogeneidade da escrita e de que maneira a relação entre a fala e a escrita aparece nos textos enquanto resultado de uma formação inicial feita pela universidade. Caso você participe, serão recolhidos textos produzidos por você para conclusão de disciplinas, trabalhos de conclusão de curso, resumos e textos completos produzidos para eventos acadêmicos. Não será feito nenhum procedimento que lhe traga qualquer constrangimento. Você poderá obter todas as informações que quiser e poderá não participar da pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento. Pela sua participação no estudo, você não receberá qualquer valor em dinheiro, mas terá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. Seu nome não aparecerá em qualquer momento do estudo, pois você será identificado por meio de uma combinação de letras e números.

Contato dos pesquisadores:

Pesquisador(es):

Nome: Marinalva Vieira Barbosa E-mail: marinalva.barbosa@uftm.edu.br

Telefone: (números suprimidos – versão da tese)

Endereço: (suprimido – versão da tese)

Nome: Thaynná Miranda Chaves E-mail: thaynnamiranda11@hotmail.com

Telefone: (números suprimidos – versão da tese)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE, APÓS ESCLARECIMENTO

TÍTULO DO PROJETO: A Heterogeneidade da Escrita Argumentativa na Constituição de Produções Acadêmicas.

Eu, _____, li e/ou ouvi o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e a quais procedimentos serei submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão e que isso não afetará o tratamento/serviço que estou recebendo. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro para participar do estudo. Concordo em participar do estudo, “**A Heterogeneidade da Escrita Argumentativa na Constituição de Produções Acadêmicas**” e receberei uma via assinada deste documento.

Uberaba,//.....

Assinatura do voluntário

Assinatura do pesquisador responsável Assinatura do pesquisador assistente

Telefone de contato dos pesquisadores: (números suprimidos – versão da tese)

ANEXOS II – CORPUS

DA01

A Educação domiciliar no Brasil Contemporaneo

A educação no Brasil tem um histórico precário e o investimento na mesma nunca foi dos melhores, e, embora sua transformação e melhoria tem ocorrido lentamente, nos últimos tempos os cortes nas verbas destinadas à educação chegaram a níveis absurdos. Os cortes, profissionais mal qualificados e o descaso com as estruturas físicas dão resultado para a educação escolar atual do Brasil; e como se isso não fosse suficiente, o projeto para a educação domiciliar foi aprovado.

Essa proposta envolve mais do que pais que querem a liberdade de educarem seus filhos em casa; do outro lado estão as regras estabelecidas pelo sistema educacional que estão há décadas em vigoramento e são defendidas pela maioria dos especialistas na área.

Há vários pontos a serem analisados nessa proposta, os que apoiam o protesto da educação domiciliar utilizam como argumento o respeito à liberdade das famílias de optarem por educar seus filhos em casa. Quem defende esse projeto afirma que essa modalidade representa um avanço, pois mostra o reconhecimento do governo federal com relação à liberdade das famílias de educarem os filhos em casa. Outro argumento é que com os filhos fora da escola, um mercado de material didático vai ser instaurado, assim como a criação de vídeo aulas e tutores privados, o que seria benéfico para a criança na área do aprendizado.

Porém, não podemos perder de vista a importância da escola como espaço de socialização. Há diversos estudos e especialistas que comprovam que a criança se desenvolve no contato com o outro, na troca de experiências e no contato com coisas que muitas vezes estão no âmbito escolar.

E mais! Para muitas crianças brasileiras a escola também é, não só um refúgio, mas um lugar de proteção; visto o grande número de relatos de crianças que sofreram ou sofrem abusos de cunho sexual ou psicológico em seus lares.

Portanto, diante de uma educação defasada e lares mal estruturados, o conforto de poucos não deveria ser posto acima da segurança e esperança de muitos.

DA 02

O ensino fundamental no Brasil de hoje

A Constituição brasileira, em seus artigos 205 a 208, estabelece que o ensino fundamental é um direito de todos e um dever do Estado.

No entanto, não é essa a realidade encontrada no cotidiano das escolas públicas. Facilmente perceberemos que o enunciado da Carta Magna não retrata a realidade.

Analisando as condições de acesso, a permanência, o padrão de qualidade, que possibilite a todos – pobres e ricos, negros e brancos, homens e mulheres – cursar uma escola de qualidade, veremos que o texto não possui aplicação prática alguma.

Por essa razão, podemos afirmar que o ensino fundamental da escola pública no Brasil é fator preponderante de aprofundamento da desigualdade. A “permanência” dos mais pobres e marginalizados em um local em condições mínimas de aprendizagem é praticamente impossível. A falta de pessoal qualificado, estrutura física, material didático e até mesmo de alimentação é fator excludente e de falta de consideração à dignidade humana.

Um olhar sobre as estatísticas poderá ajudar a compreender a realidade brasileira educacional e o histórico elitismo que o sustenta. Dados disponíveis no site do Ministério da Educação apontam para o seguinte fato: 90% dos alunos matriculados no ensino fundamental são mantidos pelo Estado, apenas 10% são alunos de escolas privadas. Deveria ser um fator de comemoração, afinal o poder público cumpre sua obrigação.

No entanto, quando o detalhamento desses números é revisado vem à tona a desigualdade no quesito “permanência”. Ou seja, a diferença entre os alunos matriculados de 1ª a 4ª série e os que chegam às 5ª e 8ª é de 20% menor. Comparando esses dados na entrada e na saída do ensino fundamental, cerca de 40% desaparecem do sistema escolar.

Diante de tais fatos, torna-se imprescindível questionar de quem é a culpa, porque essa situação se aprofunda e ainda, qual a solução.

Respondendo superficialmente à tão complexo e amplo debate, “O Brasil precisa urgentemente” criar um novo modelo de referência de qualidade escolar, que o ensino possa significar, realmente, “ensino de qualidade para todos”.

DA03**O poder da educação**

A linguagem é a ferramenta na qual, utilizamos para nos comunicar, libertando nossos pensamentos, sentimentos e ideias.

O ser humano que possui essa ferramenta, deveria ser educado, para poder utilizá-la de forma adequada. Pois infelizmente os índices de violência no Brasil aumentou, sendo por números elevados de homicídio, suicídios, crimes violentos, entre outros casos. As causas das violências e crimes, vem da provincia de uma linguagem inadequada, que precisa ser corrigida, através de ensino de qualidade para a população, em busca de uma educação humana.

Análises e pesquisas já comprovaram que quanto mais educação e ensino de qualidade, menor é as taxas de violências e mortes nossos países desenvolvidos.

Sabemos que o Brasil, sofre atualmente fatores, diante seu passado, desde seu descobrimento e exploração. Mas sabemos tambem que devemos proporcionar medidas que faça nosso país evoluir, progredir. Pois o Brasil está no raking de taxas de mortalidade maior do mundo e precisamos corrigir esses dados.

A arma não é o objeto mais importante para se proporcionar ódio, violência ou até mesmo morte. Pois é quem a utiliza contém total domínio, e é o responsável.

As atitudes e pensamentos que levam um adulto ou até mesmo uma criança, realizar um ato de violência, é o estado de vulnerabilidade, medo, que pode acarretar em sentimentos e ideias negativas que instigam-o a realizar o mal.

Para evitar que uma pessoa caia nesse estado de vulnerabilidade, deve-se proporcionar autoconfiança e dar oportunidades. Pois muitas usam a violência, para ter acesso a materiais que proporciona uma condição de vida melhor, mesmo sendo uma forma arriscada e inadequada.

Usam da violência para ter posse não apenas de bens materiais, mas também de pessoas, como bullingnas escola, mulheres sendo violentadas, para que ela se sujeite a realizar os desejos do agressor. A violência contra a classe LGBT e racial, é por acharem que são seres inferiores e não dignos de respeito.

Deve-se ressaltar que todo tipo de violência, ela contém sim presença de linguagem verbal como forma de violência, conhecido como violência verbal. Utilizando xingamentos, apelidos, palavras ofensivas, na qual contém o poder de desabilitar uma pessoa, podendo acarretar um sofrimento, que pode acarretar em uma depressão ou até mesmo suicídio.

As pessoas não sabem conversar, utilizar o dom da fala e da comunicação de forma adequada e saudável, evitando possíveis tragédias e confrontos mentais e morais.

Concluo que o ensino de qualidade, na qual educam as pessoas e ensine que o respeito é dever de todos, desde o primário até o ensino superior. Ensinar que somos iguais perante nossas diferenças, que mesmo nosso país ter passado por diversos momentos de tristeza e ódio, nós podemos melhorar e sim progredir. Proporcionando também oportunidades a todos pois a unica coisa que separa uma pessoa da outra são as oportunidades mais educação e menos violência.

DA04

A educação em questão no Brasil Contemporâneo

Quando falamos de educação no Brasil, devemos sempre observar seu foco, a que interesse ela atende, quais os grupos define o seu conteúdo e os métodos de ensino que aplica-se, tanto na escola pública, quanto na escola privada, pois, é notória a grande diferença entre as duas realidades, até mesmo pelo próprio ambiente, onde o mesmo professor depara-se com a questão da infraestrutura e as condições de trabalho.

Desde que foi instituído a educação no Brasil, podemos observar que ela tinha como objetivo a realidade do momento, normalmente voltada aos interesses das classes dominantes, mas, não só apenas isso, por vezes ignorava a realidade das classes menos favorecida, sem nunca ter um projeto do Estado que atendesse essa população que estava a margem da sociedade, principalmente a população periférica.

Mas, ao longo do tempo a Educação foi-se democratizando, porém, muito lenta, longe de ser adequada, pois, além da carência, mesmo incluindo essa população periférica, suas infraestruturas eram precárias. Outro fator comum será a ausência de professores especializados em algumas matérias, sendo este

substituído por outro profissional que algumas vezes nem tinha formação, até que fosse realocado outro no lugar, deixando assim os alunos com conteúdos insuficientes.

A escola de certa maneira sempre foi ideológica, pois, durante décadas, sempre houve governos que determinava qual deveria ser o conteúdo na educação, principalmente na área de humanas, a intenção de cada governante desses que passou ao longo da nossa república, procurava desenvolver conteúdos que fossem alinhados com suas formas de pensamentos e conduzir a população estudantil, fazendo com que esses jovens pudessem estar alinhados com o pensamento do Estado.

De algumas décadas para cá, o ensino público foi deixando de ser atrativo, já que o grande número de escolas privadas ganhou uma enorme dimensão, pois, é percebido que há um projeto para que o ensino público seja marginalizado, com uma evidência clara que o enfoque são escolas privadas. Inclusive há professores que trabalham em ambas escolas.

Então, o problema não é a qualidade do ensino, mas, a estrutura, onde esse professor vai trabalhar. Na escola pública ele convive com classes superlotadas e com um desnível intelectual muito grande, onde não há um trabalho que ajude esses alunos a recuperar-se, pois, o Estado investe minimamente nessas instituições, tanto na qualidade do imóvel, quanto na formação de alguns professores que devido à uma carga excessiva de aulas acabam não se atualizando.

Embora, nessas duas últimas décadas com o grande investimento em Universidades e Institutos Federais, tanto para a formação de professores, como também técnicos, o ensino ainda está muito longe do ideal, principalmente nas escolas públicas, mesmo com uma grande formação de professores, muitos acabam desistindo do ofício de lecionar, pois, na escola pública alguns fatores os deixam desestimulados, com o baixo salário, cargas excessivas de aulas e escolas totalmente abandonadas, tanto pelo Estado, quanto pela própria população.

Os professores que não abandonam seu ofício acabam indo para as escolas privadas.

DA05

Breve análise da educação no Brasil de hoje

Pensar a educação brasileira hoje pressupõe entender que ela sofre consequências do tempo histórico, pois se sujeita a interferências políticas, econômicas e sociais.

Várias políticas educacionais foram testadas por grupos de poder ao longo de nossa história, mas até agora, pode-se dizer que todas elas fracassaram.

As causas do fracasso: temos mais de 10 milhões de analfabetos e um sem números de analfabetos funcionais; os índices de evasão e sobretudo repetência são alarmantes; no PISA somos os últimos colocados; a educação universitária é um privilégio (só 2,3% chegam aos bancos da faculdade); a educação é um instrumento de privilégios (só 3,5% das pessoas/famílias que vivem com dois salários mínimos frequentam cursos superiores).

Outro problema sempre lembrado pelos estudiosos da área é a centralização e a burocratização do sistema de ensino, que se vê engessado na questão das verbas públicas e a esfera federal não discute e apenas repassa o currículo a ser seguido.

Outro ponto a ser analisado, diz respeito à configuração do sistema escolar que não é apropriado aos alunos; que não se amolda à história de vida do aluno. As metodologias distanciadas da prática, não conseguem mais atrair o aluno do tempo digital. Ele se sente desmotivado e há, em último grau, o abandono dos estudos.

Com tantos problemas, a qualidade do ensino brasileiro está deteriorada, pondo em risco o desenvolvimento econômico e produtivo do país, por falta de mão-de-obra qualificada e acima de tudo, e mais importante, por falta de cidadãos críticos, que saibam exigir seus direitos e escolher bem seus representantes.

Como é sabido, a educação é um dos campos mais importantes para o desenvolvimento de um povo. É através da produção de conhecimento que ele cresce e pode aumentar a qualidade de vida de seus cidadãos.

O Brasil não crescerá enquanto não diminuir o fosso abissal da desigualdade. E a redução da desigualdade será mais rápida só com uma educação de qualidade.

A Coreia do Sul, tem sido sempre lembrada como modelo a ser seguido.

Na década de 80, Coreia do Sul e Brasil estavam em um mesmo patamar educacional. Hoje, a Coreia apresenta índices elevados na educação e já ultrapassou em muito o Brasil, graças a grandes investimentos nesta área, avaliações de qualidade, mas sobretudo, a um sistema em que o professor é o centro das atenções e dos incentivos.

Portanto é imprescindível investimentos nos ambientes educacionais, nos materiais didáticos, mudança nas metodologias e, principalmente, formação, capacitação, incentivo e remuneração adequada dos professores.

Só assim teremos uma escola mais interessante e um ensino de qualidade para a formação de cidadão.

DA06

Segundo a Escola Democrática estudada e idealizada por Condorcet, ainda no período de Revolução Francesa e Iluminismo. Para o cenário brasileiro, principalmente em pleno século XXI, tal escola seria de certa forma uma utopia, visto que a educação vem sofrendo constantes ataques, seja por meio do projeto escola sem partido, dos cortes que estão sendo realizados no nível básico e superior ou até mesmo pela iniciativa de filmar professores em sala de aula. Assim, é notório que a educação no Brasil dos dias de hoje esta em retrocesso, devido ao interesse de comercializar a mesma, além disso, está sempre se mostrou ameaçadora para os governantes.

Em primeira análise, um dos objetivos do Estado é de comercializar a educação, ou seja, transformar a mesma em mercadoria. É possível observar tal fato, a partir das Instituições de ensino privadas, deixar de investir em faculdades e escolas públicas seria algo satisfatório para os governantes. Além disso, só teria acesso à uma boa formação a elite e detentores de poder.

Ademais, o ambiente de sala de aula se mostra ameaçadora, já que o aluno pensa, critica e questiona, ali é seu espaço para refletir e problematizar, porém o Estado quer pessoas desinteressadas e alienadas, que aceitam qualquer coisa que é dita. Assim a proposta feita é que professores sejam adjetivados de doutrinadores, filmados durante suas aulas devido à possíveis “suspeitas”, além da criação do escola sem partido. Por outro lado, estudantes

são mostrados como aqueles que não se preocupam com pesquisas e projetos de extensão, organizam apenas festas.

Esta visão é posta pelas autoridades diante de pessoas mais velhas, muitas vezes alienadas na crença de que tirar a verba da educação é a melhor solução e que deixar o ensino em segundo plano não irá afetar toda a sociedade em conjunto e coletividade.

Outra estratégia usada é a de dizer que tal pauta é partidária, mas não algo que todos deveriam defender, o que ocasiona disputas políticas. É possível observar isto, a partir das manifestações realizadas pelos estudantes no dia quinze de março, uma vez que os mesmos foram adjetivados de petistas e comunistas, além de ser dito que estes atos não passaram de uma balbúrdia para matarem aula.

Sendo assim, é fato que a questão da educação no Brasil Contemporâneo vêm se mostrando falho, visto que há a intenção de capitalizar a mesma, ademais não é de interesse do Estado que o aluno pense e questione, pois derrubaria o sistema. Além disso, as propostas criadas são de mostrar professores como inimigos e estudantes como “inúteis”, e também ditar que tais lutas são partidárias.

DA07

A educação no jogo de classes

As classes baixas que compõe a estrutura social brasileira, sofrem hoje, com ataques aos seus aparelhos de emancipação. Historicamente essas classes mantêm o país nas costas, são elas quem produzem, quem consomem e quem, ainda assim perde seus direitos. Pode-se observar, num panorama totalizante, que essas classes são violentadas cotidianamente e em todos os níveis; desde terem que construir suas casas à margem das cidades, até o encarceramento e morte,- muitas vezes sem fundo de verdade para tais atos contra eles,- do seu povo.

No Brasil contemporâneo, sofre-se com um governo que ataca os direitos dessa população, e como já dito aqui, seu principal aparelho de emancipação, a educação. O ataque é feito em todos os níveis seja na autonomia universitária (para decidir quem vão ser os seus reitores), nos cortes de 30% de renda das mesmas, ou mesmo na retirada de escolas de tempo integral. Esses cortes

batem, exatamente, de frente com a educação das classes baixas; que ocupam esses espaços buscando melhoria nas condições de vida. A partir do que aprendem ali. Ou seja, essa é a expressão da violência contra setores já excluídos da sociedade.

Adentrando na questão da educação em si; tem-se no Brasil um processo educacional que se diferencia de acordo com a classe que ocupa. Os filhos e filhas da burguesia, pelos privilégios que herdaram, têm condições – físicas, monetárias, mentais etc. – De desenvolverem seus conhecimentos. As escolas privadas carregam um nível superior às públicas, preparando seus alunos para a entrada na universidade, onde esses, que normalmente ocupam os cursos de mais glamour, poderão se desenvolver, enriquecer posteriormente e, manter, sem muitos problemas, a hegemonia de sua classe.

O que resta então aos proletariados? Ocupar as escolas públicas, que mesmo sucateados sofrem ataques por parte do governo atual. Essas instituições carregam e expressam claramente o projeto de governo pensado para os próximos anos. Professores mal remunerados e despreparados, trabalhando em péssimas condições. Alunos que trazem as concretas demandas às quais as escolas não conseguem resolver (fome, as más relações familiares, o conjunto de influências). Os poucos e poucas que chegam a universidade se deparam com um cotidiano amedontrador de ensino, muitas vezes sem as condições necessárias para se manter naquele espaço durante toda a graduação.

Nesse caso, fazendo uma rápida análise de conjuntura, fica perceptível o processo que o atual governo constrói. Com cortes (já tratados aqui) em locais sucateados, tirando a possibilidade de emancipação de uma classe. A educação brasileira é parte fundamental para consolidação desse governo; outro exemplo disso é o ataque direto as humanidades, visto que essas são as formadoras de pensamento crítico dentro das salas de aula. Retirar as humanidades como matérias escolares é apontar o caminho da continuidade da alienação; projeto esse, amarrado ao escola sem partido, que cala docentes em sala e tira sua autonomia.

Esse é o cenário da educação no Brasil contemporâneo, ela é uma saída para uns e um medo para outros. O sistema educacional brasileiro ainda é falho em todas as estancias e como mudar essa perspectiva? Como deve ser a

educação? O conjunto da educação deve ser popular, de amplo acesso, de alta qualidade. Voltando suas pesquisas para resolução de problemas da classe trabalhadora, que faça o país avançar. O estado deve atuar nas políticas públicas pensando a ampliação do acesso das camadas mais baixas nas escolas e universidades.

Se faz necessário então, uma política eficiente, que pense o avanço intelectual dos jovens. Isso, claro, não será alcançado com essa corja governista no poder. É por isso que deve-se haver luta, para mudar as condições e moldes econômicos, culturais e sociais, avançando para a construção de um país igualitário. E a partir daí pensar a construção de uma educação popular.

DA08

Educação no Brasil

A educação no Brasil é algo deprimente. Todos sabemos que, o Brasil sempre enfrentou problemas na área da educação, tanto no quesito valor, quanto no governo.

Como disse anteriormente a educação no Brasil é algo deprimente pois, o Brasil não dá o devido valor que a educação merece e essa desvalorização vem por parte dos alunos, professores e governo.

Considerando os fatos logo percebemos que, o Brasil, infelizmente não possui estrutura para aplicar um ensino de qualidade e isso vem com a educação pública básica, até o nível superior.

Já houve diversos fatos absurdos no ambiente escolar, como casos de discussão, racismo, agressão e até homicídio.

Infelizmente a tendência é piorar pois, quase não temos ajuda do governo, o governo brasileiro, está presente na área escolar fazendo cortes, atrasando salário dos professores.

Isto tem um impacto direto na sociedade pois, um ensino de péssima qualidade ainda mais no âmbito da escola pública tende a ter retorno diretamente na sociedade.

Se a educação fosse valorizada e tivesse uma boa base financeira com o governo, tudo seria diferente, eles iriam formar pessoas críticas e produtoras de ampla ciência.

Mas, infelizmente essa não é a nossa realidade pois, muitos de classe média baixa, classe baixa tendem a abandonar seus estudos para ir em busca de um emprego.

Nem citarei o ensino privado pois, tem uma lacuna enorme de diferença pra ser dita, na privada acontece a valorização e as pessoas tem condições de focar em seus estudos.

A educação brasileira vai muito além de o governo não proporcionar uma base financeira boa, mas também existe a “conspiração” que o governo tem o ensino dessa forma para criar grande mão de obra.

Isso não cabe a mim dizer se é verídico ou não, o Brasil para ter uma grande melhoria na educação, necessita do governo dar o máximo de apoio possível, de tornar o ensino algo interessante e simplesmente ser valorizado.

DA09

O projeto de educação brasileiro

O atual estado precário da educação no Brasil, não é um desastre, na verdade todos os fatores, desde o sucateamento das escolas, a falta de materiais básicos e a constante desvalorização dos professores, tudo isso é um projeto.

É de conhecimento geral que o ensino público no Brasil, vem passando por grandes problemas, e isso não é de hoje. Escolas sem água, luz, ou mesmo cadeiras, sem alimentos para os alunos e sem professores.

Não podemos nos esquecer da violência, presente nas classes de todo o país, onde alunos e professores se tornam reféns do pouco caso do Poder Público.

O Brasil possui sistema de educação dicotômico, onde o ensino de qualidade existe, mas está agregado a valores financeiros absurdos. Como então é possível que uma criança da periferia tenha acesso à educação de excelência?...

Apesar de que, a educação para todos seja um sonho, distante de ser alcançado, essa seria sem dúvidas uma solução inteligente: ricos e pobres estudando no mesmo colégio.

Sem duvidas, que se o filho do político estudasse na mesma instituição que o filho do gari, esse político faria com que a educação ali granjeada fosse de alto nível.

Entretanto, isso iria contra instituições particulares que além de ganharem rios de dinheiros são de propriedade de muitos dos políticos já citados.

Não é do interesse dessa elite política capitalista que a massa pobre permaneça muitos anos nas escolas e faculdades. Pois essa elite tem necessidade de mão-de-obra para suas fabricas, sendo então mais interessante que essa massa curse um simples curso técnico.

Desse modo, além de suprir a necessidade do mercado, também não incentiva o lado intelectual da classe mais pobre, uma vez que povo estudado não é boa massa de manobra política.

Portanto aí há, um pequeno esboço do projeto de educação brasileiro, oferecer sempre o mínimo possível sucateando, alterando, desviando e desvalorizando, para que a massa esteja sempre no mesmo lugar, nunca questionando, ou sequer lutando por seus direitos.

Infelizmente, no Brasil, o projeto de educação, serve para que o povo seja sempre manipulável, ignorante e dócil.

Projeto esse, que está sendo bem sucedido.

DA10

Por uma educação que liberte e salve

A educação como tema a ser discutido sempre causou muitas controversias por ser um assunto heterogêneo. Por não ser um tema homogêneo, a educação já foi usada de diversas maneiras: acentuando as diferenças sociais (colônia e império), coercitivo (regime militar), meritocrática – mais estudo mais ascendo social e financeiramente; libertadora (Paulo Freire) e salvadora, sendo essas três últimas maneiras – meritocrática, libertadora e salvadora – movimentos mais contemporâneos. Devido aos seus diversos usos, a educação se coloca como instrumento tanto para alienação como para libertação dos cidadãos. Baseado nessa dicotomia (alienação, libertadora) que deve ser analisado o viés salvador da educação.

Afinal, o que será uma educação salvadora?

Para responder a questão proposta, é necessário investigar o local onde o discurso educador está mais presente: a escola. É neste ambiente conflituoso e muitas vezes confuso que o discurso salvador prolifera-se. Como correntes indesejáveis do whatsapp. Não é atoa que os diretores escolares em geral gabam-se por “sua” escola ser a “salvação” da comunidade. Tal discurso não se sustenta, pois, a escola continua reproduzindo metodologias educacionais tradicionais que não visam a “salvação” do aluno, mas a contínua alienação do mesmo.

Outro aspecto contrário a essa educação salvadora está no caráter punitivo ainda tão presente nas escolas. Desse modo punidor, ou melhor, punitivo da escolas, Foucault alertava em seu livro “Vigiar e Punir”. Não pode, aqui, ficar subentendido a exclusão das regras escolares, mas sim, que muitas dessas hordens e o não cumprimento delas levam a um único fim: a punição. É impossível salvar o indivíduo somente punindo-o, exemplo disso são as penitenciárias.

Na contramão desses argumentos está a realidade de muitas escolas brasileiras que habitam localidades de extrema pobreza. Essas escolas, na maioria das vezes também reprodutoras de metodologias tradicionais, a educação principio primeiro da escola acaba ficando em segundo plano. A constante exposição ao risco vivenciado pelos indivíduos dessa escola faz que os muros, muitas vezes representadas como acorrentadores, sejam a seguridade desses indivíduos, devido a obrigatoriedade da frequência na escola. Nesse sentido a educação é sim salvadora.

Baseado nesses argumentos, deve-se tirar uma síntese do viés salvador da educação. É preciso mudar as práticas tradicionais de ensino visando a libertação do futuro cidadão. Isso só será possível por meio de uma reformulação onde a questão punitiva não seja o único fim.

Sobre a “salvação” no caso das escolas em situação de risco, deve-se promover de maneira mais urgente a pratica libertadora, pois, por meio dela o individuo poderá compreender que sua situação não é algo inato, mas construido historicamente pelas desigualdades, inclusive a educacional. A luta precisa ser por uma educação que liberte e salve os cidadãos.

DA11

Condorcet e a educação brasileira

A educação está diretamente relacionada ao desenvolvimento intelectual e moral do ser humano, que por sua vez, é realizado através da pedagogia, didática e ensino. Seguindo essa linha de pensamento, o filósofo iluminista Condorcet, propôs o conceito de Escola Democrática, onde o ensino deveria ser universal, público e laico. Atualmente, essa medida é utilizada por diversos países, sendo que os próprios governos oferecem educação pública para a sociedade. Porém, até que ponto a proposta de Condorcet é real? E ela caracteriza uma educação de qualidade no Brasil?

O Sistema Educacional Brasileiro é dividido entre o setor público e privado, havendo entre eles uma enorme disparidade, relacionado a desigualdade social e a falta de investimentos.

Sendo assim, as escolas públicas, principalmente as periféricas, apresentam crianças sendo aliciadas pelo crime local, além dos obstáculos de alguns alunos não conseguirem nem ir a escola, devido a falta de transporte e auxílios. Ainda, a violência e desrespeito são banalizados em muitas dessas instituições. Apesar das escolas particulares apresentarem alguns problemas, são imensamente mais seguras e possuem rendimento e resultados melhores.

Por isso, muitos jovens vêem a educação de qualidade como uma realidade longínqua. Além disso, há os problemas sociais que impossibilitam crianças e jovens de baixa renda de estudar, querer aprender e sonhar com um futuro melhor. Já as escolas privadas, onde os frequentadores fazem parte de uma elite ou possuem o capital necessário, são os que realmente possuem meios e oportunidades para contruir um bom futuro.

A educação brasileira sofre com os cortes de verbas e as faltas de investimentos, por isso muitas escolas e universidades estão abandonadas ou sucateadas. O ensino público está inferiorizado em relação ao particular, contrariando os ideais de Condorcet.

Portanto, a Escola Democrática e seus preceitos foram implantados no ensino brasileiro, mas não atingiu seu ideal de maneira plena. A educação pública se tornou de baixa qualidade e muitas vezes, falha e defasada. É frequentada, em sua maioria, por jovens de baixa aquisição, onde dificilmente

terão grandes chances para ascenderem socialmente. Sendo assim, apesar da proposta de Condorcet- escola pública, universal e laica – ser uma medida adotada, ela não se faz 100% real, não caracterizando o ensino público de qualidade e totalmente acessível. Em suma, o ensino público deixa muito a desejar para a educação brasileira.

DA12

Educação um problema assistido de longe!

“No século XVIII um dos iluministas da época após a revolução Francesa trouxe uma proposta bem inovadora pra época com respeito a educação pública.” (Condorcet) onde o estado era láico e a igreja não einterferia no ensino.

Nos dias atuais varias propostas fundamentam esse mesmo debate “escola sem partido cartilha que incentiva a sexualidade etc.”

Entre tanto não é isso que a educação precisa, esse tipo de assunto tem que ser discutido com mais seriedade por pessoas que realmente tem compromisso com o tema em discussão. A educação sempre despertou interesse por parte de varias organizações, seja ela publica ou privada, mais existem alguns paradigmas que ainda precisa ser quebrado, seja ele religioso ou político, e natural quando se ver algum candidato à algum cargo letivo se aproveitando dessa pauta que é tão primordial para o desenvolvimento de uma nação. Entre tanto isso é uma herança que foi herdada desde a colonização.

A educação vai além de jogos de interesse vai além de discursos paralelas, jogos de empurra-empurra para o próximo governo, é preciso ter discussões serias com pessoas serias que propõe o debate e enfrenta de perto os problemas que assola a educação como um todo. Isso significa dizer que a educação passa mais uma vez por agonia e dispreso por aqueles que não sabem o poder e a transformação que só ela traz.

É preciso deixar de lado o jogo de interesse é preciso esquecer as diferenças partidária e encarar de perto um problema antigo que fere a dignidade da nação!

Não adianta ser a 1º economia do mundo e ser um dos países que mais tem analfabeto. Isso e negar a propria identidade.

Sendo assim seguiremos com nossos medos nossos males que parecem não ter cura, parece não ter solução e ficamos refém de políticos medíocres de homens sem educação querendo discutir educação.

Mais assim aos tombos e barrancos superamos como nos tempos coloniais e estamos aí para resistir e dizer que não somos vítimas somos sobreviventes.

DA13

A educação no Brasil contemporâneo é um assunto que está muito em pauta no século XXI, em alguns momentos é debatido de maneira muito superficial e com isso não consegue obter um resultado produtivo de tal discussão.

Ainda mais, que o tema seja levado em muitas ocasiões como irrelevante ou inalterável deve-se levar em conta que debater e argumentar sobre educação é algo muito mais complexo que dedução e achismos, a pauta educação aborda subtemas de extrema delicadeza, como por exemplo: consequências do tempo histórico; fatores do contexto político, questões amplas sobre o lado social e econômico de um país.

Partindo do princípio que a educação é a chave para o sucesso, deve-se, tratar tal tema com muita sociedade e o contexto real em análise de onde essa educação irá ser aplicada.

Contudo, sabe-se a atual situação que o Brasil se encontra no âmbito educacional, o país está sofrendo de maneira cruel, inúmeros ataques, que de forma irresponsável acabam por lezar o sistema educacional, como por exemplo, cortes na área da educação, abalando de forma atroz instituições de ensino, que partem da educação básica até ao ensino superior.

Além disso pode ser visto um grande desleixo quanto o assunto em questão são instituições de ensino públicas, as quais, as condições de trabalho dos funcionários e de ensino e aprendizado dos alunos são de baixo nível comparada com instituições particulares.

Por outro lado, o ensino público superior tende a se destacar em relação as instituições privadas porém a falta de verba nas universidades é motivo para que essa educação fique a cada vez, mais precária, o que gera uma questão muito densa a ser discutida.

Como por exemplo a falta de produção científica de uma nação, ou até mesmo o avanço em áreas da saúde e tecnologia, que com total certeza elevariam inúmeros pilares essenciais para um país, como economia, saúde e sem dúvidas a própria educação.

Por fim, a educação brasileira no período contemporâneo deve ser reformulada, de acordo com as necessidades básicas de desenvolvimento, partindo da educação básica até o ensino superior. Com isso inúmeros elementos do cotidiano brasileiro poderão ser reparados como, corrupção; desigualdade social e o caráter questionados de uma população, refletindo até mesmo em questões políticas que de certo modo tem o poder de mudar uma nação.

DA14

Linguagem, violência e história

A linguagem, a violência e a história são conceitos que compõem o desenvolvimento e a estrutura da sociedade humana. Desde os primórdios da humanidade, a ciência histórica através da análise e do estudo de resquícios encontrados a respeito das primeiras espécies diz que a violência predominava entre esses grupos, conhecidos nos dias atuais como hominídeos. Tal comportamento se justifica pelo fato de existir a necessidade de sobrevivência nos ambientes em que eles ocupavam e com o tempo foi, tais espécies foram evoluindo junto com a sociedade e a cima de tudo a violência se intensificou.

Ademais, conforme o tempo passava as sociedades se desenvolviam até o surgimento do capitalismo, estrutura econômica que vivemos no século XXI e que também está em desenvolvimento, mas diante da passagem do tempo, os interesses econômicos, sociais e políticos foram surgindo e se constituindo de formas diferentes entre as instituições e os pensamentos dos seres humanos, ao sonho de gerar conflitos entre as nações mundiais que estavam se constituindo ou já constituídas, como por exemplo, a conquista de terras e as guerras mundiais, o que caracterizou mais ainda o caráter violento dos seres humanos. Paralelo a isso, pode-se citar a frase do filósofo inglês Thomas Hobbes, que está incluindo em sua obra *Leviatã*, publicada em 1651, onde se diz que “o homem é o lobo do homem”, ou seja, o homem é o seu pior inimigo,

justificado pela sua selvageria e pelo seu individualismo, o que ele confere estar em constante conflito com outros indivíduos da sociedade.

Com o desenvolvimento da sociedade, os problemas sociais se intensificaram através da estaticidades dos grupos sociais, os quais passaram a ser identificados a partir da renda e com isso, surgiu fenômenos como a gentrificação, onde os indivíduos de menor renda eram colocados nos extremos das cidades, devido ao desenvolvimento econômico das cidades, intensificando assim a desigualdade social. Outro fenômeno é o da diferenciação de classe social a partir da linguagem que também intensificou a desigualdade social, pois a educação e conseqüentemente a linguagem, no Brasil, está ligada ao nível da educação transmitida em escolas públicas e privadas a que é oposto, pois não há investimento por parte do governo nas escolas públicas, o que prejudica milhares de indivíduos que muitas vezes saem da escola com a linguagem prejudicada, e assim, são julgados pela sociedade que os excluem.

Conclui-se a assim, que a linguagem está atrelada aos fenômenos históricos, políticos e econômicos da sociedade quem além de gerar desigualdades sociais continuam gerando fenômenos como o preconceito linguístico e preconceito social, o que intensificam as desigualdades sociais. Além disso, atualmente, no governo podemos perceber que o preconceito linguístico e social tende a se intensificar já que um dos projetos do atual governo é retirar mais investimentos na educação, fomentando assim o não aprofundamento de conhecimentos exteriores e a educação básica, o que proporcionaria aos indivíduos o contestamento as estruturas sociais estabelecidas. Além de significar a violência contra a educação e a formação dos indivíduos que se constituem como cidadão, e sim constituindo seres ignorantes de conhecimento e alienados quanto a história e as conjunturas políticas, econômicas e sociais.

DA15

Os quatro pilares da educação

Pensar a educação no Brasil hoje, é entender que os problemas que a cercam vão além da sala de aula. Quando Nelson Mandela disse que “a educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”,

sua frase atemporal, resumo a atual educação brasileira. Um sistema que tem no Estado, na família, nos professores e nos alunos a própria razão de ser da Educação. Entretanto, é também nesse sistema que a educação deixa de ser a principal transformação de um país.

Ao falar da Educação como força matriz para o desenvolvimento de uma nação, é preciso entender como a má formação da base educacional está intrinsicamente interligada ao Estado, como, provedor da Educação, a família, como, base fora da sala de aula, mas dentro da escola, aos professores, como orientadores, e, aos alunos, como, detentores dos conhecimentos a serem compartilhados.

No entanto, a consolidação dessa base educacional, em suma, não é simples. Dados apontam que os 6% do PIB investidos na Educação, não são suficientes para que a educação brasileira deixe de amargar na 53ª posição no ranking mundial da educação. Logo, apesar das estatísticas do IBGE apontarem o aumento ao acesso a Educação nos últimos anos, fica evidente que as escolas brasileiras não cumprem o que prometem.

Nessa perspectiva, fica claro que os alunos vão a escola para não apreender, e os professores para não ensinar. Haja vista que, devido as falhas nas políticas sociais, alunos levam a violência para a sala de aula, e, ademais, o corpo docente, mal preparado, mal estruturado e mal remunerado, vê-se obrigado a lidar com questões que não são da sua alçada.

Percebe-se então, um sentimento de culpabilização entre pais, alunos e professores que incapacitados criticamente não conseguem atribuir os problemas na Educação as falhas nas políticas sociais. Políticas que, providas pelo Estado, viabilizam a instrução dentro e fora das salas de aula, reduzem a violência, capacitam professores e promovem recursos que estimulam os pais a participarem da vida escolar de seus filhos.

Conclui-se então, que, um projeto educacional só pode ocorrer de forma precisa se, o Estado, a família, os professores e os alunos estiverem interligados de forma que, juntos e dependentes, a culpabilização pelos erros do presente não seja mais um assunto do futuro. Uma construção que, pari passo com a efetivação das políticas voltadas a sociedade, tem nos quatro pilares da educação, sua principal forma de desenvolvimento.

DA16

Desde o início da educação formal no Brasil é possível notar que o ensino no nosso país tem um caráter divergente dos processos educacionais de países mais desenvolvidos. Enquanto se vê na Europa uma forma de educar oriunda no iluminismo (ensino crítico), no Brasil é observável o caráter nacionalista e alienador da educação básica.

Analisando desta forma, os problemas do cenário educacional atual brasileiro ficam evidentes, não são formados indivíduos com suas próprias visões da realidade e sim um coletivo sem sendo crítico e facilmente manipulável, ou seja, é necessária uma reforma imediata à partir da desestatização da educação e a reafirmação da importância do papel do educador.

A primeira medida para solucionar a ineficiência da educação no Brasil, é retirar das mãos do Estado o poder de manipular essa matriz tão importante da sociedade, pois além de sua natureza coercitiva ele não satisfaz os princípios econômicos necessários para tornar qualquer instituição eficiente.

O objetivo do Estado em manter seu monopólio sobre a educação é limitar ao máximo o pensamento crítico e coibir as individualidades, utilizando-se de um planejamento central para decidir questões de informações dispersas e tácitas, o que se mostrou ineficiente inúmeras vezes durante a história, porém o ponto central é identificado na própria natureza de um monopólio que se resume no fato de que ainda não satisfazendo as demandas populares, ele se sustentará pelos mecanismos coercitivos à sua disposição.

Com a desestatização tornando a educação livre e diversa, a alocação de recursos será realizada de forma racional, e as particularidades dos estudantes serão afloradas permitindo uma sociedade mais diversa e democrática.

A segunda medida para sanar o impasse no sistema educacional atual no Brasil é lutar contra a desqualificação do profissional educador que está sendo tratado como inimigo do povo por parte da população, sendo que o professor é a base de toda e qualquer sociedade.

Será uma tarefa difícil reerguer a profissão de educador diante à presente desvalorização da área, porém com o surgimento de relações não hegemônicas presente nas instituições alheias ao Estado, a população pode voltar a confiar sua futura geração aos docentes que não mais serão calados e coagidos pelo

aparato estatal, podendo exercer sua função livremente, sem sofrer preconceitos e ataques descabidos.

A luz desta análise, é prudente concluir que a responsabilidade é popular e a ação conjunta de quem acredita na educação, movimenta as engrenagens no sentido correto dessa sistema que apenas retrocede.

DA17

A importância da linguagem na história

Atualmente a linguagem comum tornou-se um meio de propagação de inverdades, violência e principalmente, disseminação de ódio. Entretanto, esta mesma linguagem no âmbito histórico possui um valor incomensurável de auxílio na construção de identidade, transformação de mitos e teorias em verdades comprovadas e principalmente na composição da base historiográfica da qual o especialista da área de história utiliza-se para fundamentar suas teses.

Através do tempo a linguagem, devido a sua importância, foi utilizada como arma por ocupantes do poder. Durante o processo de colonização por exemplo, ao prender os africanos nos navios negreiros afim de os levarem ao novo mundo, os agrupavam de modo que não ficassem no mesmo local os escravizados pertencentes à mesma tribo, pois ao falar o mesmo idioma ou dialeto, a comunicação estaria facilitada e as chances de organização dos escravos para um levante seria maior.

A linguagem enquanto expressão de ideias divergentes a governos sempre foi vista como violação de leis e insubordinação passível até mesmo de tortura e morte, como na década de 60 no Brasil.

Esta linguagem que ao mesmo tempo corrobora para a constatação de fatos históricos e auxilia na produção de conteúdo e conhecimento, é constantemente alvo de menosprezo quando fere políticas e governos que não tem como base o bem estar do cidadão.

Cada mudança na história deu lugar à novas linguagens, interações e interpretações. A cada nova ruptura histórica, a linguagem foi a maior fonte de conhecimento para a atual geração de historiadores situar-se no passado e analisar memórias, heranças e tradições que são atestadas devido a vastidão de

documentos que foram deixados como legado e serão repassados para as massas posteriores.

Em suma, a linguagem tanto escrita quanto em suas diversas outras formas, tem uma validade desmedida para o historiador, pois através dela é possível entender a organização de corpos sociais e discursos de outras épocas, e talvez sobretudo, o respaldo na estruturação histórica e no “fazer história” propriamente dito.

DA18

Hater ao longo da história

O uso da violência durante o avanço da história pode ser interpretado por vários aspectos, expansão, dominação exterminio das minorias. Usando o último aspecto como fonte para estabelecer como o uso da violência se tornou normal, com o avanço das várias formas de mídia, para estabelecer uma ideia sobre um determinado grupo específico.

Este meio de propagação de um ódio através de pequenos círculos, para a criação de uma imagem totalizante nesta contida na imagem do negro no Brasil que carrega não so o peso histórico da escravidão mas o imaginário social que foi amplamente divulgado durante este longo período da nossa história.

Mas esta imagem construída por séculos do trabalho escravo na historiografia brasileira representa um grande buraco negro de incompreensão e generalização, pois essa questão deveria ser tratada com um teor histórico social mais elevado, com tudo isso podemos entender como os haters , que vão a “público” através da práxis fake ou vão destilar todo um ódio contra uma pessoa, por características físicas, ou um programa por sua qualidade, enfim são diversos os fatores, mas o ponto principal, esta em como essa pequenas demonstração de ódio representa para a criação e propagação de uma mensagem, que tem um leitor específico, gerando um ciclo de propagagação deste mesmo tipo de violência a pessoas que podem ou não ter estes aspectos bem delimitados.

Com tudo, o hater dentro de uma rede social tem o mesmo papel que os jornais representavam em uma Alemanha pré nazista, que por meios de notas representava uma questão de inferioridade dos judeus em comparação aos

alemães, e como esta violência contra um povo foi sendo construído por uma geração que passou para seguinte, até terminar em uma guerra de extermínio que tomou proporções e repercussões mundiais. Fazendo com isso um paralelo entre os haters e um jornal, dando aqui todo o mérito para a facilidade e agilidade da internet, este ódio que esta sendo destilado contra tudo e todos deve ser combatido e melhor punido.

Pois não só na política de diversos países, usando o Brasil com exemplo, onde o ódio e o modo a um partido ganhou as eleições, devemos tratar esta forma de violência assim como ela é, um ato que direcionado a um único grupo pode sim repetir as mesmas atrocidades de uma guerra autorizada.

DA19

No Brasil a educação nunca foi prioridade dos governos. E ainda hoje muitas famílias também não priorizam esse setor. Desde cedo muitos jovens de famílias mais pobres são colocados contra a parede, obrigados a largar os estudos para ajudar sua família.

Talvez por educação não ter um retorno imediato, não é tão valorizado. Se tirarmos de base os países mais desenvolvidos, veremos o quanto a educação é um investimento importante, tanto economicamente como socialmente. No século XX a taxa de analfabetismo, principalmente no interior do Brasil, era muito alto. Índice que vem sendo reduzido mas ainda a passos lentos.

A educação está intrinsicamente ligado a produção de um país, já é comprovado o quanto é importante o investimento em educação para o desenvolvimento de um país. É preciso incentivar desde cedo as crianças a estudar, melhorar a qualidade do ensino público, só assim existirá um caminho para diminuir a desigualdade social. A educação é a chave para evolução de uma nação.

A educação no Brasil hoje pode ser descrita como precária. Constantemente são cortadas as verbas das escolas públicas, muitas escolas não possuem verba para a merenda dos alunos, pagamentos de funcionários atrasados, infraestrutura precária. De tal forma é impossível haver um ensino de qualidade e totalmente justificável a causa de muitos jovens abandonar os estudos.

Muitas vezes ouvimos a frase “nasceu pobre, vai morrer pobre”. O que não deixa de ser real, as famílias menos favorecidas, não tem condição de prover uma educação de qualidade para seus filhos, que conseqüentemente não serão aptos a empregos com salários melhores. No papel, todos deveriam receber educação pública e de qualidade, o que infelizmente não acontece. O que torna quase impossível uma pessoa abandonar a pobreza. Por isso é importante reforçar o quanto a educação é importante para a estruturação de um país.

DA20

Educação libertadora

As escolas brasileiras na contemporaneidade se constroem sobre inúmeros fatores políticos, sociais e econômicos, que são determinantes para a estruturação do Ensino no Brasil. Para além disso, é necessário para a compreensão desta questão, uma análise histórica e política da sociedade brasileira do século XIX e XX, período onde se fundamenta os primeiros tópicos pedagógicos na América Portuguesa para assim, se compreender esta questão na atualidade.

A educação é historicamente, uma ferramenta política. A primeira escola brasileira surge ainda no império, destinada a uma parcela nobre da população, fazendo com que a aristocracia dos espaços sociais não só determinem as relações de poder, mas também o acesso ao conhecimento. A democratização do acesso a educação só acontece pós revolução francesa, com os ideais de Condorcet e a escola do homem novo. Entretanto, estas epistemologias só atingem as camadas sociais brasileiras a partir de 1930, com a Era Vargas e a disseminação das escolas públicas universais e gratuita.

Desta forma, podemos observar que a educação no Brasil se deu a partir de uma construção sócio-histórica recente, fazendo com que este período de exclusão social das camadas inferiores nas escolas reverbere e estructure as escolas e universidades brasileiras hodiernamente já que 36% da população ainda se encontra fora destes espaços. Para se compreender o porque disto, precisamos analisar outros fatores.

A educação no Brasil é, primeiramente, vista como uma mercadoria, sendo que o sucateamento das universidades públicas, junto com cortes

orçamentários cada vez maiores, reforçe esta visão. A formação de pensamentos críticos é, em segundo lugar, um fator, importante neste contexto. Movimentos políticos contrários a estes posicionamentos sufocam tanto professores quanto alunos. Como já afirmado anteriormente a educação é uma ferramenta política. A falta de estrutura dentro das escolas é, em terceiro lugar, a síntese da questão educacional no período contemporâneo. Milhares de jovens e adolescentes são inseridos diariamente em espaços sem suporte para recebê-los. Desde a merenda até o salário dos professores, a “crise” na educação parece um projeto. A educação que deveria abrir oportunidades fecha portas diariamente.

Segundo Paulo Freire “quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”. Partindo desta visão podemos concluir que vivemos em uma sociedade opressora, já que a educação vem reforçando estas algemas da tirania e repressão. A educação que deveria ser revolucionária se torna uma prisão. A educação brasileira ainda precisa de tornar libertadora.

DA21

A educação em questão no Brasil contemporâneo

A educação no Brasil deu-se início com os jesuítas que catequizavam e ensinavam a língua portuguesa aos nativos. Desde seu princípio, apresenta interesses políticos de estabelecer domínio sobre o conhecimento dos que dispõem-se a aprender.

Nos dias atuais não é muito diferente, a educação nacional é responsabilidade do governo, mais precisamente do Ministério da Educação, e é direito de todo cidadão ter acesso a um ensino público de qualidade. Porém essa não é a realidade refletida socialmente. São muitos os problemas que estão presentes na educação brasileira.

Um desses problemas é a falta de investimento na educação, gerando também a falta de materiais necessários para o ensino, dificultando o trabalho do professor que, junto a desvalorização do profissional e aos péssimos pagamentos, torna-se um trabalhador frustrado.

Contudo, em vez de investir na educação, recentemente o MEC divulgou que haverá um contingenciamento de verbas em todas as faculdades federais.

De acordo com a jornalista Renata Martins, que escreveu uma matéria para o site “O Globo”, o Ministério da Educação informou que o corte é de 30% para todas as instituições, atingindo R\$ 2,5 bilhões.

Esse corte de verba prejudica bastante a educação pois é um fator agravante para todos os problemas que já possui em questão à falta de investimento. E tirando esses, há muitos outros, como a evasão escolar, a falta de uma estrutura coordenadora mais rígida e presente em algumas escolas e a falta de cobrança popular para a melhora na educação. Afinal, o ensino público também é responsabilidade da sociedade.

A evasão escolar pode ser justificada por vários motivos, pela necessidade de trabalhar, pela dificuldade de chegar até a escola ou simplesmente pela falta de interesse. De acordo com a pesquisa feita por Eduardo Freitas no site “UOL”, hoje, no Brasil, de 97% dos estudantes com idade entre 7 e 14 anos se encontram na escola, no entanto, o restante desse percentual, 36%, respondem por aproximadamente 1,5 milhão de crianças que estão fora das salas de aula.

É necessário lembrar que, por mais que haja dificuldades, lugar de criança é na escola, e é dever do governo facilitar a chegada dessas pessoas ao seu lugar de ensino. O Ministério da Educação precisa criar projetos de lei que mantenham os alunos nas escolas, pois, segundo as pesquisas de Eduardo Freitas, para cada 100 alunos que entram na primeira série, somente 87 terminam o 9º ano na idade correspondente, 14 concluem o ensino médio sem interrupção e apenas 11 chegam à universidade.

Apesar de que, em seu principio, a educação apresentava o interesse político de estabelecer domínio sobre o conhecimento dos que dispõem-se a aprender, hoje em dia, é mais fácil não dar educação, pois a educação ensina as pessoas a questionar e o melhor jeito de estabelecer domínio sobre certa massa social é apresentando-lhes algo como verdade absoluta.

Por isso, faz-se necessário que a própria sociedade se mobilize para destacar a importância da educação, exigindo do governo o direcionamento de recursos financeiros para instituições de ensino e profissionais da área. Até porque “o governo não dá educação porque a educação derruba o governo”, então é preciso que seja demandada pela sociedade.

DA22

No documentário “Pro dia nascer feliz”, o filme mostra o dia-a-dia em diferentes escolas, levando em conta os seus principais problemas e também mostrando alguns alunos e suas determinadas opções. O documentário realça os grandes problemas dentro do sistema educacional brasileiro, no entanto os problemas vão além do que é apresentado.

Atualmente o Brasil segue o modelo de escolas públicas, em sua maioria, visto que grande parte da população não tem condições para pagarem uma escola particular, desta forma o sistema público deveria ter uma grande importância, no entanto nota-se o contrário. O modelo escolar público se encontra totalmente ultrapassado e atualmente não atinge a meta esperada. Um grande exemplo disso são as cotas, onde o governo tenta balancear as chances de entrada nas faculdades públicas, notando a grande desigualdade entre os ensinos públicos e particulares.

Também é necessário ressaltar os demais problemas além da grotesca diferença de qualidades como por exemplo as diferenças de realidade entre os estudantes. O governo federal não incentiva uma boa educação, pouco se investe no sistema educacional, e ainda mais, o que se tem de investimento ainda é cortado, fora, que a violência dentro das escolas públicas são bem maiores, ocasionando até mesmo homicídios dentro das instituições públicas, o Brasil também é recordista em número de pessoas que não chegam a completar o ensino fundamental. Outro ponto que vale a pena ressaltar é o descaso com os profissionais dentro das escolas, os professores não tem condições satisfatórias de trabalho, que além de receberem salários baixos, são desrespeitados constantemente.

Através deste viés, é extremamente claro que o sistema educacional Brasileiro está em crise, o sistema educacional público foi criado durante a revolução francesa no séc XVIII pelo iluminista e pensador Condorcet, e é utilizado da mesma forma no Brasil no séc XXI, este modelo precisa urgentemente ser remodelado. Também urge ressaltar que o estado precisa ter mais atenção com a mesmas, aumentando os investimentos e a qualidade estudo das escolas públicas. Já para os professores, estes merecem o máximo do respeito, visto que são estes o coração e alma do ensino, pois, já diria o

teólogo Holandês Erasmo de Riberdã “A primeira fase do saber é amar os nossos professores”.

DA23

A Educação no Brasil

A desvalorização da educação tem permitido que crianças e adolescentes ingressem no ensino médio sem saber escrever bem, usar pontuações ou realizar contas básicas de matemática. Há, sem dúvida, uma crise que atinge as escolas brasileiras. Os professores estão cada vez mais sobrecarregados de funções e burocracias que apenas retardam suas aulas. Além de culturalmente o professor não ter seu valor, onde alunos e pais muitas vezes não veem problema em desrespeita-los, mas os mesmos exigem coisas que muitas vezes não está ao alcance do professo ou escola.

O processo de aprendizagem de torna algo simples quando há um conjunto de fatores que interliga o estudante, professor, instituição de ensino e toda a sociedade. Dificilmente um aluno consegue evoluir muito sem um professor para apoia-lo, o professor vai encontrar muitas dificuldades para realizar bem o seu trabalho em uma escola sem estrutura, assim como a boa conjuntura da escola depende do meio em que ela se encontra.

Para que esses fatores se interliguem e haja uma harmonia no ensino brasileiro é preciso que existam medidas públicas que facilitem tais processos. Nunca na história do país tiveram tantas pessoas matriculadas em escolas e universidades. O Brasil não foi preparado culturalmente e economicamente para abrigar tantas pessoas com a detenção do conhecimento.

Por esse motivo, a maioria esmagadora dos alunos na educação básica de escolas públicas passam de ano sem ter aprendido o mínimo necessário exigido no Parâmetro Curricular Nacional (PCN). Construindo uma sociedade com muitas pessoas com diploma da Educação Básica, mas sem saber o básico.

O problema da desvalorização do ensino se estende até as instituições de ensino superior. Onde a base está falha todo o resto tende a se prejudicar. Muitas pessoas tem entrado nas universidades sem saber o necessário. As universidades continuam sendo a maior geradora de conhecimento, que

consequentemente gera mais mercado de trabalho e mais desenvolvimento social. Entretanto é um cenário extremamente desmotivador, pois não há a valorização dos pesquisadores.

Para alguns, a educação é vista como mercadoria, onde se deve pagar para te-lá de qualidade e em muitos casos esse preço tem sido muito alto. A sociedade vem evoluindo e se modernizando muito rápido, porem a educação não está acompanhando esta evolução. Para que isso seja possível é necessário políticas públicas e muitos investimentos onde a educação seja prioridade para que haja uma melhor interação entre alunos, professores, escolas e sociedade.

DA24

A educação em questão no Brasil contemporâneo

Atualmente, a educação é o fator principal no desenvolvimento de um país. Mesmo sendo uma das economias mais importantes do mundo (em ascensão), o Brasil não se aproxima do modelo de escola pública pensado por Condorcet na França (ensino público, gratuito, universal e baixo). Com isso o país enfrenta problemas como o desemprego, a violência, o analfabetismo, entre outros problemas estruturais ligados à deficiência na educação.

A falta de valorização do profissional ligado a educação contribui negativamente para a evolução do sistema de ensino brasileiro. Os baixos salários, as condições (no mais das vezes) precárias de trabalho e a falta de preparo são agentes desestimulantes tanto para os alunos, quando para os professores, que também enfrentam o desinteresse por parte dos discentes, haja visto que a tecnologia tem se mostrado inimiga do corpo docente, causado pelo seu mau uso.

Ademais, o modo como é pensado o sistema de ensino no Brasil é integrado, com métodos do século XIX, professores do século XX e alunos do século XXI, problema gerado pela falta de investimentos por parte do Estado em preparar professores e de incentivar novos profissionais para a área, haja visto que é uma área extremamente desvalorizada, especialmente na esfera pública.

Em suma, a educação brasileira caminha a passos lentos rumo a melhoria. O descaso por parte do Estado ligado ao baixo investimento, haja visto que o Brasil investe menos de 10% do seu PIB, número consideravelmente

inferior se comparado à outros países de primeiro mundo. Contudo, cabe à população escolher governantes comprometidos a mudar o rumo do sistema educacional, assim como cabe ao governo preparar melhor o profissional da área e aliar-se à tecnologia como forma de atrair o aluno para dentro da sala de aula, com mais interatividade e dinâmica.

Sendo assim, seria necessário também, inovar no modo de ensinar, investir em pesquisas ligadas a área e em novas formas mais eficientes de se transmitir o conteúdo, afim de transformar a educação no Brasil e posteriormente, alavancar a economia.

DA25

A sociedade do século XXI inserida ao Brasil, apresenta certas peculiaridades que as gerações passadas não conviveram. Há um documentário intitulado “Pro dia nascer feliz”, dirigido por João Jardim, que apresenta estas realidades distintas que os jovens enfrentam.

Neste documentário, discute-se o papel da escola nos tempos atuais e um reflexo da pobreza, violência, empatia, descaso inserido em nossa sociedade, na qual estes problemas acabam sendo trazidos para dentro das escolas.

Para discutirmos o modelo atual, primeiramente devemos entender o modelo de escola proposto pelos iluministas no século XVIII, ao qual apresenta um modelo de ensino gratuito e universal. Este ensino deveria ser de qualidade e alcançar as esferas da sociedade.

Contudo, este modelo foi criado para uma sociedade que não possuía até então um modelo de escola pública, sendo assim, e apesar deste contexto de escola universal estar presente em nosso século, seria possível dizermos que ainda é eficiente?

O modelo de escola atual apresenta variações pedagógicas em relação ao proposto pelos iluministas e também devemos analisar os professores algumas vezes desmotivados e mal instruídos. Mais do que apenas uma análise do profissional de educação, devemos lembrar também do aluno que não compreende a utilidade da educação.

Portanto, o problema está inserido em diversas camadas e o documentário apresenta alguns pontos de vistas para analisarmos.

Como por exemplo as escolas publicas e gratuitas, mas muito diferente uma das outras, nas quais em alguns exemplos temos um ensino de qualidade e já em outras, o ensino é precário, muito devido aos exemplos já citados.

Outro ponto a ser analisado é o papel dos Estados nestas escolas. Apesar de ser um direito de ensino de qualidade, as vezes este objetivo não é alcançado e o documentário apresenta alguns exemplos, como: falta de verbas, desinteresse político, corrupção.

Estes exemplos e a falta de engajamento da sociedade em cobrar um ensino de qualidade são alguns pontos a questionarmos a educação contemporânea em nosso país.

Portanto, sem o interesse da população, políticos e educadores não será possível buscarmos alternativas para a educação padrão. Não há discussões amplas sobre o tema nas comunidades e o fracasso escolar é um reflexo destes problemas.

Referencias: documentário: Pro dia nascer feliz. Direção: João Jardim. 2006, cor. 88min.

DA26

A violência além do soco

Macondo, a cidade fantástica de Cem Anos de Solidão obra-prima do colombiano Gabriel García Márquez, fora criada quando “muitas coisas careciam de nome”. José Arcadio Buendía, seu fundador, apaixonou-se pelo local e não se estabeleceu ali sem luta e conquista que perpassou por mais de cem anos. A obra do escritor e a cidade representam um microcosmo da América Latina, da conquista à colonização, onde a violência se impôs nos atos e até nas palavras referentes a todo o processo, pois ao escolher determinada palavra para designar algo, faz-se um juízo de valor dimensionando cada aspecto componente.

Por muito tempo, a historiografia denominou de descobrimento a chegada dos portugueses ao Brasil. Apoiada numa visão eurocêntrica, esta tese buscou elevar o caráter aventureiro daquele povo que se lançara ao mar e considerar como superior a civilização da qual pertenciam. Mas, ao escolher tal palavra -

descobrimto - , apagou da história muitos povos que habitavam o território, já que só é possível de ser descoberto o que nunca fora habitado ou conhecido.

Evidentemente, o termo descobrimto refletiu a propensão autoritária e violenta que se instaurou. Centenas de tribos indígenas foram dizimadas nas lutas pela conquista das novas terras, no processo escravizatório e mesmo no contato dos europeus com os nativos trazendo novas doenças que seus organismos não estavam preparados para combatê-las.

Ademais, ao reduzir múltiplos povos de etnias indígenas a “os índios” há o apagamento de diversas culturas e vivências sociais. Acaba-se igualando sociedades diferentes e extirpando do conhecimento humano outras línguas e formas de compreensão do espaço/tempo. Isto é refletido na relação entre europeus e nativos, em que os primeiros não consideravam como civilização e cultura as diferentes estruturas sociais que encontravam. Submetê-los á escravidão, por exemplo, era uma forma de elevá-los.

Tanto indígenas quanto negros foram escravizados durante a colonização. Primeiramente justificando a escravidão por análises econômicas e religiosas, posteriormente, raciais, nomeou-se a cativa de escravo, pois os povos eram julgados pela cor da pele, e alguns, inferiores, naquelas concepções, nasciam predispostos à escravidão.

Portanto, é notório que a violência esteja impregnada em cada palavra escolhida para designar fatos históricos. No caso do Brasil, em cada turno está embutido um juízo, por isto retomá-los e avalia-los é imprescindível para a compreensão dos fenômenos ocorridos. Atualmente, a historiografia retrata a escravidão nomeando os cativos de escravizados, visto que ninguém nasce escravo, mas é coagido e imposto ao açoite. Se em Macondo “muitas coisas careciam de nome e para mencioná-las havia que aponta-las com o dedo”, a realidade pele palavras precisas.

DA27

A educação no Brasil é um tema muito debatido, pois existem várias problemáticas que devem ser resolvidas para assim a população ter uma educação que se presse. Um dos problemas muito graves que existem é a falta de interesse tanto por parte do aluno quanto por falta do próprio profissional da

educação. Este deveria ser um dos principais pontos para melhorar a qualidade de ensino no Brasil.

O que gera o descontentamento nos professores é a desvalorização do profissional tanto no mercado de trabalho quanto na própria sociedade e isto acaba desanimando o aluno, pois o profissional que não é valorizado não consegue produzir bem. Aquele que estuda sobre educação no Brasil está fadado a ser mal remunerado e assim acaba ficando desgostoso com a própria profissão exercida, além de ser mal visto pela sociedade é discriminado pela baixa remuneração e isto acaba dificultando a formação de novos educadores.

O aluno presenciando o mestre, que para ele é um exemplo de pessoa, desanimado em exercer sua profissão na sala de aula, acaba também a perder o foco na aula e a se desvirtuar dos propósitos da sociedade. A falta de verba nas instituições de ensino é um problema que deve ser resolvido o mais breve possível pois com uma renda maior, as escolas poderiam exercer serviços sociais para ajudarem os alunos em toda suas precariedades.

Dada as devidas proporções, devemos compreender que para superar todos esses problemas que assolam a educação atualmente no Brasil, a sociedade deve dar mais valor ao profissional da educação pois o mesmo sabendo que vai ser remunerado abaixo da média ainda se esforça em exercer sua profissão em um país onde não é lhe dado devido valor. Além disso é de comum saber que tanto em instituições privadas como pública, o salário do professor não é competido ao seu esforço e isto deve ser mudado imediatamente, para que o próprio profissional seja mais alegre com o seu ofício.

DA28

A educação brasileira esta passando por momentos difíceis, essa crise vem de muitos cortes e muitos investimentos não feitos na área. É difícil apontar quando o sistema passou a ser tão falho no que diz respeito à educação pública tanto básica quanto superior.

Muitos acreditava, que a qualidade da educação se limitava apenas ao acesso e a permanência estudantil, porém com o avanço de estudos e pesquisas esses estigmas, vêm sendo quebrados e conseguimos ver que são muitos os fatores envolvidos por trás dessa questão.

Portanto de uma visão micro de um problema tão macro como este, é possível ver que um grande ciclo vicioso assombra a questão da educação básica e reflete na educação superior. Esse ciclo é a falta de investimentos e o descaso com os profissionais ligados à educação, faz com que a qualidade do que os mesmos têm a oferecer caia prejudicando muitos alunos, que ingressam nas instituições de ensino superior com um déficit muito alto.

Logo, cria-se profissionais com um determinado déficit que ao entrarem para o mercado de trabalho deparam com dificuldades e a desmotivação já citados aqui.

Tratando do cenário macro do problema e abordando a questão de forma mais atual, precisamos falar sobre os cortes que o então presidente deseja aplicar para conseguir controlar a crise do país. Esses reduzem a verba de investimentos feitos em toda a área da educação pública. O que nos levanta uma grande questão: Como melhorar a educação pública, quebrando o ciclo vicioso no qual estamos inseridos, com menos dinheiro sendo investido para tal?

DA29

A educação em questão no Brasil contemporâneo

A educação no Brasil atualmente tornou-se um objeto que evidencia e exalta a segregação nacional, uma vez que a educação brasileira dividiu-se entre o ensino público e o particular tendo entre elas um distanciamento social, sendo assim a educação no Brasil contemporâneo não atende o povo como deveria e a privatização do serviço gera consigo mais uma forma de segregação no país.

Primordialmente o ensino público brasileiro vem sendo deixado de lado, o descaso torna-se mais frequente e visível a cada dia que passa. Muitas das escolas encontram-se em locais de difícil acesso, algumas acabam tendo um ambiente inapropriado para o uso, não possuindo uma estrutura e um saneamento básico apropriado ou até mesmo não possuindo professores para dar aula, sendo assim o déficit na educação dos usuários do ensino público vem a ser algo quase irreparável.

Ademais o ensino particular torna-se o completo oposto do ensino público, possuindo uma estrutura digna e um ensino tido como de qualidade, no entanto possui um elevado preço que apesar de possuírem bolsas de desconto os preços

ainda sim são incensíveis a população carente, dessa forma o ensino particular se tornou discriminatório gerando mais uma forma para segregação social, estruturando assim uma sociedade elitista que monopoliza a educação para si.

A concluir o tema, A educação em questão no Brasil Contemporâneo, com o intuito de solucionar as problemáticas evidenciadas entre o abismo da educação pública e a particular, o governo que tem como finalidade reger e organizar a sociedade, deveria executar medidas que melhorasse a educação pública.

Primordialmente, o governo deveria executar incentivos fiscais destinados as escolas públicas, com o objetivo de melhorar a estrutura das escolas fornecendo a elas um meio de transporte para as escolas distantes, uma reforma para escola precárias e matérias para o funcionamento das mesmas. Dessa forma, gerando uma base estudantil decente, os preços dos ensinos particulares reduziriam junto com a discriminação e a segregação social, além de deselitizar o conhecimento no Brasil.

DA30

Indubitavelmente que a linguagem não é somente um meio de comunicação, e ela vem nos provando isso ao longo dos séculos. Ela não é um processo binário onde só recebe ou só envia mensagens envolve uma interação cognitiva mais elaborada, sua vasta combinação e complexidade é queda valorização a objetos, respeito e convívio de diferentes culturas ao longo da história da humanidade.

Antes de mais nada o universo da linguagem é completamente complexo e imenso sendo um conjunto vasto de signos que combinam, segundo regras, com objetivo de transmitir e provocar uma reação no receptor, mas mesmo assim desde o nascimento já somos programados para falar e fazer uso da linguagem que desde nossos primeiros ancestrais já faziam um estudo sistemático da língua onde sua maior finalidade era transmitir cultura e costumes do seu tempo para geração posteriores. Com isso, a linguagem foi usada e requerida por muitos com ou nem sempre boas intenções.

Não só usada por todos mas também uma grande arma política, ao longo dos anos a sua aprendizagem se deu por muitos meios. Grandes instituições políticas e religiosas abordando geralmente como comportamento social,

transmitindo modelos de vida, de cultura e da maneira de pensar e agir. Muitos desses modelos já trouxeram calamidade para nossa história e por isso devemos analisar como um todo e não simplesmente um jogo de perguntas e respostas.

Portanto, nós falantes devemos fazer o estudo e analisar todo o contexto da linguagem e seu discurso para indentificarmos as diferentes formas de interações e manifestações de cultura, emoções, ideologias onde nós não sejamos um mero receptor passivo. Com isso, não ignorar a rica variedade no qual apresenta a linguagem pois é isso que o torna bela.

DA 31

A educação é um mecanismo que interage com o Ser Humano tudo o que é de seu conhecimento. Ela transforma mentes e lhe da o pensamento critico e de reflexão. Toda forma de mudança, passa pela educação como base, os países desenvolvidos faz grandes investimentos nessa área, principalmente no bloco de pesquisas científicas. No Brasil o ensino e as oportunidades de aprender, nunca foram tao eficazes, pois falta um olhar mais cuidadoso para os investimentos destinados a esta parte, crianças, jovens e até mesmo adultos, por muitas vezes tem dificuldades de se inserir em um sistema de aprendizagem.

Nos últimos anos o sistema educacional brasileiro passou por mudanças que de certa forma melhorou a infraestrutura do quadro, as matrículas dos alunos aumentou um tanto considerável, doque no passado, onde trabalhar seria uma carreira mais adequada que estudar, e também uma forma de se definir status social, pois quem tinha o prazer de frequentar a escola era a burguesia. É fato que ainda a muito que melhorar para o nosso país conseguir acompanhar as potencias mundiais, não só nas áreas dos grandes centros comerciais, mas também no norte e nordeste do Brasil, onde se mais carece de um melhor planejamento e investimentos, os alunos dessa região passam por inúmeros desafios para conseguir um ensino de qualidades, por muitas vezes não conseguindo nem chegar neste direito que cada cidadão brasileiro tem quando nasce.

Um dos grandes benefícios estudantis que foi empregado na década passada, é a cota nas universidade públicas e privadas, pois ela da o direito do cidadão oprimido e excluído da sociedade ter uma oportunidade de melhorar a sua vida, passar de um patamar de pobreza para uma estabilização social, essas

cotas é um sistema que reserva vagas para grupos específicos classificados por etnias ou por ter um baixo poder aquisitivo, esse modo busca abaixar a desigualdade social e econômica do brasileiro, talvez a única chance de um indivíduo não ficar refém de um trabalho braçal com pouco retorno financeiro.

Portanto, fica evidente a melhora na infraestrutura educacional, mas não é um rendimento adequado para um país grande e com muita desigualdade social e econômica, a melhor forma de se buscar um caminho “certo” é a reorganização na educação brasileira, fazendo com que o “pobre” e o “rico” o “negro” e o “branco” mantenham o mesmo nível de aprendizado e que não se desvie da formação curricular e além de tudo investir dobrado nas instituições e nos alunos das áreas mais pobres do país, a mudança não é rápida e sim gradativa e demorada.